# SATOSHI

# SATOSHI

- Alguém aqui sabe qual é a maior crença do mundo? - O palestrante pergunta à plateia que lota o *Hong Kong Theatre*, uma das salas de conferência da *London School of Economics*.

O ambiente encontra-se tomado pelo silêncio, que é quebrado apenas pelo barulho do assoalho de madeira quando algum dos presentes se ajeita na cadeira.

O elegante palestrante é Ulrich Fersen, um bem sucedido economista e programador alemão que tornou-se uma lenda no Vale do Silício. Sua energia e seu carisma são tão intensos que, não fossem os cabelos brancos salpicados entre os castanhos, o quarentão facilmente se passaria por um rapaz de vinte e poucos.

- Ninguém? - Ele insiste, encarando o auditório de um lado ao outro e, por fim, elevando o olhar para o mezanino. - Vamos lá, pessoal! Mas sem pesquisar na internet! Tenham coragem!

- Seria o cristianismo? - Arrisca um jovem gordinho e com a barba por fazer, sentado bem na frente, à esquerda do púlpito.

- Não, mas você chegou perto! - Ulrich exclama, sorrindo. - Qual é o seu nome?

- É Nathan, senhor.

- Nathan, deve haver cerca de dois bilhões e meio de cristãos no mundo, mas a maior crença tem mais devotos do que isso.

- Então seria o islamismo? - O rapaz tenta novamente.

- Também não! Os muçulmanos são aproximadamente dois bilhões. - Ele responde, voltando seu olhar para uma mulher que está com o braço levantado no outro lado da sala, perto das enormes janelas que permitem a invasão da luz do final de tarde. - Qual é o seu nome?

- É Ingrid.

- Então diga você, Ingrid! - Ele pede, de maneira cortês.

- Se não é o cristianismo e nem o islamismo, então deve ter o maior número de seguidores por estar dentro de algum dos gigantes asiáticos. Por acaso é o hinduísmo?

- Excelente raciocínio! - Ele responde animado. - Mas o hinduísmo tem pouco mais de um bilhão de seguidores. Também não é.

- Não faz sentido! - Alguém grita do mezanino.

- Como é? - Ulrich olha para o alto, tentando encontrar seu novo interlocutor.

- Eu di-disse que não faz sentido!

- Perdão, mas daqui debaixo eu não estou conseguindo encontrá-lo. Você poderia se levantar, dizer o seu nome e expor para nós o seu ponto de vista?

- Meu no-nome é Nicholas. - Gagueja um jovem que se levanta lá em cima, bastante magro e com o cinto amarrando a calça acima do umbigo. - Pe-pelos números que você mesmo informou, só as religiões que já fo-foram ci-citadas somam mais de cinco bi-bilhões e meio de pe-pessoas. Além di-disso, há cerca de um bilhão de ateus. Me-mesmo que todo o restante da po-população mundial seguisse a mesma religi-gião, o que cla-claro que não é verdade, não haveria pessoas suficientes para supe-perar o número de cristãos! A maior reli-ligião do mundo só po-pode ser o cristianismo!

- Muito bem, Nicholas! Peço que você continue de pé para me ajudar a explicar agora o meu ponto de vista, pode ser?

- Cla-claro.

- O que é uma crença?

- Be-bem... - O rapaz, bem desajeitado, leva uma mão ao cotovelo e a outra ao queixo, olhando por alguns instantes para o teto do auditório. - Acho que é a-algo no que a gente acredita por fé, indepe-indepe-independentemente da existência de uma base concreta.

- Excelente definição! - O palestrante bate palmas animadamente. - Partindo dela, eu posso afirmar a vocês, sem medo de errar, que a maior crença do mundo congrega não apenas cristãos, muçulmanos e hindus, mas também judeus, taoistas, bahá'ís, espíritas, ateus, e seguidores de todas as outras religiões existentes. Todos conduzem suas vidas diariamente e tomam importantes decisões com base em uma crença comum.

O auditório continua atento, mas inerte, encarando de volta o dono do palco.

- Senhoras e senhores, a maior crença do mundo é a fé monetária!

A afirmação do orador faz surgir por todo o recinto uma forte onda de cochichos e risadinhas. Alguns permanecem em silêncio, com o olhar perdido, nitidamente tentando entender o que acabou de ser dito, mas a maioria faz comentários animados à pessoa sentada ao lado. Dentro do pequeno e fugaz alvoroço, destaca-se a risada debochada de um jovem loiro e encorpado sentado na terceira fileira, bem à sua frente.

- Vejo que você não concorda com a minha afirmação. - Diz Ulrich sorrindo simpaticamente e apontando para o rapaz.

O auditório rapidamente volta ao silêncio.

- É claro que não. - Ele responde sem se levantar, denunciando a origem norte-americana em seu sotaque e denotando algum desprezo em seu tom de voz. - O dólar não é uma crença. Isso não tem nada a ver com fé.

- Certo. - Diz o professor, apontando o dedo indicador para cima, como quem pede atenção. - Peço que você se levante, por favor, diga seu nome e explique o fundamento desta sua afirmação.

- Lastro! - O rapaz diz logo após se levantar, erguendo um pouco os ombros e as mãos, com as palmas viradas para cima, como quem acaba de dizer o óbvio. - Simples assim! E o meu nome é Adam.

- Bem, Adam, - o palestrante responde, colocando as mãos nos bolsos e dando alguns passos pelo tablado. - cerca de um terço dos americanos ainda acredita que o dólar seja lastreado em ouro…

- É claro que não! - O jovem o interrompe, com nenhuma polidez. - Eu sei que o Sistema *Bretton Woods* já não vigora há décadas! É claro que o dólar não tem lastro em ouro!

- Ótimo! - Ulrich exclama empolgado, parando e apontando novamente para o rapaz. - Mas, então, ele tem lastro no quê?

- Na economia americana! Mais dólares só são emitidos à medida que a economia americana cria mais riquezas. Por ser a moeda oficial nos Estados Unidos, cada dólar que circula no mundo pode comprar um bem de valor equivalente na América. Esse é o lastro do dólar.

- Perfeito! - Diz Ulrich, com um sorriso agradável no rosto. - E como você garante que somente serão emitidos mais dólares na medida em que forem criadas mais riquezas no país?

- Não sou eu quem garante! - Ele responde, com mais uma risadinha arrogante. - Quem garante é o FED. O *Federal Reserve System*.

- Então você tem que concordar que o suposto “lastro” que você atribui ao dólar é, na verdade, a sua confiança no trabalho do FED, não é mesmo?

- Bem, - diz o rapaz, olhando para cima e, pela primeira vez, demonstrando um bom tanto de insegurança - de certa forma, sim. Mas se trata de uma instituição sólida, altamente confiável, com mais de cem anos de existência! - Ele diz, novamente levantando os ombros e as palmas das mãos, desta vez não com prepotência, mas como quem se esforça para tentar justificar uma convicção da qual passou a duvidar.

- Certo. Eu sou apenas um economista e programador, e não sou nem o melhor dos economistas e tampouco o melhor dos programadores,

mas tenho duas más notícias para lhe dar, Adam. - O palestrante sentencia, agora com o rosto bastante sério, mas sem tripudiar. - A primeira delas é que o que você inicialmente chamou de "lastro" e depois de "confiança", na verdade, não passa de fé depositada majoritariamente em um grupo de sete homens que compõem o conselho do FED.

A afirmação faz surgir no recinto um leve burburinho, tão leve quanto o rubor manifestado na face do jovem que há pouco tentava exibir uma confiança exagerada.

- A segunda é que esses homens vêm traindo a sua fé já há algum tempo. Sente-se e olhe atentamente para a tela, por favor.

Ulrich aciona o aparelho que tem no bolso e expõe aos alunos o primeiro *slide* de sua apresentação. Trata-se de um gráfico que traz em seu eixo horizontal uma sequência de anos e, acima dele, uma linha crescente.

- Vocês estão vendo esta linha que começa em 1914 e como ela se mantém com um crescimento razoavelmente estável por quase cem anos, até meados de 2008?

Todos observam atentos.

- Pois bem, esta linha representa a emissão de dólares americanos pelo FED. O que acontece com essa linha em 2008, Adam?

- Ela cresce bastante. - O rapaz responde, agora com uma voz baixa e constrangida.

- "Bastante" é um termo impreciso. Ingrid, você consegue enxergar daí o quanto seria esse bastante?

- Me parece que ela dobrou de tamanho.

- Perfeito! Nathan - o palestrante vira-se para o rapaz gordinho -, você acha que todas as riquezas existentes nos Estados Unidos da América dobraram em apenas alguns meses do ano de 2008? Teriam os americanos realizado a proeza de multiplicar por dois, naquele curto

espaço de tempo, todas as riquezas que o país acumulou em toda a sua história até ali?

- Acredito que não, senhor. - O rapaz responde, achando graça.

- Nicholas, você ainda está aí em cima? - O professor grita com entusiasmo, levantando o olhar para o mezanino.

- Sim, se-senhor.

- Você sabe me responder o que aconteceu na economia americana neste período de 2008?

- Foi a pior crise eco-conômica desde 1929 até então.

- Pessoal, não apenas em 2008, mas também antes e ainda mais depois, o FED vem emitindo dólares de forma desenfreada e completamente desconectada do volume de criação de riquezas pela economia americana. O que sustenta o valor atribuído pelas pessoas ao dólar não é nenhum metal precioso e muito menos a economia americana, mas exclusivamente a fé, uma crença sem qualquer fundamento. Vejam o que aconteceu aqui - o palestrante indica outro ponto do gráfico -, em 2020. A economia americana reduziu sua produtividade drasticamente por causa de uma pandemia e, o que o FED fez? Promoveu uma expansão monetária ainda maior!

- Mas o dólar é a principal moeda de reserva de valor do planeta! - Exclama Adam, visivelmente ressentido.

- Exatamente! E essa é uma das principais razões de o dólar não ter se desvalorizado brutalmente todas as vezes que o FED expandiu sua base desenfreadamente, sem qualquer relação com a criação de novas riquezas. Se todos esses dólares tivessem circulado dentro da economia americana em 2008, em poucos meses, tudo o que antes custava um dólar passaria a custar dois. Todos que tivessem cem dólares guardados debaixo do colchão, em pouco tempo somente conseguiriam comprar aquilo que antes compravam com cinquenta dólares. Isso se chama inflação e é isso que, via de regra, acontece quando os governos emitem mais dinheiro do

que é criado de riqueza no país e, acredite em mim, eles quase sempre fazem isso.

- Você está querendo dizer que o dólar somente não se desvalorizou pela metade em 2008 porque o mundo inteiro usa dólares como reserva de valor? - Indaga Adam.

- Essa é uma parte da explicação. Desde 2008, o mundo tem sim absorvido boa parte desse tsunami de dólares gerado pelo FED. Mas o que também impediu a hiperinflação da moeda por um bom tempo foi o fato de que esses dólares ficaram travados no sistema financeiro, em ações de socorro aos bancos, e não chegaram efetivamente até às mãos das pessoas. Mas eles estão por aí! Tem se tornado cada vez mais difícil para o FED manobrar tais ampliações da base monetária sem que esses dólares cheguem à economia real e, quando isso não for mais possível, há um grande risco de que a moeda entre em colapso. Ao contrário do que você acreditava até há pouco, o dólar não está lastreado em nada. Para ser mais claro: o dólar é uma grande bolha que pode estourar a qualquer momento.

- Acontece que nenhum país tem mais a sua base monetária lastreada em ouro! Se não pudermos confiar no dólar, vamos confiar no quê? Vamos todos voltar a usar barras de ouro para reserva de valor? Você sugere que as pessoas guardem ouro, Sr. Fersen?

- O ouro seria uma opção, já que existe um amplo consenso mundial a respeito do seu valor e, especialmente, por não ser de livre emissão. Quero dizer, pelo menos enquanto os alquimistas não descobrirem um processo barato para transformar chumbo em ouro, todo o ouro disponível no mundo decorre da mineração, o que impede que, de uma hora para outra, alguém simplesmente multiplique por cinco a quantidade de ouro disponível no mercado. Por outro lado, ele tem algumas inconveniências, como as dificuldades de manuseio e guarda, mas, principalmente, de verificação de sua pureza ou autenticidade a cada transação.

- Ou seja, melhor continuar usando o dólar, não é mesmo? - Diz o rapaz, numa entonação que começa como um leve triunfo, mas termina como uma súplica.

- Talvez não! - Responde Ulrich, no ápice de sua empolgação, acionando novamente o passador de slides para apresentar a próxima imagem. - Felizmente também temos isso!

- O que temos aqui, Axel? - Pergunta a mulher que acaba de estacionar o carro e se aproximar de um enorme galpão cinzento.

Ela é uma mulher bonita, de pele clara, olhos verde-escuros e cabelo mel. Parece ter um pouco mais de quarenta anos, ou, talvez, um pouco menos. Sua feição é a de quem não acordou de bom humor.

Ao que parece, o edifício possui apenas uma porta de entrada. Trata-se de uma porta grande, de ferro, posicionada bem no centro da fachada, pintada de branco e contornada em preto. Não há nenhuma janela no galpão e, nitidamente, ele foi recém construído nesta área rodeada de pastos por todos os lados.

- Olá, Claire! - Responde, simpaticamente, o rapaz de vinte e poucos anos que está agachado perto de uma fileira de caixas encostadas na parede do galpão.

- Você deve imaginar o quão curiosa eu estou para saber por que a Agência me mandou encontrá-lo aqui no meio das fazendas de Nooksack. - Ela diz irritada, usando o termo Agência para referir-se à *Central Intelligence Agency* - C.I.A. - Levei quase duas horas de Seattle até aqui!

Está um dia relativamente quente para os padrões do local. O rapaz passa a mão nas têmporas para jogar o cabelo para trás e limpar o suor que escorre na lateral do rosto.

- Eu estava tentando abrir essas caixas para ver o que há dentro, mas é mais difícil do que parece.

Claire olha para uma das caixas e reconhece o logotipo que está marcado nela.

- NED?

- Sim. New England Dynamics. - Ele responde, voltando a agachar-se perto das caixas e a analisar suas junções, à procura de um ponto de abertura.

- Eu tenho um NED-Cleaner!

- É mesmo? - Ele pergunta, surpreso.

- Sim! Ele limpa a minha casa toda e pede, sozinho, mais produtos de limpeza quando estão acabando! Eles são entregues no lugar que eu programei e eu nem vejo a mágica acontecendo! Só sei que foram comprados mais produtos quando vejo na conta do cartão de crédito! É fantástico! Você já viu um desses funcionando?

- Se eu já vi? Você tá de brincadeira? Eu tenho um Cleaner há quase dois anos! Só me surpreendeu o fato de você ter um! Achei que você fosse mais… mais tradicional, sabe? - Ele comenta, depois de encontrar uma palavra mais bonita do que “antiquada” ou “ultrapassada”. - Eu tenho também um NED-Gardner e um NED-Partner!

- NED-Partner?

- Sim. É aquele robô cachorro! Ele vigia a casa toda! Faz tudo que um cachorro extremamente inteligente faria, menos xixi e cocô! - O rapaz fala rindo.

- Ah, sim! Eu recebi um vídeo desse cachorro! Parece ser fantástico também. - Ela responde, aproximando-se das caixas e passando a mão

sobre elas. - Mas essas caixas são grandes. Devem ser equipamentos bem maiores.

- Com certeza!

- Mas você ainda não me respondeu o porquê de estarmos aqui. - Ela diz, afastando-se das caixas e, de maneira súbita, recompondo-se à postura séria de quando chegou. - E com que direito você está tentando abrir essas caixas?

- Ok. Vou explicar, mas você se importa de antes irmos ali para a sombra?

- Bitcoin, senhoras e senhores! - Exclama Ulrich. - Essa será a nossa solução para o problema monetário! Bem, é claro que poderia ser qualquer outra criptomoeda baseada em um *blockchain* sólido e transparente e com um sistema que assegure a sua escassez, mas o próprio Bitcoin, especificamente, ainda é a minha maior aposta!

- O que garante a escassez do Bitcoin? - Pergunta Adam.

- Há um número limite de bitcoins. O número máximo de bitcoins que poderá haver no mundo é 21 milhões. Isso lhe garante escassez, o que, por sua vez, é um dos fatores que lhe dá valor. Desde que um número suficiente de pessoas lhe atribuam utilidade monetária, ou mesmo utilidade como reserva de valor, a sua escassez lhe atribuirá um valor cada vez maior. O ouro, por exemplo, é muito mais escasso do que o dólar, já que ele não pode ser criado ao bel prazer dos burocratas do FED. Por outro lado, não sabemos quanto ouro ainda há para ser minerado no mundo. Talvez alguém encontre uma jazida de ouro gigantesca e de fácil extração amanhã mesmo e, com isso, aumente drasticamente a oferta do metal no mercado, reduzindo o seu preço. Também não sabemos se um

dia haverá algum processo barato para criá-lo a partir de outros metais, o que também baixaria o seu preço. Há uma enorme imprevisibilidade! Quanto à escassez do Bitcoin, por outro lado, a previsibilidade é total! Temos como ter essa certeza: serão 21 milhões de bitcoins no *blockchain*, e acabou.

- Sr. Fersen - uma senhora sentada na primeira fileira levanta o braço -, meu nome é Eva. O que exatamente é um *blockchain*?

- Ótima pergunta, Eva! Um *blockchain* é um tipo de livro de registros digital e descentralizado onde são registradas todas as transações realizadas entre participantes de determinada rede. Por exemplo: digamos que todos os presentes nesta sala tivessem decidido criar uma moeda incorpórea, não materializada em nada concreto, e que fôssemos chamar essa moeda de “Fersencoin”. Então, decidimos que cada um de nós iniciará com dez Fersencoins, bem como cada um terá um livrinho, onde anotaremos todas as transações de Fersencoins entre nós. Se eu decidir dar duas das minhas Fersencoins para o Nicholas, todos nós anotaremos o montante, a data, e os nomes de quem enviou e de quem recebeu as moedas. Combinaríamos também que, a cada vinte e quatro horas, todos resumiríamos na última linha da página o saldo de cada um, viraríamos as páginas dos nossos livrinhos, e iniciaríamos a primeira linha dessas novas páginas com a mesma informação que foi registrada na última linha da anterior, assim cada página tem um elo com a página anterior e com a seguinte. Isso seria quase como uma forma arcaica do que é um *blockchain*.

- É um pouco confuso. - Diz Eva, nitidamente sem ter entendido completamente a explicação.

- Um *blockchain* - continua Ulrich - é basicamente um livro de registros descentralizado, do qual todos os participantes da rede detêm uma cópia.

- E o que garante que nenhum dos participantes de rede registre uma informação falsa, por exemplo, atribuindo em seu próprio saldo mais moedas do que realmente deveria ter? - Pergunta o senhor que está sentado ao lado de Eva.

- Qual é o seu nome, senhor?

- É Ulysses.

- Veja, Ulysses, que as informações são registradas em cadeia. Cada bloco de informações, que seriam como as páginas do livro, é ligado ao bloco anterior e ao seguinte. O seu saldo de moedas somente poderá receber mais moedas se elas saírem do saldo de outra pessoa. Caso contrário, haverá um desencontro de informações entre o que você registrou no seu livro e o que todos os registros anteriores constantes nos livros de todos os outros integrantes dessa rede.

- Mas, se na minha cópia do livro eu tenho as informações sobre os saldos de todas as outras contas, o que me impede de registrar uma saída de moedas de outra conta para justificar uma entrada na minha conta?

- No *blockchain* do Bitcoin, cada registro do envio de moedas de uma carteira para outra exige a inserção da chave privada da carteira de quem está enviando. Além disso, cada transação precisa ser validada por mais da metade da rede. Uma vez validada, a informação registrada torna-se transparente e imutável.

- Mas para saber se a senha de uma carteira está correta e, assim, validar uma transação, os membros da rede precisam saber esta senha, não é mesmo?

- Não. O sistema Bitcoin usa a chamada criptografia assimétrica de chaves públicas e privadas. Você, como dono de uma carteira de bitcoins, possui uma chave privada, e esta chave você não deve contar para ninguém. Mas você também possui uma chave pública, que é formada a partir da sua chave privada, e essa todos podem saber. Até aqui tudo bem, Eva? - Ulrich pergunta, percebendo alguma apreensão no olhar atento da senhora.

- Sim, estou acompanhando.

- Quando você faz uma transação, o sistema Bitcoin usa um algoritmo de assinatura que combina as informações da sua transação, tais como o valor e o endereço da carteira que o receberá, com a sua

chave privada, criptografando as informações da sua transação em um tipo de mensagem cifrada. Depois, quem quiser validar tal transação, deverá pegar tal mensagem cifrada e, por meio do algoritmo de verificação, combiná-la com a sua chave pública, que é a que todos sabem. Por meio de cálculo matemático, o algoritmo responderá se a chave que criptografou a mensagem é a correta, ainda que o validador tenha acesso apenas à chave pública.

Ao terminar de falar, Ulrich vê todos o olhando calados e com os olhos arregalados. Embora não tenha a chave para ler as mentes das pessoas, ele consegue decifrar seus olhares e perceber que não entenderam nada da sua explicação sobre criptografia assimétrica.

- Bem, pessoal, essa parte da criptografia, que é o que dá segurança às senhas e às transações do Bitcoin, é um pouco mais complexa e demanda explicações um pouco mais longas. Se eu não tivesse um voo marcado para daqui a pouco, eu passaria as próximas três ou quatro horas dissecando este assunto aqui com vocês - ele fala em tom de brincadeira -, mas como o tempo é curto, vou pedir para que vocês pesquisem esse tema na internet depois da palestra. Vamos passar para outros aspectos desse assunto. Alguém sabe o número aproximado de pessoas que atualmente já utilizam bitcoins? Quem arrisca chutar?

- Certo. Então, um rapaz morreu aqui há duas semanas. - Claire repete a informação que acabou de receber. - E o que a Agência tem a ver com isso? Fomos rebaixados ao departamento de homicídios do condado de Nooksack e esqueceram de me avisar?

- Não foi um homicídio, Claire. O rapaz estava instalando placas de energia solar no telhado. Ele escorregou e caiu. Foi um acidente.

- Certo. Então fomos rebaixados a peritos da companhia de seguros?

- Alguém realmente acordou azeda hoje! - O jovem agente diz, sorrindo, já acostumado com os dias difíceis da chefe. - Tenha calma, Claire! Eu vou explicar!

- Ok. Prossiga.

- O rapaz caiu, morreu, e ninguém ficou sabendo por pelo menos uma semana. Ele ficou ali, estirado no chão, porque ninguém passa por aqui e nem entra ou sai desse galpão. Ele só foi encontrado há alguns dias, quando os entregadores vieram deixar essas caixas.

- O galpão parece ser novo. - Ela comenta, olhando para a estrutura. - Ainda não deve estar ocupado.

- É aí que começam os mistérios! - Axel exclama, levantando o dedo indicador, com a empolgação de quem anuncia um espetáculo circense. - O galpão está, sim, ocupado. Há um consumo de eletricidade enorme lá dentro o tempo todo.

- E o que há lá dentro?

- Não sei. Ninguém entrou ainda. A porta é reforçada e tem fechadura eletrônica. O proprietário informou que construiu o galpão conforme o projeto e as orientações do locatário, e que as especificações eram bem claras a respeito da segurança da porta.

- E qual é a dificuldade em convencer o locatário a abrir a porta?

- A dificuldade está em encontrar o locatário.

- Como assim? Você quer que eu acredite que o proprietário construiu um galpão inteiro com as especificações exigidas pelo locatário e não tem sequer um contrato de locação no qual esse inquilino possa ser identificado?

- O contrato existe, mas o locatário é uma empresa chamada JG Holdings S.A., sediada no Panamá, que tem como única acionista outra empresa, sediada em Andorra, que é de propriedade de uma empresa

sediada nas Ilhas Cayman, que, por sua vez, é de uma empresa que fica no Uruguai, que é de uma empresa de Seychelles, que é de uma empresa de Liechtenstein, que é de outra de Tuvalu, e assim por diante com dezenas de empresas, até que a última é de propriedade de... Tenta adivinhar!

- Diga logo! - Claire se exalta, impaciente.

- JG Holdings, a primeira, fechando um círculo.

- Isso não faz sentido.

- Nenhum! Eu tentei identificar alguma pessoa física no ciclo, algum ex-acionista que tivesse sido substituído depois por uma empresa, mas não encontrei nada. Em algum desses países houve uma brecha por onde essa pessoa conseguiu sair sem deixar nenhum rastro.

- Ok. Mas, mesmo assim, alguém precisa ter procuração para assinar em nome dessas empresas.

- Há um advogado no Panamá que assina os documentos por procuração, mas pelo o que pude investigar, ele faz isso para centenas de clientes.

- Temos que falar com ele.

- Claro! Já tentei algumas vezes, mas ainda não consegui.

- Continue tentando, mas, enquanto isso, temos que descobrir o que há dentro deste galpão. Vamos entrar.

- Eu já dei uma olhada na porta. - Ele responde, com desânimo. - Não vamos conseguir sozinhos. Precisamos de um especialista.

- Mas para isso precisaríamos de uma ordem judicial.

- Eu sei.

- Isso pode levar dias, principalmente se for difícil promover a notificação do locatário.

- Eu sei. - Axel responde, com ainda maior desânimo.

- Você já checou se não há mais nenhuma porta? - Ela questiona, olhando para as duas câmeras instaladas na parte mais alta da fachada.

- Claro que verifiquei. Não há outra porta e nem janelas.

- Mesmo assim, vou dar uma olhada em volta.

- Mas se essas carteiras de bitcoins podem ser criadas sem estarem vinculadas ao nome de nenhuma pessoa, isso não pode ser usado para facilitar as atividades de terroristas, assassinos, traficantes e todos os tipos de criminosos?

- Qual é o seu nome?

- É Tiffany.

Ulrich abaixa a cabeça, depois dá uma olhada panorâmica por todo o auditório, que está novamente tomado pelo silêncio e, então, volta-se novamente para a moça.

- Sim, Tiffany, o Bitcoin pode ser usado por bandidos. Mas as notas de dólares também podem, não?

- Claro.

- E quanto ao ouro e às pedras preciosas?

- Podem também, claro! Mas o Bitcoin pode ser usado com muito mais facilidade para realizar remessas de valores nacionais ou internacionais, a qualquer hora do dia ou da noite, de forma rápida, fácil, barata, segura, sigilosa e quase imediata. Foi você mesmo que acabou de nos explicar tudo isso. Isso não facilita demais a vida dos bandidos?

- Tiffany, pense novamente em todos os atributos do Bitcoin que você acabou de elencar e imagine como eles facilitarão cada vez mais a vida das pessoas honestas! Faria sentido pensarmos em limitar os avanços tecnológicos pelo simples fato de que suas facilidades podem também acabar sendo usadas por bandidos? Como você acredita que os bandidos se comunicavam antes da invenção do telefone celular? E como será que eles fugiam da polícia antes da invenção dos carros? Você cogitaria pedir a proibição de celulares e automóveis sob a justificativa de que eles facilitam demais a vida de criminosos?

- Mas é diferente!

- E seria diferente por quê?

- Eu não sei, mas é!

- A diferença reside simplesmente no fato de que celulares e automóveis já são tecnologias assimiladas pela maior parte da população, enquanto o Bitcoin ainda é uma novidade para a maioria das pessoas. Ou você vê outra diferença?

- Eu não sei. - Ela responde. - Confesso que essa questão me intriga.

- Eu iria além. - Ele continua. - Você levantou a hipótese de que o Bitcoin possa ser usado por bandidos para se esquivarem do poder do estado, mas você pensou nos casos em que ele possa ser usado para livrar homens e mulheres da perseguição perpetrada por estados totalitários? Será que ele teria facilitado a fuga de judeus perseguidos pelo estado nazista na década de 1930? Será que ele pode, nos dias de hoje, facilitar a fuga de cubanos, venezuelanos, norte coreanos e até chineses do controle totalitário de seus governos?

- Mas também pode facilitar a vida de sonegadores de impostos! - Grita um rapaz, lá do meio.

- Quem disse isso? - Ulrich pergunta, levantando um pouco os olhos para tentar identificar o interlocutor.

- Fui eu! - Responde um estudante, levantando o braço.

- Qual é o seu nome?

- É Edward.

- Meu caro Edward - Ulrich fala com um largo sorriso no rosto -, imposto é roubo! Sonegação é legítima defesa.

- Quem é? - Pergunta Claire, retornando dos fundos do galpão e avistando um automóvel que segue se aproximando pela estrada de terra.

- Não faço a menor ideia. Não chamei ninguém. - Responde Axel, encostado em seu veículo e também observando a aproximação.

Claire também se encosta no carro e espera a chegada do novo visitante.

Ela deu uma volta completa no galpão, que é ainda maior do que parece para quem o vê da entrada. Analisou cada pedaço de suas paredes externas e do chão ao redor da construção à procura de uma pequena área de ventilação, uma janela discreta ou um alçapão que pudesse facilitar a entrada deles no imóvel, mas não havia nada além da grande porta branca na parte da frente.

Assim que o veículo entrante para em frente ao galpão, a alguns metros deles, é possível ler com clareza as letras pretas adesivadas na lataria branca de suas portas: “Irmãos Johnson Automação e Manutenção Robótica”.

- Bom dia. - Diz o pacato homem de macacão azul que sai do carro, antes de caminhar até o porta-malas de seu carro, abri-lo, e passar a separar ferramentas.

Claire e Axel olham-se mutuamente por um segundo e depois permanecem imóveis, de braços cruzados, observando o homem e seus tranquilos movimentos, que vêm acompanhados pelo assobio de uma melodia que parece estar sendo - pessimamente - composta ao mesmo tempo em que é performada.

O técnico fecha o porta-malas e vem caminhando com uma maleta nas mãos. Passa por eles cumprimentando-os novamente, mas desta vez apenas com um sinal de cabeça, ligeiramente constrangido pelos olhares que atentamente o acompanham. Ele aproxima-se das caixas que estão encostadas na parede e abaixa-se, de costas para eles, abrindo a maleta no chão.

Os dois desencostam-se do carro e, discretamente, aproximam-se do homem.

- O que você está fazendo? - Ela inquire.

O técnico, agachado, olha para cima com uma feição que demonstra uma certa incredulidade em relação à pergunta, como se a resposta fosse óbvia.

- Eu vim montar os Handlers. - Ele responde num tom que confirma: achou mesmo a pergunta idiota.

Ele pressiona, simultaneamente, os dois cantos superiores de uma das caixas, o que é suficiente para que se rompam, de maneira perfeita, dois pequenos pedaços do invólucro e, ao mesmo tempo, seja acionado um simples sistema interno que faz a tampa saltar.

- Ah! - Exclama Axel, levantando as sobrancelhas e pressionando os lábios, surpreso com a simplicidade que envolve a abertura das caixas que ele vinha examinando há quase uma hora.

- Você trabalha aqui? - Pergunta Claire.

- Não, moça. - Ele responde depois de um breve suspiro de irritação, levantando-se e retirando a tampa da caixa. - Eu só vim instalar esses NED-Handlers.

- Quem contratou você? - Ela insiste.

- Quem são vocês? - Ele pergunta nitidamente incomodado.

- Somos agentes da C.I.A. - Axel fala tranquilamente, mostrando suas credenciais.

- Ah, ok. - O homem responde retraindo-se e ligeiramente afastando-se da caixa. - Devo parar o que estou fazendo?

- Não. - Ela responde. - Apenas responda às nossas perguntas. Quem contratou você?

- Bem… - Ele diz apalpando os bolsos do macacão à procura de algo e, em seguida, retirando de um deles um papel dobrado e entregando-o a ela. - Foi essa empresa aí que tá na ordem de serviço.

- JG Holdings S.A. - Claire lê em voz alta. - Mas quem falou com você?

- Ninguém, moça. Veio um pedido por e-mail mesmo.

- E quem assina o e-mail?

- Acho que ninguém. Só tinha mesmo o nome da empresa. - Ele diz tirando o celular do bolso e manuseando-o por alguns segundos. - É isso mesmo, olhe.

Ela vê a mensagem aberta no celular do técnico. Na assinatura há apenas o nome da empresa.

- Ok. - Ela responde desesperançosa. - E você pretende simplesmente montar esses robôs e deixá-los aqui fora?

- As orientações que vieram por e-mail é de que eu monte eles e os deixe numa área com pontos para carga elétrica, que é para ser um quadrado vermelho pintado no chão com o número 38.

- Mas onde? - Claire pergunta abrindo os braços e olhando em volta sem ver nada parecido com o que ele descreveu.

- Lá dentro do galpão.

- Sinto informar - intervém Axel, com um sorriso -, mas não tem ninguém dentro desse galpão.

- Eu sei. Isso também veio escrito no e-mail.

- E como você pretende entrar? - Ela pergunta.

- Pela porta, ué! A senha veio aqui no e-mail.

- Isso é um absurdo! Os impostos são necessários para manter o Estado funcionando! - Exclama uma senhora atarracada, de cabelos brancos e com ares de intelectual.

- Qual é o seu nome, senhora?

- Sou a Dra. Abigail Pia Graeber, professora titular do departamento de antropologia desta instituição!

- Abigail, eu gostaria de dizer que concordo com você. Realmente, os impostos são necessários para manter o estado funcionando.

- Então como você pode alegar que imposto seria roubo?

- Simples: porque é. Imposto, de fato, é roubo.

- Você diz isso mesmo sabendo que o dinheiro dos impostos é utilizado para proteger as pessoas mais pobres, que nasceram sem oportunidades?

- Eu não concordo que a maior parte do dinheiro arrecadado com impostos siga para esta finalidade que a senhora alega, mas, para não nos estendermos demais em um debate que foge um pouco do tema central da palestra, vamos supor que, de fato, o dinheiro dos impostos fosse

totalmente aplicado em benefício de pessoas muito pobres e que não tiveram oportunidades. Ainda assim, o que significa roubo para você?

- De acordo com as leis criminais da Inglaterra?

- Bem, o conceito jurídico de roubo pode variar um pouco entre os países, mas, de modo geral, um roubo é definido como a utilização da violência, ou da ameaça de violência, para retirar de uma pessoa algo que é de propriedade dela. Você concorda?

- Creio que possa dizer que sim. - Ele diz, na defensiva. - Este conceito me parece adequado. Mas eu não sofro violência alguma na hora de pagar meus impostos. Trata-se de um procedimento burocrático que chega a ser entediante, de tão pacato!

- Perfeito, Abigail. Ocorre que a vítima de um roubo que, desde logo, entrega ao assaltante os bens que ele requer, normalmente, não sofre mesmo qualquer violência. Mas até que ela efetivamente entregue os bens requeridos pelo assaltante, a ameaça de violência está pairando sobre sua cabeça.

- E qual é a ameaça de violência que eu estou sofrendo antes de pagar meus impostos?

- Se deixar de pagá-los, você será processada pelo estado. Concorda?

- Sim.

- E, nesse processo, se você continua se negando a pagá-los, eles expropriarão seus bens, tais como carros, imóveis ou qualquer outra coisa que possua valor. Concorda?

- Sim.

- E se você se recusar a entregar tais bens, a sua prisão poderá ser decretada. Concorda?

- Creio que sim. - Ela responde, pensativa.

- E se você se recusar a acompanhá-los até o cárcere, eles usarão a violência para coagi-la, não usarão?

- Talvez, mas, veja - a professora reage, visivelmente nervosa - trata-se de um procedimento para garantir o mínimo de dignidade às pessoas mais pobres!

- E se eu apontar agora mesmo uma arma para a sua cabeça e lhe disser que quero que me entregue a sua bolsa, o seu relógio e os seus anéis, e que se você não o fizer, eu irei atirar, isso deixará de ser um roubo desde que depois eu distribua os seus bens entre os pobres?

- Bem… Não… Mas… Eu quero dizer...

- Sr. Fersen! - Exclama outro professor da instituição, percebendo o clima de constrangimento e tentando trazer o assunto de volta ao objeto central da palestra - No exemplo que você deu há pouco para explicar o que é um *blockchain*, cada um de nós teria direito a dez Fersencoins. Mas acredito que com bitcoins não é assim que funciona. As pessoas não têm direito a dez bitcoins simplesmente por aderirem ao *blockchain* desta criptomoeda, não é mesmo?

- Não, é claro que não! Mesmo porque dez bitcoins, atualmente, representam uma pequena fortuna! - Ulrich comenta, divertindo-se com a ideia. - Qual é o seu nome?

- Perdão, meu nome é Markus. Eu gostaria de pedir que você explicasse de que forma as primeiras pessoas que aderiram ao *blockchain* do Bitcoin receberam as primeiras moedas.

- Excelente questão, Markus!

- Uma mineradora de bitcoins? - Indaga Claire, olhando para os longos corredores formados por altas estruturas metálicas repletas de equipamentos eletrônicos.

- Sim! Eu tenho amigos que têm pequenas mineradoras em casa, mas eu nunca tinha visto uma desse tamanho! Apenas em fotos! - Diz Axel, empolgado.

O técnico que abriu a porta continua trazendo as peças dos NED-Handlers para dentro do galpão e colocando-as sobre um grande quadrado vermelho pintado no chão próximo à porta, com os contornos e um grande número 38 em seu interior pintados na cor preta.

É possível perceber que cada uma das estruturas está montada sobre algum tipo de forma geométrica pintada no chão, havendo algumas poucas formas de cores diferentes sem nada em cima, como é o caso do quadrado número 38. Os ruídos que se escuta são dos aparelhos de climatização, instalados perto do teto, e das milhares de ventoinhas que giram freneticamente acopladas aos circuitos de mineração.

- Impressionante. - Claire fala em voz alta, mas como se comentando consigo mesma, enquanto aproxima-se das estruturas com admiração, analisando-as desde os pés até o alto.

- É equipamento de ponta. - O agente comenta, também olhando mais de perto.

- Estranho. Por que alguém montaria uma estrutura assim tão tecnológica aqui, na área rural de Nooksack?

- Talvez por pura gestão de custos. O aluguel deve ser extremamente barato, o clima é normalmente frio, o que ajuda no resfriamento dos processadores, e a energia elétrica é uma das mais baratas do país. Ainda tem o fator da segurança: o índice de crimes como arrombamentos e furtos por aqui deve ser quase zero.

- Quem projetou esse galpão, sem qualquer janela e apenas uma entrada com a porta reforçada, realmente deve se preocupar bastante em

evitar arrombamentos. - Ela diz, olhando para as câmeras instaladas no alto das paredes internas do edifício.

- Com certeza! Há uma fortuna em equipamentos aqui!

- Mas o que, exatamente, faz uma mineradora de bitcoins? - Ela pergunta, sentindo-se meio ignorante por ainda não saber nada a respeito de um assunto que é tão comentado.

- Uma mineradora é basicamente uma estrutura com capacidade computacional para processar e validar as informações das transações que estão sendo realizadas na rede Bitcoin, por meio do algoritmo do sistema. São as mineradoras que mantém todo o sistema Bitcoin funcionando.

- Ok. E por que alguém investe dinheiro para montar uma mineradora dessas? Quem paga esse investimento?

- O dono de uma mineradora é remunerado de duas maneiras diferentes. De um lado ele recebe do próprio sistema uma quantidade de moedas que vão sendo criadas à medida que ele vai funcionando. Ele recebe uma parte dessas moedas, na proporção da ajuda que ele deu para o processamento dos blocos de informação que foram "minerados". De outro lado, ele também recebe uma parte da taxa que é paga por quem realiza uma transação. Cada transação que ele ajuda a validar lhe dá direito a uma parte da taxa que foi paga pelo autor da transação.

- Mas quem coordena tudo isso?

- O próprio sistema! O código que foi criado lá no início, entre 2008 e 2009, já previa todas as regras de funcionamento. Ele, inclusive, se calibra automaticamente para garantir que a atividade de mineração se torne mais atrativa quando o número de mineradores ao redor do mundo, por algum motivo, se reduz. É um sistema muito bem pensado!

- Sr. Fersen, com licença. - Diz um jovem e educado rapaz de pele bem morena que se aproxima no corredor da *London School of Economics*, enquanto Ulrich encaminha-se para a saída.

- Olá! Como vai?

- Vou bem. Meu nome é Omar, senhor.

- Muito prazer, Omar.

- Eu sei que o senhor ainda tem um voo para pegar, mas se incomodaria em me responder mais uma pergunta?

- É claro que não! Pode perguntar.

- Ficou claro para mim como funciona a mineração de bitcoins e como todo o sistema depende da atividade das mineradoras para funcionar. Mais cedo, porém, o senhor esclareceu que o número limite de bitcoins que poderá ser minerado é de 21 milhões. Diante disso, quando o último bitcoin for minerado, haverá incentivo para que as pessoas continuem investindo na mineração? Apenas as taxas de validação sobre as transações, que são extremamente baixas, não serão muito pouco para remunerar todo esse sistema descentralizado?

- Ótima pergunta, Omar! Em primeiro lugar, é importante estar ciente de que o último bitcoin ainda demorará muito para ser minerado. Diante dos ajustes que são feitos pelo próprio sistema mais ou menos a cada quatro anos, estima-se a última fração de bitcoin será minerada somente no ano de 2140, ou seja, daqui aproximadamente um século! A verdade é que muito antes de passar todo esse tempo, a evolução dos processadores e da geração de energia tornará o custo da capacidade computacional para suportar o sistema tão mais barata que apenas as taxas de validação das transações serão mais do que suficientes para remunerar toda a estrutura necessária.

- E quando esse limite for alcançado, será impossível criar novos bitcoins?

- Exatamente. Será Impossível. Existirão apenas os que estiverem nas carteiras das pessoas.

- Mas é possível que as pessoas percam bitcoins, não é?

- Bem, se você esquecer a chave privada da sua carteira e não a tiver anotado em nenhum lugar, nunca mais ninguém conseguirá acessar os bitcoins que estiverem nela. Eles estarão lá, mas ficarão inutilizados para sempre. Ninguém mais poderá usá-los.

- Nesse caso, toda vez que alguém perder a sua chave ou, por exemplo, morrer e não tiver deixado a chave para ninguém, todos os bitcoins que estiverem na carteira dessa pessoa ficarão para sempre fora do jogo. É como se eles não existissem, correto?

- Exatamente.

- E isso é ruim, não é?

- É muito ruim para quem os tiver perdido! - Ulrich responde sorrindo.

- Mas é ruim para o sistema também, não é? Afinal, se serão apenas 21 milhões de bitcoins, sempre que alguém perder alguns, esse número se reduz cada vez mais.

- Na verdade o único efeito que isso terá sobre o sistema será o de tornar os bitcoins ainda mais escassos. A verdade é que situações como estas que você hipotetizou, e que realmente ocorrem, somente ajudarão a valorizar ainda mais a moeda.

- Faz sentido! - Responde o rapaz, olhando para o além e enxergando a lógica apresentada por Fersen.

- Agora permita-me que eu me despeça! - Ele diz simpaticamente, estendendo a mão ao estudante. - Tenho um voo para pegar ainda esta noite se quiser chegar à palestra que darei amanhã na Califórnia!

- Só mais uma pergunta, senhor. - O rapaz diz, olhando-o nos olhos. - É verdade o que falam a seu respeito?

- Falam muitas coisas a meu respeito, garoto.

- Falam que você é ele. Isso é verdade?

- É claro que não. - Ulrich responde sorrindo. - Até mais, Omar!

- Eles estão prontos? - Pergunta Axel, aproximando-se do homem que acaba de montar os NED-Handlers.

- Sim.

- Até que foi rápido!

- Sim, é bem rápido. São pouco encaixes. Não tem segredo!

- São bem maiores do que eu imaginava.

- É… Eles vêm bem encaixados, mas depois de montados ficam bem grandes mesmo. Eles conseguem alcançar objetos a quatro metros de altura.

- Incrível! Mas são feios, hein?

- Você acha? - O homem pergunta, olhando-os novamente com um sorriso debochado.

- Nossa! Esse negócio parece um avestruz mecânico sobre rodas. É muito estranho!

- O pior é que é mesmo! - Ele dá uma gargalhada. - Isso aí que parece o pescoço de avestruz é, na verdade, o braço do bicho. Você não faz ideia da força que ele tem!

- Axel, você encontrou algo? - Pergunta Claire, aproximando-se do dois.

- Olhei por tudo, mas não encontrei nada além dos circuitos. E você?

- Nada também. Andei entre cada uma dessas estruturas para ver se existia alguma passagem para um andar subterrâneo, mas não tem nada. Não existe sequer uma área administrativa, uma sala, uma mesa, uma cadeira, nada! Nem banheiro tem!

- Isso é muito estranho. - Ele comenta, olhando em volta.

- Muito mesmo. - Ela reforça, cruzando os braços e olhando novamente para as câmeras de segurança do local.

- Bom, pelo menos já temos certeza de que não é uma célula terrorista de fabricação de explosivos ou armas biológicas! - Axel exclama, em tom de brincadeira. - Definitivamente é uma mineradora de bitcoins. Disso eu tenho certeza.

- Eu preciso entender mais a respeito dessas mineradoras. Descubra pra mim quem é o maior especialista da Agência nesse assunto, por favor.

- Ok.

- E também quero entender mais sobre esses negócios aí. - Ela fala com curiosidade, apontando para os NED-Handlers. - Quero entender bem o que eles podem fazer.

- Tudo. - Responde o técnico, intrometendo-se na conversa.

- Como é que é? - Ela pergunta, virando-se pra ele.

- Esses bichos aí conseguem fazer de tudo. Quer dizer, um deles sozinho consegue fazer muita coisa. Dois juntos conseguem fazer quase tudo. Mas se você juntar alguns deles, eles conseguem até montar um carro para você. Eles conseguem fazer qualquer coisa.

- Quantos desses ainda tem nas caixas lá fora? - Questiona Axel.

- Mais oito ou nove.

- Você foi contratado para montar todos eles? - Inquire Claire.

- Não, não! - O homem responde com um sorriso e levantando as sobrancelhas. - Eu vim aqui só pra montar esses dois. Depois que estiverem com a carga cheia, eles é que vão montar os outros.

- Você vai para o Heathrow, não é? - Pergunta o senhor que dirige o carro em que Ulrich acaba de entrar.

- Isso mesmo! Obrigado. - Ele responde, tirando o *tablet* da mochila para ler algumas notícias:

*"O número de crimes associados à utilização de criptomoedas cresceu mais de 1.700% nos últimos cinco anos"*

*"Presidente Blythe afirma que é a favor da inovação no sistema monetário, mas diz que ela não pode ocorrer ao custo da soberania nacional e da segurança do povo americano"*

*"A rede Bitcoin pode ser uma porta de entrada para recursos que financiam o terrorismo, explica especialista em segurança"*

*"Confederação Internacional dos Bancos pretende lançar sua própria moeda digital no próximo ano, sob o controle de um comitê composto por representantes de 51 países, para garantir mais segurança aos usuários"*

*“O parlamento europeu deliberará sobre a definição de limites à utilização do Bitcoin a fim de inibir crimes digitais e atividades clandestinas”*

- Mas que canalhas!

- Perdão, o que o senhor disse? - Pergunta o motorista, que notadamente possui alguma debilidade auditiva.

- Desculpe, senhor. Eu estava apenas resmungando.

- É alguma notícia sobre política? - Ele pergunta, olhando pelo espelho.

- É tão óbvio assim? - O passageiro sorri.

- E tem alguma coisa que consiga irritar mais um homem do que política? O que esses ratos estão tramando agora?

- Qual é o seu nome, senhor?

- É Irwin. E o seu?

- O meu é Ulrich. Prazer em conhecê-lo, Irwin.

- O prazer é meu, Ulrich!

- O que está me incomodando é uma conversa sobre regulamentação de criptomoedas. - O passageiro comenta, voltando a olhar para seu *tablet*, certo de que o interlocutor não se interessará sobre o assunto.

- Ah, eu tenho alguns bitcoins! - O velho motorista comenta com empolgação.

- É mesmo? - O outro pergunta com verdadeira curiosidade, franzindo a testa e inclinando-se um pouco para frente.

- Sim! Quer dizer, é claro que eu não tenho “alguns bitcoins”. Tenho apenas algumas frações de bitcoin! Ah, como eu queria ter uns dez mil bitcoins! - O velho dá uma prazerosa gargalhada. - Você tem?

- Tenho. - Ulrich responde, ao que é respondido com um olhar meio curioso e meio espantado do motorista, pelo espelho.

Ambos perceberam que não ficou claro se o homem havia perguntado ao passageiro se ele tinha algum bitcoin ou uns dez mil bitcoins, bem como não ficou claro qual das duas perguntas este havia respondido.

- Bem, na verdade eu tenho um pouquinho mais de cem mil bitcoins. - Ulrich complementa, olhando seriamente nos olhos do motorista.

Ambos explodem em gostosas gargalhadas, mas por motivos diferentes.

- Algo está me cheirando muito mal nessa história. - Claire fala para Axel por telefone, enquanto dirige seu carro de volta para Seattle. - Aquele galpão, sem ninguém, sem rastros...

- *Claire, não há dúvidas de que há alguma coisa ilegal rolando por lá, mas algo me diz que não se trata de nenhum crime que poderia nos interessar.*

- O que te leva a pensar isso?

- *É que me parece simplesmente uma excelente maneira de ocultar patrimônio. Um crime banal, não violento, de gente rica e mesquinha que não quer pagar impostos. Simples assim. Nada que represente uma ameaça à segurança nacional. Nada que interesse à Agência.*

- Axel, todo esse patrimônio que está sendo investido na mineração de bitcoins já foi mais do que ocultado! Se nem você conseguiu descobrir

quem é o dono da empresa que alugou o galpão, acha mesmo que os cobradores de impostos ofereceriam algum risco para ele, seja quem for?

*- Claire, eu ainda não consegui achar o cara, mas é claro que eu vou achar. Ninguém que movimenta tanto dinheiro consegue ficar irrastreável.*

- Perfeito! E na hora que encontrarem ele, encontram também os bitcoins que ele minerou! Que grande ocultação de patrimônio seria essa?

*- É aí que você se engana! Como vamos saber para quais carteiras estão indo os bitcoins resultantes daquela mineração? É impossível saber!*

- Impossível?

*- Sim. Uma pessoa pode criar quantas carteiras quiser, e há um número praticamente infinito de carteiras que podem ser criadas. Se ninguém espionar você no momento em que você estiver criando uma carteira, a única forma de saberem que ela é sua é se você contar.*

- Então mesmo que seja possível rastrear o dono daquela mineradora, todo o bitcoin que ele minerou a partir de lá pode ser impossível de rastrear?

*- Exatamente.*

- Intrigante. Mas, realmente, não parece uma ameaça à segurança nacional.

*- Caso encerrado?*

- Não. Eu quero aproveitar para dar uma olhada nessa tal de New England Dynamics. De uns tempos para cá eu tenho visto propagandas dela por tudo, mas até agora não tinha me dado conta de como essas "NED-coisas" podem ser usadas para cometer crimes. Faça um levantamento completo da empresa, do atual presidente e dos fundadores, por favor.

*- Claro! Mas… Claire, de que crimes você está falando? Aqueles robôs certamente foram entregues no galpão para fazer a manutenção da mineradora.*

- Axel, se o meu NED-Cleaner consegue limpar a minha casa durante 20 horas por dia, tenho certeza de que aqueles NED-Handlers não ficariam muito atrás. Agora me diga: você acha que seriam necessários todos aqueles dez ou onze robôs trabalhando o tempo todo para fazer a manutenção dessa mineradora?

- Bem…

- A conta não fecha!

- *É…* - Axel responde intrigado. - *Mas então você acha que eles estão lá para fazer o que?*

- Não sei, mas você também ouviu que aquele homem disse: eles conseguem fazer qualquer coisa.

Ulrich está sentado em uma das cadeiras enfileiradas no terminal 2 do Heathrow. Suas mãos estão paralisadas sobre o *tablet*, que repousa em seu colo já com a tela apagada pela inatividade. Há poucas pessoas por perto. Bem à sua frente, a alguns metros, brilha um anúncio luminoso do cãozinho robótico chamado NED-Partner.

"Peça já o seu! Pague com BTC!"

Por alguns segundos ele, de fato, olhou para o anúncio e pensou sobre a empresa, que tem ocupado grande destaque no mundo tecnológico. Já faz alguns minutos, porém, que o seu olhar fixo naquelas cores brilhantes está mirando o além, acompanhando os pensamentos que borbulham na sua cabeça.

A antipatia das autoridades governamentais em relação às criptomoedas não é exatamente uma novidade. O motivo também não é segredo: elas não têm o controle que gostariam sobre as movimentações desse tipo de dinheiro. Ocorre que Ulrich tem percebido um vigoroso crescimento de notícias e discursos governamentais a respeito da alegada necessidade de maior controle sobre tais ativos digitais. *Seria uma onda espontânea e passageira*, ele se pergunta, *ou algo sutilmente orquestrado e com uma finalidade bem desenhada?*

As proibições e normas estatais costumam atrair a antipatia de Ulrich, mas, vez ou outra, elas lhe parecem merecer mais do que mera irritação. Claramente, dezenas de pequenas regulações tem sido criadas com o intuito de inviabilizar a utilização de bitcoins e outras moedas digitais, mas cada vez mais pessoas têm as adotado. Diante disso, os governos vêm divulgando informações que Ulrich considera distorcidas, e, simultaneamente, vêm impondo restrições cada vez mais severas.

Além disso, ele tem certeza de que há mecanismos oficiais que incentivam, de forma sutil e indireta, a proliferação de notícias sensacionalistas contra a inovação monetária para criar desconfiança e medo entre as pessoas, *mas será que elas não percebem isso?*

- Com licença. Por acaso você é o Ulrich Fersen? - Pergunta um garoto que, do ponto de vista de Ulrich, apareceu do nada interrompendo seus pensamentos.

- Sim, sou eu. - Ele responde um pouco constrangido pelo susto que levou, mas com simpatia.

- Ulrich Fersen, a lenda! Uau! Fantástico! - O garoto se empolga. - Posso tirar uma foto com você?

- Claro! - Ele diz, ainda trazendo a sua consciência de volta ao aeroporto. - Qual é o seu nome?

- É Lucas!

O garoto o abraça e registra o momento.

- Obrigado, Sr. Fersen! Os meus amigos não vão acreditar!

- Quer dizer que eu sou popular entre os seus amigos? - Ele pergunta, com um sorriso orgulhoso.

- Tá brincando? Todo mundo conhece você! Quer dizer, pelo menos todo mundo que tem menos de trinta anos sabe quem você é! Você é uma lenda! Você foi um dos primeiros caras a falar sobre Bitcoin e tem o canal sobre criptomoedas com o maior número de inscritos do planeta! Alguns dizem até mesmo que você é o próprio…

- Sim. - Ulrich interrompe o rapaz. - Eu sei o que dizem, mas isso não tem pé nem cabeça.

- De qualquer forma, você é um herói!

- Você acha? - Ele pergunta, achando graça.

- Com certeza!

- Não sei se as autoridades nacionais concordariam com a sua afirmação, Lucas.

- Você quer dizer os chefes da máfia estatal? É claro que eles não gostam de você! Nenhum sequestrador gosta de uma vítima que consegue escapar do cativeiro!

- Você andou mesmo assistindo a alguns dos meus vídeos! - Ulrich dá uma gargalhada.

- Todos eles! São fantásticos!

- Obrigado, Lucas.

- Você acha que eles vão mesmo proibir o Bitcoin?

- Não. Bem, eles podem até tentar, mas isso é algo impossível de fazer. O Bitcoin é imparável. A China já tentou bani-lo algumas vezes, e em todas as vezes isso só fez crescer as transações diretas de pessoa para pessoa, o que fez o governo chinês perder por completo o controle dessas operações. Não importa o quão grande, equipado e totalitário seja um estado, nenhum deles jamais vai conseguir impedir o Bitcoin.

- Olá, chefe.

- *Olá, Claire.* - Responde a voz, nada amigável, na outra ponta da ligação.

- Que honra receber uma ligação sua. Em que posso ajudá-lo? - Ela diz com um leve tom de sarcasmo, entrando em casa e fechando a porta.

- *Você poderia parar de se meter em confusão, por exemplo.*

- Do que você está falando, Porter?

- *Você invadiu uma propriedade privada e se permitiu ser claramente filmada pelas câmeras de segurança! O que está acontecendo com você, Claire? Você ainda sabe para que serve um mandado judicial?*

- Ah, por favor! Não foi nada demais! Nós não arrombamos nada, apenas entramos para checar o galpão a convite de um técnico contratado pela própria empresa.

- *Claire, preste atenção: somos uma agência de inteligência! Nossa atuação tem que ser o mais imperceptível possível. Quando foi que você resolveu esquecer disso?*

- Ok, Porter. Você está certo. Me desculpe. - Ela responde, desabando no sofá e bufando de impaciência.

- *Me escute bem, garota: você sabe que eu gosto de você, mas não posso mais salvar a sua pele quando você pisa fora da linha.*

- Ok. Eu prometo que vou me comportar.

- *Eu aceito a sua promessa, mas, infelizmente, ela não vai lhe deixar passar ilesa dessa vez. Sou obrigado a lhe dar uma suspensão.*

- O quê? - Ela grita ao telefone, levantando-se num salto.

- *Foi o que você ouviu. Você está suspensa por uma semana.*

- Porter, francamente! Isso não faz sentido!

Apesar da reação indignada, no fundo ela já sabia que o chefe faria isso quando ela pisasse na bola novamente. Desde o seu divórcio, há cerca de um ano, ela realmente vem tornando-se um pouco mais impulsiva do que de costume. Há pouco mais de três meses ela espancou um homem envolvido no tráfico de crianças, quebrando-lhe doze dentes com uma estatueta metálica que decorava a casa do próprio criminoso. Em sua defesa, disse que estava tentando obter informações sobre outros envolvidos em tempo hábil para salvar mais crianças. No mês anterior, ela forjou uma ordem judicial para entrar em uma mesquita e vasculhar documentos que levariam a pessoas envolvidas com terrorismo islâmico. Porter vinha salvando-a das punições, mas, em algum momento, essa imunidade iria acabar. Ao que tudo indica, este momento chegou.

- *Mas é isso mesmo. Superiores me cobraram uma atitude. Não é primeira vez que você comete uma transgressão, Claire! Aliás, não é sequer a primeira vez em pouquíssimos meses! Estou de mãos atadas, garota. Sou obrigado a suspendê-la.*

- Ok. Eu compreendo. - Ela respondeu, novamente acalmando-se.

- *Sério?* - Ele pergunta, desconfiado pelo fato de ela ter aceitado tão facilmente.

- Sim, Porter. Eu sei que tenho pisado na bola nesses últimos tempos. Vou acatar a punição.

- *Quem bom, garota. Fico feliz que você tenha conseguido entender. Aproveite esse tempo para colocar a cabeça no lugar. Todo mundo precisa de alguns momentos de reflexão. Fique tranquila por esses dias e depois volte em plena forma. Precisamos de você.*

- Só me diga uma coisa: foi o Axel quem me dedurou?

- *Não, Claire. Por que ele a deduraria?*

- Porque aquele fedelho não queria entrar no galpão sem uma ordem judicial. Nós discutimos feio e eu o coloquei no lugar dele. Tive que obrigá-lo a entrar comigo. Ainda que ocasionalmente eu esteja errada, ele tem que saber quem é que dá as ordens, caso contrário, não quero mais ele na minha equipe.

*- Bem, mas não foi ele. Ele também foi suspenso. Foi uma denúncia anônima, certamente por parte de alguém que tem acesso àquelas câmeras. Talvez o próprio dono da empresa, e com razão!*

- Como uma denúncia anônima a respeito de um fato ocorrido nesta manhã conseguiu chegar até a sua mesa antes do final da tarde?

*- Todos os nossos processos são digitalizados, Claire. As coisas andam rápido hoje em dia. Se até um velho como eu já se adaptou a esses novos tempos, está na hora de você também se adaptar. Não seja anacrônica por convicção. Boa noite, garota. Cuide-se.*

Claire esparrama-se no sofá e fica ali paralisada por alguns minutos, com o olhar fixo no balcão que divide a sala da cozinha, mas com os pensamentos nas palavras de Porter e no fato de que ele tinha mesmo toda a razão em suspendê-la. Certamente será difícil ficar uma semana suspensa do trabalho, afinal, ele tem sido a sua fuga mental dos últimos meses, mas ela sabe que precisa voltar a andar na linha. Cumprir a suspensão sem criar problemas para Porter será um bom começo.

De repente, algo entra em seu campo de visão: é o NED-Cleaner.

- Boa noite, Axel.

- Boa noite, Claire. - Ele responde ao abrir a porta de sua casa, de roupão, cabelo bagunçado e cara amassada.

- Posso entrar?

- Claro! Entre, por favor!

- Você já estava dormindo, não é?

- É, eu havia me deitado há alguns minutos.

- Você dorme cedo, hein? Está de parabéns, garotinho da mamãe!

Ela caminha até a sala e dá uma boa olhada em volta.

- Você também é bem limpinho para um solteirão.

- Obrigado. Quer dizer, isso foi um elogio, né?

- Talvez. Posso me sentar? - Ela pergunta, olhando para o sofá.

- Claro, claro! Por favor, sente-se! - Ele responde, sentando-se na poltrona ao lado.

Ela senta no sofá olhando para o pequeno cão-robô que a encara, sentado no chão, próximo à mesinha de centro.

- Então esse é o seu NED-Partner? Ele tem um nome, ou a gente não dá nomes para esse tipo de cachorro?

- Eu chamo ele de Ned.

- Uau! Que criativo. - Ela debocha.

- Bem, na verdade o nome dele completo é Ned Stark, então, até que... - Ele simplesmente não acha que vale a pena terminar a frase. - Claire, eu gostaria de lhe agradecer muito pelo que você fez por mim mais cedo. Eu havia sido suspenso também. Depois o Porter me ligou novamente e informou que a minha suspensão havia sido cancelada porque você disse a ele que usou sua posição hierárquica para me obrigar a entrar naquele galpão. Você não precisava ter feito isso. Nós dois sabemos que eu entrei porque quis e você não me obrigou a nada. Você não precisava ter assumido a culpa toda sozinha.

- Não precisa me agradecer. Seria burrice nós dois ficarmos fora de combate por um único erro.

- De qualquer forma, obrigado.

- De nada. Agora, vamos ao trabalho. Você fez aquele levantamento a respeito da New England Dynamics que eu lhe pedi?

- Bem, eu fiz, mas…

- Mas...?

- Não seria melhor deixarmos para falar sobre isso depois que a sua suspensão se encerrar?

- Não seja ridículo, Axel!

- Não, Claire. É sério… Eu sei que você é protegida do Porter, mas diante dos acontecimentos dos últimos meses, talvez seja melhor nós não abusarmos da boa vontade dele. Seria melhor se você cumprisse as regras dessa vez.

- Ok, ok! Eu confesso que tinha essa intenção logo que encerrei a ligação com o Porter, mas tem alguma coisa nessa história que está muito esquisita, e você sabe que a minha intuição nunca falha. Eu passei as últimas horas pensando sobre essa história e sei que não vou conseguir simplesmente me desligar antes de dar uma boa olhada nela. Eu agirei bem discretamente, prometo! Só que preciso da sua ajuda.

- Claire…

- Por favor, Axel!

- Ok! - O rapaz diz, suspirando fundo e esfregando os olhos. - É claro que eu fiz o levantamento. A empresa é presidida pelo seu fundador, Mark Reinert. Ele era professor no MIT, até que fundou a New England Dynamics há alguns anos. A empresa até tem contratos firmados com a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa, mas o dinheiro do governo não representa nem cinco por cento das suas receitas totais. Ela é um fenômeno de crescimento. Ela teve um grande salto há cerca de três anos, quando lançou um *crowdfunding* para abrir a possibilidade de qualquer pessoa investir nela. Arrecadou com isso mais de US$28 bilhões.

É um dos maiores projetos de financiamento coletivo de que se tem registro. Talvez o maior!

- Essa história só fica melhor.

- Sim, mas espera, porque ela ainda melhora um pouco mais.

- Então me diga logo! - Ela se angustia, inclinando-se para frente.

- Adivinha com que tipo de moeda foram efetivados mais da metade desses investimentos?

- Não me diga que…

- Sim. Com bitcoins!

- Mas como? Isso sequer é legal?

- Com a engenharia jurídica correta, é sim.

- Definitivamente, eu tenho que investigar isso mais a fundo. Eu quero que você me mande o contato direto desse Mark Reinert.

- Claire, você não pode fazer isso. Você está suspensa.

- Confie em mim. E eu também preciso falar com um especialista em Bitcoin.

- Nós temos uma equipe especializada em criptomoedas na Agência. Me mande as perguntas que você tem e eu vou atrás das respostas para você.

- Não! Se eu ficar esperando você buscar as respostas eu vou ficar maluca. Você me disse que tem amigos que fazem essa coisa de mineração, não disse?

- Sim.

- Me passe o contato de algum deles.

- Ok. Vou lhe passar o contato do amigo de um amigo meu. Eu não sei se ele está no ramo de mineração, mas foi um dos primeiros caras que

eu ouvi falando sobre Bitcoin, quando ainda quase ninguém sabia o que era. Ele certamente vai conseguir responder às suas perguntas.

- Me passe o endereço dele.

- Mas ele mora em Palo Alto.

- Ótimo. Estou mesmo sem sono e a Califórnia é um ótimo lugar para eu passar alguns desses meus dias de folga.

- *Senhoras e senhores, comunico que iniciamos nosso procedimento de descida para o Aeroporto Internacional de San José, Califórnia. O horário local é 09:54 AM. Por favor, desliguem os seus dispositivos eletrônicos…*

- Com licença, senhor. - Diz a mulher sentada do outro lado do corredor.

- Pois não.

- Eu não queria lhe incomodar, mas fiquei realmente muito curiosa. O senhor é o cidadão que está brigando com o governo alemão a respeito de bitcoins, não é?

- Sim, sou eu. Qual é o seu nome?

- Meu nome é Olivia, prazer em conhecê-lo.

- Muito prazer, Olivia. Meu nome é Ulrich. Você também já aderiu às criptomoedas?

- Não, não! - Ela responde, sorrindo e balançando a cabeça, como se ele tivesse perguntado se ela praticou algum crime que jamais praticaria. - Eu leciono direito tributário na Universidade de San Diego e um aluno

trouxe o seu caso para estudarmos. O meu filho comprou bitcoins com a mesada dele, mas eu confesso que sou bastante ignorante no assunto.

- Qual é o nome do seu filho?

- É Victor.

- O Victor deve ser um rapaz inteligente, Olívia. Você deveria pedir que ele lhe explicasse melhor o assunto.

- É… você deve estar certo. - Ela responde, intimamente questionando-se por que não fez isso até hoje.

Ulrich a cumprimenta com um sinal de cabeça e um sorriso amigável, acreditando que a conversa já havia terminado, mas a companheira de voo continua.

- Eu não quero ser indelicada, mas, por tratar-se de um caso de estudo na minha disciplina, há uma coisa que eu realmente gostaria de lhe perguntar.

- Vá em frente! - Ele responde, com simpatia.

- A legislação tributária alemã atualmente considera o Bitcoin como, de fato, moeda privada, estou correta?

- Sim. Perfeito.

- Isso significa que você não seria taxado por ganho de capital em decorrência da valorização do Bitcoin ao longo do tempo, ainda que você viesse a realizar a conversão do montante para a moeda corrente e realizasse o “lucro” de sua valorização. Estou certa?

- Bem, existem alguns requisitos temporais, mas, de modo geral: sim, você está correta.

- Então, por que você está brigando judicialmente pelo direito de não declarar os seus bitcoins?

- Na verdade, esta não é uma ação minha. Eu estou apenas me defendendo. Quem me processou foi o estado alemão.

- Claro, eu entendo. Mas a minha questão é: sendo a Alemanha um dos países com a legislação tributária mais favorável aos detentores de bitcoins e sendo que tal declaração não lhe imporia praticamente nenhum custo, por que você simplesmente não os declara?

- Bem, em primeiro lugar, por uma questão de princípios. Eu entendo que caiba somente a mim os lucros e os prejuízos decorrentes dos meus atos. Eu não aceito impor a ninguém a responsabilidade pela minha sobrevivência, assim como não aceito que seja imposta a mim a responsabilidade pela sobrevivência das outras pessoas. Diante disso, eu não reconheço a suposta legitimidade do estado em tomar nota das minhas propriedades.

- Certo. Você é um anarcocapitalista. - Ela constata, sem conseguir esconder um pouco de repulsa.

- Exatamente. Em segundo lugar, simplesmente por questão de segurança. Uma das várias vantagens de possuir uma carteira de Bitcoin é que ninguém precisa saber que ela é sua. A partir do momento que eu seja obrigado a vincular essa carteira ao meu nome, todos poderão saber qual é o meu saldo exato, e isso é uma coisa que logicamente contraria qualquer protocolo de segurança.

- Mas caso você declarasse, estes seriam dados protegidos por sigilo fiscal.

- O único sigilo no qual eu acredito é o sigilo das coisas que só eu sei.

- Certo! - Ela responde, divertindo-se com o que enxerga como um radicalismo ideológico de Ulrich.

- E, em terceiro lugar, simplesmente porque legislações mudam. Ainda que a legislação tributária alemã seja atualmente, em alguma medida, “benevolente” em relação aos detentores de bitcoins, isso não significa que ela permanecerá assim para sempre. Se eu não confio nem um pouco nos legisladores de hoje, os quais eu já sei quem são, como poderia confiar nos legisladores do futuro, que eu não faço ideia de quem serão?

- Certo! - Ela responde, ostentando no rosto o sorriso de quem conversa com uma criança que acaba de contar seus sonhos utópicos. - Perdão, mas confesso que tenho alguma dificuldade em aceitar algumas das suas premissas.

- Não há do que se desculpar! - Ele responde, novamente sorrindo de forma simpática. - Para a maioria das pessoas é realmente impraticável se despojar dos paradigmas assimilados na juventude. Daí a importância do ciclo da vida, que vai levando embora os indivíduos antigos, com seus conceitos obsoletos e enrijecidos pelo tempo, e abrindo espaço para que os novos indivíduos ponham em prática ideias novas. Foi assim que nós substituímos as gerações anteriores à nossa e é assim que as novas gerações nos substituirão. Quando chegar em casa, pergunte ao Victor qual é a opinião dele a respeito do que você e eu conversamos.

Claire está em seu carro, a caminho de Palo Alto, quando recebe a mensagem de Axel com o contato direto do CEO da New England Dynamics. Ela faz a ligação e, depois de alguns segundos, ele atende.

- Bom dia, Sr. Reinert! Como vai?

*- Quem fala?*

- Meu nome é Sarah Miller, da revista VentureTech. Estamos fazendo uma edição especial a respeito dos dez negócios de tecnologia mais impressionantes dos últimos cem anos, e a New England Dynamics entrou neste seleto rol.

*- Uau! Fico muito honrado. Mas quem lhe passou o meu contato pessoal?*

- Foi o Bill.

*- Qual Bill? O Trey?*

- Exatamente! - Ela responde, sem ter a menor ideia de quem é Bill Trey. - Eu poderia lhe fazer algumas perguntas agora ou você está muito ocupado?

*- A verdade é que eu não estou literalmente ocupado, mas também não estou exatamente disponível. Todos os anos eu venho para o Spruce Peak e dedico alguns dias ao ócio criativo. Costumo ficar desconectado de tudo para fazer isso, mas mantenho este telefone ligado uma ou duas horas por dia para receber mensagens eventualmente urgentes. Eu não deveria lhe atender, mas, como foi o Bill que passou meu telefone...*

- Que ótimo! Obrigada! Sr. Reinert, como surgiu a ideia de montar a NED? - Ela se apressa em iniciar as perguntas, sem dar chance para que ele mude de ideia.

*- Bem, eu era um verdadeiro colecionador de projetos robóticos. Já tinha desenvolvido dezenas deles, mas quase todos estavam apenas no papel, simplesmente por falta de fundos para colocá-los em prática. Eu sempre fui muito técnico e pouco empreendedor, mas acredito que tudo tem um tempo certo para ocorrer. De repente, muitos artigos a respeito de empreendedorismo na área de tecnologia começaram a chamar a minha atenção. Foi como se eu tivesse despertado para isso. Sabe quando você nunca percebeu um determinado modelo de carro até que pensa em comprar um e, aí, os carros desse tal modelo parecem criar vida própria e começam a se jogar na sua frente? Foi mais ou menos assim. Os textos sobre empresas de tecnologia começaram a pipocar diante de mim. Foi então que ficou claro que era a minha hora de empreender.*

- Certo! A sua empresa conseguiu fazer a captação de investimentos via *crowdfunding* mais bem sucedida da história! A que o senhor atribui todo esse sucesso?

*- Bem, em primeiro lugar aos nossos produtos. Eles são realmente fantásticos e sem qualquer paralelo no mercado. Mas acredito que também, em boa parte, deve-se à nossa forma de gestão. Temos uma gestão extremamente moderna, com ideias revolucionárias e as pessoas*

*reconhecem isso. Todas as pessoas que investiram na empresa, por exemplo, têm a oportunidade de opinar e votar nas características dos produtos que lançaremos. Quanto mais as pessoas investem em nós, mais suas opiniões terão peso nas decisões tomadas. Isso faz toda a diferença, porque elas sentem que realmente fazem parte do time.*

- Isso realmente é muito legal! Parabéns por essa ideia, Sr. Reinert.

- *Na verdade, tenho que ser justo: não foi uma ideia minha. Eu li sobre ela em algum artigo, mas não lembro o nome de quem o escreveu. Até procurei ele de novo há algum tempo, para agradecer ao autor e dar-lhe os devidos créditos, mas não o encontrei mais. Bem, o fato é que nós colocamos essa ideia em prática e, felizmente, deu muito certo! Seja lá quem foi o autor original da ideia, se ele ler esta entrevista, saiba que somos muito gratos!*

- Interessante! E quanto ao Bitcoin? Dentre as maiores empresas americanas, a NED está entre as mais integradas à criptomoeda. Vocês aceitam que o pagamento para quaisquer de seus produtos seja feito em bitcoins. Além disso, uma parte relevante dos investimentos que receberam foram feitos com bitcoins. Como surgiu esta visão, Sr. Reinert?

- *Eu sou um autodidata. Praticamente todos os meus conceitos e visões são formados a partir de pesquisas que eu mesmo faço. Quando eu era mais jovem isso não era possível, mas atualmente quase todo o conhecimento ou as pessoas que o detém estão conectados à internet. Basta você explorar com a mente aberta e as soluções vão aparecendo. O segredo está em se expor a esse universo que está conectado. Por vezes você pode nem saber exatamente o que está procurando, mas as respostas aparecerão.*

- Entendo. Mas, ainda sobre os bitcoins, passa pela sua cabeça que boa parte dos que foram investidos na sua empresa podem ter origem ilícita? Poderiam, por exemplo, criminosos estar investindo na sua empresa para lavar dinheiro sujo? Algum tipo de checagem dos investidores é realizada?

*- Não. Não há checagem. Um dos grandes diferenciais do Bitcoin é justamente a segurança do anonimato. Eu quero que as pessoas possam investir na minha empresa sem que tenham que se expor. Os dividendos que são pagos a esses investidores são transferidos diretamente para as carteiras Bitcoin de onde os investimentos vieram. Não precisamos saber o nome do proprietário da carteira para isso. E, francamente, eu não tenho motivos para acreditar que criminosos estejam investindo dinheiro sujo na minha empresa. Muito pelo contrário! Penso que se trate de afinidade. O perfil das pessoas que aderiram ao Bitcoin é o mesmo das pessoas que admiram a New England Dynamics: pessoas que amam a inovação e têm coragem de dar saltos para o futuro.*

Ulrich está revisando um vídeo que acabou de gravar no quarto do hotel. É a sua própria voz que ele escuta saindo do *laptop*.

*- ... e é por isso que estas manifestações do Presidente Blythe são tão perigosas: porque elas flertam com o totalitarismo. Não! Eu não estou exagerando! O que vocês acham, por exemplo, que o Benito Mussolini dizia em seus discursos para justificar a necessidade de concentrar mais poder no estado? Vocês acham que ele simplesmente confessava publicamente que era um tirano sedento por poder? É claro que não! Ele dizia que o povo italiano estava correndo gravíssimos riscos, que as crianças italianas estavam em perigo, que as nações estrangeiras eram uma ameaça e que ele era a solução! Somente ele poderia dar segurança à população! É assim que os tiranos atuam para conseguir mais poder com o apoio das próprias vítimas. Eles inventam ou maximizam perigos, ameaças, inimigos, e logo em seguida se mostram como supostos heróis, como se fossem a única opção de segurança e salvação. Vocês acham que com Adolf Hitler foi diferente? Por que será que a população alemã não correu em peso para as ruas para protestar contra o "Führer" quando*

*ficou claro que ele estava concentrando cada vez mais poder? Ele inventou diversos "inimigos do povo alemão" e, com a sua máquina de propaganda, fomentava o medo na população, colocando-se como o único...*

Três batidas na porta do quarto interrompem a atenção de Ulrich.

- Quem é?

- Serviço de quarto, senhor!

Ele abre a porta e observa o funcionário do hotel entrando com os pratos do almoço.

- Obrigado, garoto. Qual é o seu nome? - Ulrich pergunta.

- É Erick, senhor.

- Obrigado pela ajuda, Erick. Tome. - Ele diz, entregando uma gorjeta ao rapaz.

- Muito obrigado! - Ele responde, encaminhando-se para a porta.

Antes de sair do quarto, porém, o jovem repentinamente para e fica imóvel por alguns instantes, como se tivesse avistado um leão no corredor. Então ele vira-se novamente para Ulrich e pergunta:

- Senhor, seria muito inconveniente se eu lhe pedisse um autógrafo?

- Ora! Quem sou eu para dar autógrafos? - Ulrich pergunta sorrindo.

- Se você for apenas o Ulrich Fersen já é muito digno de dar autógrafos, senhor. - Ele responde, tirando do bolso uma pequena caderneta e uma caneta.

- E quem mais eu poderia ser além de mim mesmo? - O hóspede pergunta, sinalizando com a mão para que o garoto se aproxime da mesa.

- Bem, você sabe quem dizem que você é... - Ele responde, entregando-lhe a caderneta e a caneta.

- Sei, mas sou apenas Ulrich Fersen mesmo. - Ele comenta, com simpatia. - Ainda assim você quer o autógrafo?

- Mas é claro que sim! - O rapaz diz, empolgado. - Eu assisto a todos os vídeos do seu canal!

- Eu confesso que ainda não estou acostumado com isso. - Ulrich comenta, enquanto escreve. - Não era a minha intenção e eu jamais imaginei que esse canal pudesse atrair tantos seguidores.

- Como poderia não atrair? Ele é fenomenal! Ontem eu estava assistindo ao seu vídeo sobre moedas deflacionárias. É excelente! Aliás, como alguém ainda pode defender que a inflação seria necessária para uma economia saudável? É um absurdo! A inflação do dinheiro estatal é um tipo de imposto! - O rapaz se empolga e perde um pouco a compostura que vinha tentando manter até então.

Ulrich dá uma gostosa gargalhada e entrega a caderneta, devidamente autografada, de volta para o funcionário do hotel.

- Fico feliz em saber que você tenha assistido a esse vídeo, Erick, e ainda mais feliz em notar que você o compreendeu perfeitamente.

- Obrigado, senhor! - Ele responde, estufando o peito com o orgulho de um escoteiro que acaba de receber uma medalha por bravura.

- Darei uma palestra aqui na cidade a respeito da descentralização do dinheiro. Será no final da tarde de hoje. Se você quiser ir, será meu convidado.

- Eu já estou inscrito, senhor, mas será uma honra ainda maior ir como seu convidado!

- *Bom dia, Claire*.

- Bom dia, Porter!

*- O que você está fazendo?*

- Estou indo visitar meus pais em São Francisco. Aproveitei as férias que você me deu para pegar a estrada. Um pouco de vento no rosto vai me ajudar a esfriar a cabeça.

*- Claire, você não está de férias, você está suspensa! E isso significa que você não pode voltar ao trabalho no momento em que achar que deve, mas somente quando eu disser que você pode!*

- Eu sei disso, Porter, mas por que você está me dizendo…

*- Não se faça de sonsa, garota.* - Ele reage, interrompendo-a.

- Você poderia me explicar, por favor?

*- Você ligou para Mark Reinert, passando-se por uma jornalista para fazer perguntas ligadas ao seu caso de ontem.*

- Mas…

*- Pense bem antes de negar.*

- Não, eu não vou negar, Porter. Mas você tem que deixar eu me defender! Quem fez essa denúncia?

*- Não importa quem fez a denúncia, Claire. Eu recebi a gravação da ligação e sei que foi você. Eu quero você fora de qualquer atividade ligada à Agência ou a qualquer de seus casos, entendeu?*

- Entendi, chefe.

*- E a sua suspensão acaba de ser ampliada para duas semanas. Todos estão avisados para não se comunicarem com você neste período, inclusive o Axel. Quem descumprir esta determinação também será punido!*

- Mas, Porter! Você não...

Ele já havia desligado antes que ela pudesse continuar.

*Mas o Mark Reinert não pareceu estar desconfiado de que eu não fosse realmente uma jornalista*, ela pensa. *Talvez o Axel pudesse descobrir*

*para mim de onde veio essa denúncia, mas não posso dar brecha para que ele seja suspenso agora.*

Ela faz uma nova ligação.

- *Olá, Sarah. Em que posso ajudá-la?*

- Olá, Sr. Reinert! Vejo que você já anotou meu número. Eu me confundi um pouco nas minhas anotações e gostaria apenas de confirmar uma informação com o senhor.

- *Claro! Pode perguntar.*

- Quando foi que o senhor aderiu ao Bitcoin?

- *Foi um pouco depois de decidir parar de lecionar e começar a empreender. Por que, Sarah?*

- Ah, ok! Eu apenas gosto de ser muito precisa nas informações. Obrigada, Sr. Reinert!

- *Disponha!*

Ao terminar a ligação, ela sabe: *não foi ele quem fez a denúncia*.

Claire para no acostamento da rodovia, desce do carro, joga o celular no chão e o quebra com uma forte pisada. Depois, entra novamente no carro e segue viagem.

Após almoçar, Ulrich afasta os pratos e novamente abre seu *laptop*, desta vez para acessar os fóruns de discussão que acompanha diariamente. Os fóruns que ele frequenta não encontram-se na superfície da internet, tais como aqueles que podem ser encontrados por

mecanismos de busca e navegadores convencionais, mas na *deep web*, que são as camadas mais profundas e escondidas da rede.

Apesar de desconhecida pela esmagadora maioria das pessoas, estima-se que a *deep web* seja aproximadamente quinhentas vezes maior do que as áreas que são de conhecimento da população em geral. Por lá ficam as informações que muitas corporações precisam proteger, mas suas sombras também servem de refúgio para todo tipo de atividades criminosas, desde a distribuição de pornografia infantil até a contratação de assassinos.

Ulrich passa, no mínimo, entre uma e duas horas de seu dia em ambientes de debates sediados na *deep web*. Ele utiliza tais ambientes para trocar informações com pessoas de todo o mundo, algumas das quais já conhece há anos e com quem desenvolveu fortes laços de parceria e amizade, mesmo sem ter a menor pista de quem sejam no mundo real. Apesar do anonimato imperar nesses meios, os membros mais antigos dos mais seletos grupos sabem que o homem por trás do pseudônimo *Frenzy_FU* é a lenda: Ulrich Fersen.

Ele está lendo um artigo publicado em um destes fóruns a respeito de uma nova plataforma baseada em *blockchain*, com validação descentralizada de fatos e índices econômicos, que promete ampliar as possibilidades de utilização de contratos digitais inteligentes autoexecutáveis codificados e firmados na rede, até que é interrompido por alguém que bate à porta do quarto.

- Só um momento, por favor!

O economista levanta-se calmamente, ainda olhando para a tela e pensando a respeito das ideias sobre as quais estava lendo. Antes de chegar até a porta, novas batidas denunciam a ansiedade de quem está do outro lado.

- Olá, Erick. O que houve? - Ele pergunta, ao ver a cara de desespero do rapaz.

- Desculpa, Sr. Fersen, mas você está acompanhando a coletiva de imprensa convocada pelo Presidente? - Ele pergunta, assustado, mostrando o vídeo ao vivo por meio do seu celular.

- *"… por isso, meus companheiros americanos, é que os Estados Unidos da América, bem como suas nações amigas, declaram guerra total aos crimes cibernéticos e a esta crescente onda de desobediência civil, tendo como primeiro grande fronte de combate a regularização das criptomoedas. Estamos formalizando hoje um pedido ao Congresso para que seja criminalizada toda e qualquer operação de criptomoedas que envolvam carteiras cujos proprietários não tenham se identificado perante as autoridades americanas ou de seus respectivos países. Além disso, todos os possuidores de carteiras de bitcoins ou outras criptomoedas…"*

Claire está sentada dentro do seu carro quando vê um jovem rapaz, de maneira desleixada, estacionando um caro veículo esportivo em frente à casa mais suntuosa da rua.

Ele sai do carro e se encaminha para a entrada da casa. Antes de abrir a porta, porém, sua visão periférica percebe a presença de alguém aproximando-se.

- Bruno Rivera? - Diz a mulher que chega perto.

- Sim?

- Meu nome é Claire Atkins. Quem me falou sobre você foi o Axel Szabo. Podemos conversar um pouquinho?

- Axel quem?

- Axel Szabo. Ele me disse que vocês se conheceram em uma festa na casa de um amigo em comum, Paco Portillo.

- Sim, eu conheço o Paco, mas não sei quem é esse tal de Axel. Qual é o assunto?

- Bitcoins.

- Não tenho nada a dizer sobre isso. - Ele responde de maneira ríspida, dando as costas para ela.

- Talvez você não queira me ignorar. - Ela responde, fazendo-o virar-se novamente e ver que ela está expondo em sua mão direita a credencial de agente da C.I.A.

- Olha, moça, a não ser que você tenha um mandado judicial, é melhor sair agora mesmo da minha propriedade. - Ele conclui, abrindo a porta da casa e entrando.

- Calma! - Ela insiste, segurando a porta antes que ele a feche. - Espere, por favor! Eu não vim aqui para falar dos *seus* bitcoins, mas apenas sobre bitcoins em geral.

- E quem disse para você que *eu* teria bitcoins?

- Bem, essa casa e o carro na frente dela me dão uma dica de que seu jovem proprietário tenha ganhado muito dinheiro em pouco tempo.

- Tchau. - Ele se despede, empurrando a porta.

- Não! espere! - Ela novamente segura a porta. - Olha só, desculpa o meu jeito, mas eu não estou nos meus melhores dias. Eu prometo a você que a nossa conversa não tem nada a ver com os seus bitcoins. Aliás, pouco me importa se você tem ou não bitcoins. O que eu realmente preciso é conversar com alguém que entenda do assunto. Olha, isso é importante! Se você não me ajudar, pode estar ajudando traficantes de crianças, pedófilos e criminosos desse tipo a cometerem seus crimes.

Ele pensa um pouco, ainda segurando a porta, mas resolve escutá-la.

- Ok. Pode entrar.

Já é quase noite e uma jovem senhora caminha com agilidade carregando uma bolsa e uma pequena sacola de mercado por um trecho residencial da *4th Street*, em *Washington, D.C.* Ela é baixinha, usa um terninho preto bem ajustado, tem o cabelo curto muito bem arrumado e seu rosto moreno evidencia traços da origem latina.

Ela abre a bolsa para alcançar o telefone que está tocando.

- Olá.

- *É a Jovita Carralero, Presidente da Administração Federal de Pequenos Negócios?*

- Sim. Sou eu. - Ela responde, perguntando-se como a ligação desavisada chegou até o seu celular. - Quem está falando?

- *Boa noite, Jovita. Você não me conhece, mas sou responsável por uma surpresa preparada para vocês esta noite.*

O silêncio reina pelo instante no qual ela cogita se deve desligar, mas a curiosidade prevalece.

- Qual seria a surpresa?

- *Eu falarei em um minuto, mas, antes, gostaria de lhe perguntar uma coisa.*

- Vá em frente.

- *Você acha correto usar dezenas de milhões de dólares dos pagadores de impostos para fazer propaganda ideológica?*

A ligação fica novamente muda por alguns instantes.

- *Jovita, você está aí?*

- Sim, mas estou desligando. Não estou interessada na sua surpresa.

*- A surpresa virá de qualquer forma. A sua escolha diz respeito apenas quanto a tomar conhecimento dela agora ou depois que o estrago já tiver sido ainda pior.*

- O que você quer?

*- Quero apenas que responda a pergunta que lhe fiz: você acha correto usar dinheiro dos pagadores de impostos para os manipular com propaganda massiva?*

- É claro que não.

*- Então por que é que vocês fazem exatamente isso?*

- Nós não fazemos isso. Investimos exclusivamente em comunicação de orientação, com total transparência, não em propaganda.

*- Você chama de "comunicação de orientação" a campanha de terror que vocês estão patrocinando para convencer pequenos negócios e consumidores a não utilizarem criptomoedas?*

- Veja, eu não sei quem você é e de jeito nenhum ficarei debatendo o orçamento de comunicação da agência com um desconhecido. Se era isso que você tinha a me dizer…

*- Não! Espere. Eu vou lhe contar a surpresa.*

- É a sua última chance antes de eu desligar.

*- Alguns amigos e eu resolvemos corrigir os equívocos de comunicação da sua agência. Há exatos vinte e três minutos todos os seus anúncios de terror em redes sociais foram substituídos por comunicados que esclarecem os pagadores de impostos sobre a montanha de dinheiro que vocês têm gasto em propaganda para enganá-los. Para causar um melhor impacto, aumentamos em mil vezes o gasto por minuto para divulgar essas mensagens. Não é legal? Estamos usando o seu próprio orçamento para corrigir os seus deslizes.*

- Quem são vocês? Como vocês teriam autorização para fazer isso?

*- Autorização? Que gafe! Esquecemos de nos preocupar com isso. Mas, veja, pelos nossos cálculos, se vocês agirem rápido, precisarão de cerca de vinte minutos para interromper os efeitos das nossas alterações.*

O silêncio toma conta da ligação.

- *Jovita?* - Manifesta-se a voz do outro lado com uma pronúncia latina perfeita.

- Sí. - Ela responde em sua língua nativa, por reflexo e nervosismo.

*- Mais uma coisa para deixar a nossa brincadeira mais interessante: assim que encerrarmos essa ligação, o seu telefone desligará automaticamente e ficará inoperante por algum tempo.*

- *Pendejo*, se qualquer parte do que você me falou for realmente verdade, você está muito encrencado. Nós descobriremos quem você é!

*- Não se dê ao trabalho de procurar. Eu sou Satoshi.*

Ulrich está aguardando o início do evento na área reservada para palestrantes no Centro de Convenções de San José quando, de repente, vê um rosto que lhe é familiar. Aquele rosto o encara de forma nada amigável. Ele desvia o olhar por alguns instantes, constrangido pela deselegância do outro, até que olha novamente e percebe que o homem não apenas o continua encarando como, agora, acaba de se levantar e vem em sua direção.

Com barba e cabelo brancos e ralos, ele para em frente a Fersen, olhando-o com desprezo, de cima para baixo. É o constante nojo em seu olhar que leva Ulrich a, finalmente, lembrar-se de quem se trata.

- Olá! Você é o…

- Yosef Schweinglitz. - O velho senhor responde, com uma prepotência nauseante.

- Permita-me que me apresente. Eu sou...

- Eu sei muito bem quem você é. - O homem o interrompe.

- Bom, neste caso, você também deve saber que está devendo um pedido de desculpas.

- Como é? - O velho pergunta, com a ira estampada em seu rosto e carregada em seu tom de voz.

- Se você sabe quem eu sou, você também sabe que está em débito com um pedido de desculpas.

- Eu ouvi bem a sua afirmação, apenas não pude acreditar em tamanha petulância. Quem você pensa que é para falar assim comigo?

Schweinglitz é um economista renomado, premiado no meio acadêmico por diversos de seus estudos a respeito da desigualdade social. Por ter acumulado uma legião de seguidores e tornado-se o queridinho da maior parte da imprensa, ele não está mais acostumado a ser questionado e, muito menos, confrontado.

- Sou um simples indivíduo e, como tal, sinto-me livre para falar a verdade para quem quer que seja. Compreendo que para você, um socialista convicto, seja difícil tolerar que um camarada qualquer possa dirigir-se diretamente a você, “um integrante de uma casta intelectual ungida e iluminada”.

- Olha, rapaz, eu não tenho tempo para perder com um sujeitinho desprezível como você. Sei muito bem que você é um desses novos “anarcoidiotas” que passam o dia inflamando jovens inocentes contra as autoridades constituídas de seus países. Eu vim até você simplesmente para lhe dizer pessoalmente o quanto eu repudio todas essas ideias estúpidas que você tenta propagar. Se espera que eu lhe peça desculpas por seja lá o que for, pode esperar sentado. - Ele responde, virando-se e começando a caminhar para o outro lado.

- Não é para mim que você deve o pedido de desculpas, mas para o seu rebanho de discípulos. - Ulrich manifesta-se um pouco mais alto, apenas o suficiente para que ele escute, vire-se e olhe novamente. - Você tem ofendido a inteligência deles.

- Como é que é?

- Eu já o vi utilizando os mais diversos sofismas para ludibriá-los, mas a sua displicência em enganá-los está passando dos limites. Afirmar que a verdadeira razão pela qual pessoas querem utilizar bitcoins é para cometer crimes? Por favor! Você tem habilidade para contar mentiras muito mais bem elaboradas!

- Olha só! Que grande honra receber essas reclamações da boca do maior de todos os criminosos do Bitcoin! - Ele responde, aproximando-se novamente. - É por causa de pessoas como você que o abismo da desigualdade entre os homens está cada vez maior!

- Schweinglitz, a verdade é que por causa de indivíduos livres e produtivos como eu que o mundo está atualmente testemunhando o menor número proporcional, em toda a sua história, de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Mas é claro que sujeitos como você, guiados pela inveja e pelo ressentimento infundado, conseguem enxergar apenas a diferença material. Vocês estariam totalmente confortáveis em ver o mundo inteiro morrendo de fome, mas não suportam ver um indivíduo com mais do que outro, ainda que ambos tenham todas as suas necessidades fundamentais plenamente atendidas. Você me chama de criminoso. Por que não fala qual foi o crime que eu cometi?

- Falo sim! Sem problema algum! Você cometeu o crime do egoísmo! Da mesquinhez! Da ganância! Você é incapaz de olhar à sua volta e ver que existem pessoas que necessitam do dinheiro que você tem sobrando! Você pensa apenas em guardar mais para si próprio e, por isso, sonega impostos! Você sonega o direito de outras pessoas terem o mínimo de dignidade.

- Você não sabe nada a meu respeito e muito menos a respeito de como eu ganho e do que eu faço com o meu dinheiro. E você não sabe

simplesmente porque eu não permito que você ou qualquer dos seus comparsas tomem conhecimento disso. Eu não me deixo subjugar pela suposta legitimidade que vocês alegam ter sobre a minha capacidade de produzir e o meu tempo investido nela. As informações que eu me nego a prestar a você e aos seus amigos da máfia estatal são a respeito do que é meu, produzido pelo meu corpo e pela minha mente, durante o meu tempo de vida. Se permitisse que vocês decidissem o que devo ou não fazer com os resultados do meu trabalho, eu estaria me deixando escravizar por você e pelas suas falácias aliadas aos seus comparsas e suas armas. Ocorre que eu não transijo com a escravidão. Nada do que eu produzir, seja muito ou pouco, jamais estará sujeito às ordens do que você e os seus cúmplices acharem que faz sentido tentar impor a mim. Em outros tempos eu teria que tentar enterrar meus bens para evitar que vocês os roubassem, mas hoje eu posso deixá-los a salvo das suas garras com apenas um clique, e é isso que você não admite! É isso que você não suporta! É isso que tira você do sério! Você e os seus amigos simplesmente não podem me roubar.

Schweinglitz continua encarando Fersen com ódio, enquanto este segue falando:

- Além disso, se eu resolver colocar todo o meu dinheiro a serviço de outras pessoas, eu o farei porque quero, por vontade ou solidariedade minha, e não por qualquer alegado dever meu ou suposto direito delas. Sempre que alguém produz qualquer coisa e entrega a outro, o agraciado deve receber como um favor, um presente, uma graça, e não como uma mera entrega de algo que já era seu por direito. Você só pode exigir os resultados do trabalho de outra pessoa se você a escraviza! Você, propositadamente, induz as pessoas a confundirem direitos com privilégios, liberdades com meios e capacidades com desejos. A verdade é que toda a sua pseudo intelectualidade está a serviço de convencer a maioria das pessoas a não reagirem ao controle que lhes é imposto por meio da força de uma milícia que finge fazer beneficência com o dinheiro alheio enquanto fica ela própria com a maior parte do produto de sua espoliação. Não sou eu o criminoso, Schweinglitz! O criminoso é você!

- Você é uma pessoa horrorosa! - Responde o velho economista, com o constrangimento de que foi desnudado em público. - Toda minha vida de pensamento foi dedicada a guiar a humanidade em direção a uma sociedade mais civilizada!

- O seu conceito de civilidade é curioso, Schweinglitz. Civilizado é o último adjetivo que eu associaria a um sistema que tem por base dos seus relacionamentos sociais a coerção decorrente da força física. Como disse Ayn Rand: "*civilização é o processo de libertar o homem dos outros homens*". Assista à minha palestra para tomar conhecimento das possibilidades de uma sociedade realmente civilizada, baseada na lógica, na persuasão e em relacionamentos livres e voluntários, e não na coerção das armas. Se você não tem mais sequer a coragem de encarar de frente ideias contrárias às que você prega, você não está apenas ultrapassado, você está morto.

- Sente-se. - Bruno fala, apontando para um dos dois sofás da ampla e pouco mobiliada sala de estar da casa.

A sala tem um pé direito de quase seis metros e um de seus lados é formado por uma parede inteira de vidros, com vista para a linda piscina que adorna o imenso quintal. Toalhas úmidas e garrafas de cerveja jogadas no chão expõem os sinais de uma festa que ocorreu na noite anterior.

- Obrigada. - Ela responde, apreciando a beleza da casa.

- Certo. No que você acha que eu posso lhe ajudar?

- Eu quero saber se existe alguma forma de rastrear o dono de uma carteira Bitcoin.

- Isso depende.

- Do quê?

- Das transações que o dono da carteira fez. Por exemplo, se ele pediu uma pizza e pagou com bitcoins, tem como rastrear, porque os estabelecimentos legalizados têm as suas carteiras registradas perante o governo. Aí é só ver onde a pizza foi entregue e achar o cara.

- Ok. Mas se a pizza for deixada na porta e não tiver ninguém e nenhum rastro de alguém no endereço, o dono da carteira continua anônimo, certo?

- Claro.

- E se ele usar a carteira apenas para fazer transferências para pessoas físicas que não tenham as suas carteiras registradas?

- Também depende. Se alguma dessas pessoas tiver deixado o rastro da identidade dela ligada à própria carteira em algum lugar, vai ser possível rastrear ela e depois tentar partir dela para chegar no cara que fez uma transação para a carteira dela.

- Então a carteira só é irrastreável se o dono dela nunca usar ela para nada. É isso?

- Não. Não é bem isso. Quem realmente tem a intenção de não deixar rastros da sua própria carteira, consegue se manter irrastreável. Como há milhares de pessoas no mundo que tomam esses cuidados, elas conseguem realizar pagamentos entre si sem que ninguém possa rastreá-las.

- Mas aí estamos falando de criminosos.

- Não necessariamente. Há pessoas que usam esse anonimato para realizar atividades de resistência a grupos políticos totalitários nos seus países, por exemplo. Outras fazem questão de esconder patrimônio por questões ideológicas, porque não reconhecem a legitimidade do estado tributá-las. E tem ainda algumas pessoas que simplesmente não querem tornar público quanto dinheiro elas têm, por questão de segurança.

- Que poderia ser o seu caso, por exemplo?

- Não. Se, hipoteticamente, eu tivesse Bitcoins, simplesmente não os teria trocado por dólares ou por quaisquer outros produtos ou serviços porque considero que a moeda ainda está extremamente barata e que, a médio prazo, ainda valorizará em dezenas de vezes o seu valor atual.

- Mas, nessa hipótese, como você teria comprado uma casa desse tamanho e um carrão como aquele que está lá na frente sem vender os seus hipotéticos bitcoins?

- Com dólares! Como, de fato, comprei. O seu amigo Axel não lhe contou que eu tenho uma produtora de jogos digitais muito bem sucedida, não é?

- Não. - Ela responde, um pouco constrangida por ser surpreendida por uma informação tão fácil de descobrir.

- Bem, mas agora você sabe. Ainda que eu tivesse bitcoins, não precisaria vendê-los para comprar nada disso. Aliás, muito provavelmente eu ainda estivesse comprando e minerando ainda mais moedas, sem me desfazer de nenhuma.

- E como você as compraria sem deixar rastros?

- Eu teria uma mineradora clandestina ou compraria os bitcoins de alguém que tenha.

- Faz sentido. - Ela comenta, pensando naquele galpão.

- Bem, espero que eu tenha ajudado. - O rapaz comenta, levantando-se.

- Claro. Ajudou sim. Obrigada! - Ela responde, entendendo o convite para se retirar e também se levantando.

- Olhe, se você quiser saber mais sobre Bitcoin, deveria ir hoje na palestra do Ulrich Fersen. Ele vai falar em uma grande conferência sobre economia a apenas alguns quilômetros daqui.

- Ulrich quem?

- Ulrich Fersen! É o cara que mais conhece sobre Bitcoin no mundo! Dizem, inclusive, que ele é a pessoa física que tem a maior carteira de todas! Ele nega, mas eu acho que é verdade. Dizem que ele foi a primeira pessoa a receber uma transação de bitcoin. Alguns dizem até que ele é o próprio Satoshi!

- Satoshi?

- A história do Bitcoin começa em 31 de outubro de 2008, quando Satoshi Nakamoto, um programador de quem ninguém havia ouvido falar até então, publicou um artigo em uma lista de e-mails que tratava de criptografia.

Ulrich está no palco e, como de costume, pediu aos ouvintes que sintam-se à vontade para questioná-lo a qualquer momento.

- O documento descrevia todo o funcionamento do Bitcoin. Alguns dos membros da lista de e-mails começaram a debater com Satoshi a respeito do projeto, tirando dúvidas de como ele funcionaria, até que, no início de janeiro de 2009, ele minerou o bloco gênesis e, em seguida, fez a primeira transação. Ele continuou fomentando o desenvolvimento de uma comunidade em torno do Bitcoin até abril de 2011, quando publicou sua última mensagem e jamais manifestou-se novamente. Simplesmente sumiu.

- Sr. Fersen - manifesta-se um homem da plateia -, mas quando você fala que ele sumiu, quer dizer que ele sumiu da comunidade do Bitcoin, ou que sumiu mesmo?

- Qual é o seu nome, senhor?

- É Owen.

- Owen, ele sumiu mesmo. Nunca mais ninguém teve notícias dele em parte alguma.

- Sr. Fersen, desculpe a insistência, mas é difícil de acreditar que uma pessoa possa simplesmente sumir assim. Alguém tentou procurá-lo na casa dele? Fizeram um registro do desaparecimento perante as autoridades policiais?

- Owen, ainda que os membros daquele grupo inicial tivessem se relacionado com Satoshi por mais de dois anos, nenhum o conhecia pessoalmente. Todos os conheciam apenas por meio de mensagens eletrônicas. Ninguém saberia sequer dizer às autoridades policiais qual era o endereço dele e nem mesmo se Satoshi era mesmo o seu nome, ou se era apenas um pseudônimo. Ninguém sabia se ele era alto ou baixo, gordo ou magro, negro, branco ou amarelo. Não se sabia nada sobre ele.

- Mas como podemos ter certeza de que, realmente, ninguém daquele grupo o conhecia?

- Eu sei, porque eu fazia parte daquele grupo.

A sede da Agência Federal de Proteção Financeira ao Consumidor ocupa quase um quarteirão inteiro da *G Street*, em *Washington, D.C.*, com seu vultoso prédio de vidros e concreto exposto. No quinto e último andar a diretora geral do órgão está prestes a sair quando dá de cara com um rapaz na porta de sua sala.

- Temos um problema. - Ele diz, visivelmente transtornado.

- Desmond, pode ser depois? Estou saindo para uma reunião e o carro já está lá embaixo esperando.

- Infelizmente não tem como esperar, Katlyn. Nós tentamos resolver sem recorrer a você, mas não conseguimos.

- Do que se trata?

- Fomos invadidos e todos os nossos dados foram criptografados. Estamos sem acesso a eles.

- Quais dados, mais especificamente?

- Tudo! Investigações, relatórios, subsídios técnicos, históricos, arquivos, processos regulatórios inteiros… Absolutamente tudo!

- Ok. - Ela diz, dando um profundo suspiro. - Qual é a data do nosso último *backup* completo?

- É de vinte dias atrás, mas…

- Ótimo! - Ela suspira novamente, desta vez de alívio. - Vamos perder alguns dias de trabalho, é verdade, mas vamos nos virar.

- Katlyn, eles invadiram também os *backups*. Quando eu disse tudo, eu quis dizer realmente *tudo*!

A diretora fica completamente paralisada por alguns instantes, encarando-o com perplexidade.

- Como assim? - Ela pergunta num grito, levando as mãos ao rosto. - Como permitimos que algo assim acontecesse, Desmond?

- Eu não sei! Nós tentamos de tudo para entender o que houve! Não fazemos ideia de como conseguiram invadir os nossos *backups*! Em tese, isso era impossível!

- Em tecnologia da informação nada é impossível. - Ela responde, tentando acalmar-se para conseguir raciocinar direito. - E o que eles estão pedindo? Não! Espere! Deixa eu adivinhar. Eles querem milhões de dólares em bitcoins como pagamento para liberar os nossos dados, num prazo de 48 horas, ou destruirão tudo. Acertei?

- Bem… você acertou a parte dos bitcoins, mas não é bem isso.

- Então o que é? - Ela pergunta angustiada.

- É confuso. Acho melhor você mesma ler a mensagem. - Ele responde, entregando-lhe as duas folhas de papel que tem nas mãos.

Ela pega os papéis, senta-se à mesa e começa a ler:

*À Agência Federal de Proteção Financeira ao Consumidor,*

*Uau! Quantas informações importante temos aqui, não é mesmo? O que seria do mundo se não fossem vocês, burocratas federais, pensando em como nos proteger de nós mesmos? Estaríamos todos fritos! Ainda bem que temos anjos como vocês, iluminados, imunes ao erro e à corrupção, dedicados a determinar de que forma devemos nos relacionar entre nós. Bem, é claro que nós não acreditamos nisso, mas vocês acreditam, e é isso o que torna tudo tão engraçado! Ou, melhor: "patético" é uma palavra mais adequada.*

*Como é bom morar nos Estados Unidos da América, a terra da Liberdade, o bastião da democracia no mundo! Ah, mas veja só! Quem diria que no ano passado, assim como nos anos anteriores, apenas 5% das normas aprovadas no país partiram das mãos de representantes democraticamente eleitos, enquanto os outros 95% correspondem a regulações impostas por burocratas NÃO ELEITOS, que se encastelam em agências reguladoras como esta! Que curioso! Talvez sejamos um país apenas 5% democrático?*

*Vocês falam em "regulamentar" como se estivessem corrigindo coisas que antes eram "irregulares", quando a verdade é que estão apenas atrapalhando e engessando o desenvolvimento daquilo que ia muito bem antes de entrar nos seus radares!*

*Mas, feitos estes comentários iniciais, o que vem ao caso é que esta agência, supostamente com o objetivo de "proteger os consumidores", recentemente resolveu regulamentar o uso de algo que nos é muito caro: os bitcoins. Vocês não deveriam ter tentado fazer isso. Não que isso nos afete diretamente, mas as*

*pessoas comuns, coitadinhas, elas se preocupam em seguir as regras que vocês estipulam. Elas acreditaram na historinha de que vocês têm esse direito. Assistir a isso é o que nos irritou. E aí está o que vocês não deveriam ter feito: vocês não deveriam nos ter irritado!*

*Agora é tarde. Com a mesma convicção que deixa vocês confortáveis em determinar como devem ser as atividades das outras pessoas, nós resolvemos determinar como serão as suas atividades a partir de agora, e elas serão alheias a qualquer vestígio de tecnologia da informação. Voltem às máquinas de escrever e aos gigantescos arquivos de papel. No mundo digital, nós caçaremos vocês todos os dias, o tempo todo, incansavelmente!*

*Boa sorte tentando recuperar as informações que nós criptografamos. Vai uma dica: não conseguirão.*

*Eu sou Satoshi.*

- Olá, Axel.

- *Meu Deus, Claire! Você sumiu! Estou tentando contatá-la há horas!*

- O meu telefone estava grampeado. Eu tive que me desfazer dele.

- *E esse número?*

- O seu amigo Bruno me deu um telefone pré-pago que tinha em casa. Ele também me indicou a palestra de um tal de Ulrich Fersen. Vai começar daqui a pouco e é aqui perto. Estou indo para lá.

- *Ulrich Fersen? Esse cara é bem famoso! A propósito, o Bruno Rivera não é exatamente meu amigo*.

- Ah, é verdade. Ele me disse isso. Você descobriu mais alguma coisa a respeito daquele galpão?

- Daquele, especificamente, não. Mas descobri de outros.

- Como assim, outros?

- Contratos de locação normalmente não resultam em qualquer registro público, mas eu levantei todas as contas de energia elétrica que tinham como titulares quaisquer daquelas empresas que compõem o emaranhado da JG Holdings e, adivinha? Contando com aquele galpão que nós vimos, elas ocupam um total de 1.709 imóveis espalhados pelo país.

- Todos em atividade?

- Sim. Todas as contas apresentam um consumo de energia parecido ou até maior do que a do galpão que nós checamos. Algumas apresentam um consumo dez vezes maior!

- Isso tudo acontecendo sem que ninguém perceba? É muito estranho, Axel.

- Sim, eu sei. E tem mais: praticamente todos os endereços receberam entregas da New England Dynamics nos últimos doze meses.

- Todas essas encomendas foram pagas em bitcoin, eu aposto.

- Exatamente!

- Tem alguma coisa muito errada por trás dessa história, disso eu estou certa! Mas eu ainda não faço a menor ideia do tipo de imagem que estamos tentando formar nesse quebra-cabeça.

- Calma! Ainda tenho mais uma peça para você.

- Qual é?

- Realmente não havia nenhum registro de sócio pessoa física em nenhuma das empresas que compõem o grupo da JG Holdings. Como eu

suspeitava, alguém fundou a primeira empresa e foi posteriormente substituído por uma outra pessoa jurídica na titularidade da empresa. Por alguma brecha burocrática, essa pessoa conseguiu eliminar o seu nome de todos os registros oficiais.

- Certo. Até aí eu já sei.

- Acontece que eu consegui que um nos nossos contatos no Panamá fosse até o escritório de advocacia que presta serviços para a JG Holdings, e lá ele conseguiu ter acesso a um documento impresso que ainda estava arquivado. Nós já temos o nome da pessoa que fundou a empresa. É Jeremy Gardner.

- E qual é o *background* desse cara?

- Um programador. Nenhum histórico criminal.

- Alguma pista de como ele conseguiu montar toda essa estrutura fantasma?

- Na verdade "fantasma" é um termo perfeito, Claire.

- Como assim?

- O que ocorre é que esse Jeremy Gardner morreu em um acidente no laboratório em que trabalhava. Ele morreu quase um ano antes de ser fundada a JG Holdings em seu nome no Panamá.

- Sr. Fersen! - Exclama um rapaz com a mão levantada no meio da plateia.

- Diga o seu nome e faça a sua pergunta.

- Meu nome é Usher, senhor. Eu já assisti a alguns vídeos que afirmam que você é o próprio Satoshi Nakamoto. Se isso for verdade, você é o dono das carteiras para onde foram minerados os primeiros bitcoins da história, que têm aproximadamente 1 milhão de bitcoins. Ou seja, se for verdade, você é um dos homens mais ricos do planeta! O que você faria com todo esse dinheiro?

- Bem, Usher - o palestrante começa sorrindo -, realmente seria muito dinheiro! Mas me cabe esclarecer que não sou o Satoshi Nakamoto. Eu entendo a ânsia das pessoas em tentar descobrir a identidade dele, afinal, ele criou um dos sistemas mais revolucionários da nossa era e, depois, simplesmente desapareceu. Mas o fato é que ele realmente sumiu.

- Mas o que você faria com o dinheiro, se ele fosse seu? - O rapaz insiste.

Ulrich olha para o rapaz por alguns instantes, como se realmente estivesse administrando em sua mente toda aquela fortuna. Depois descruza os braços e coloca as mãos nos bolsos, passando a caminhar vagarosamente pelo palco e iniciando sua resposta:

- Acredito que eu usaria a maior parte dessa fortuna para fomentar o próprio Bitcoin. Eu realmente acredito que a descentralização do dinheiro e a redução dos custos de transação de uma sociedade, que são resultantes dessa tecnologia, têm o poder de mudar drasticamente o mundo e a forma como nos organizamos. Os estados e os burocratas tenderão a, gradativamente, perder a maior parte do poder que hoje concentram, e isso levará a humanidade a um novo patamar de desenvolvimento. Acredito que nada me daria mais prazer do que testemunhar essa evolução.

No centro de processamento de tributos da Receita Federal em Fresno, Califórnia, o chefe do setor fala ao celular enquanto observa um dos seus subalternos caminhando apressadamente entre os corredores formados pelas estações de trabalho. Várias manchas no carpete azul, que registram pequenos acidentes alimentares, intensificam a aparência desagradável do local. As dezenas de baias apertadas nas quais se espremem os servidores públicos entre seus computadores, canecas, manuais, porta-retratos, pastas, pilhas de papéis e potes de comida proporcionam uma sensação que alterna entre aflitiva e insalubre.

O funcionário vem até a porta do cubículo de vidro do chefe e fica parado, encarando-o com os olhos arregalados de quem espera uma brecha para falar.

- Ei, eu preciso desligar, estão me chamando aqui… Ah, eu sei lá! Sim… A gente fala sobre isso a noite… Sim, estava ótimo... Duvido - risos - Isso… Ok… Ainda não, mas prometo que vou fazer em breve… Ok… Combinado… Até depois.

Ele desliga e sinaliza com a cabeça para que o outro entre.

- O que foi, Walt?

- Brian, o sistema está com um problema. Ele...

- Você tem o manual de procedimentos? - O chefe interrompe de forma grosseira.

- Tenho, mas…

- Estão use-o!

- Eu sei, Brian. Eu o usei, mas…

- Não havia solução lá?

- Não. É que…

- Então abra um chamado para o suporte! Por Deus!

- Eu sei. Eu fiz isso. É que...

- Então aguarde a resposta deles, homem!

- Eles já responderam. Estão trabalhando para resolver.

- Ótimo. Então o que você quer de mim, Walt?

- Bem, Brian, é que…

- Desembucha! Por acaso você espera que eu comece a estudar programação para resolver os problemas dos quais o suporte não dá conta?

- Não, não… Claro que não, Brian…

- Então explique por que você veio até aqui me incomodar!

- É que não foi um problema comum. Estão todos recebendo a mesma mensagem de erro. Achei que você deveria saber.

- Deve ser algum problema no servidor. Isso já aconteceu antes. Vocês se desesperam por qualquer coisa!

- Bem… é que a mensagem está muito fora do padrão.

- E por acaso você agora virou programador para saber quando uma mensagem de erro está “muito fora do padrão”?

- Não, Brian… é que essa realmente qualquer um conseguiria perceber.

- Qual é a mensagem, Walt?

- “*Imposto é roubo! Eu sou Satoshi.*”

Do lado de fora do auditório no qual acaba de dar sua palestra, Ulrich ainda conversa animadamente com alguns dos ouvintes.

Em frente ao mural de palestras, localizado no hall que dá acesso aos auditórios da conferência, está Claire. Sua visão tangencial lhe permite manter o alvo no radar de forma discreta. Assim que surge a oportunidade, ela se aproxima.

- Parabéns pela apresentação! Eu confesso que cheguei um pouco atrasada, mas o tanto que vi já foi impressionante!

- Obrigado! - Ulrich responde, sorrindo.

Os poucos instantes que se passam parecem a Ulrich uma eternidade no momento em que percebe que ficou, por tempo demais, em silêncio, sorrindo e encarando aqueles olhos que são, ao mesmo tempo, tão cativantes e desafiadores.

- Perdão! Qual é o seu nome?

- Meu nome é Claire Atkins! Muito prazer!

- Muito prazer, Claire! Eu sou Ulrich.

- Eu sei! - Ela responde meio debochada, apontando para a plaquinha na porta do auditório que indica a palestra de Ulrich Fersen.

- Claro, claro! - Ele responde balançando a cabeça e sentindo-se um pateta.

- Será que eu poderia lhe pagar um café? - Ela pergunta.

- Claro! Será um prazer!

- Tem um ali no outro lado da rua.

- Ok. Eu tenho que buscar a minha mochila e me despedir dos anfitriões. Nos encontramos ali em vinte minutos?

- Combinado!

Claire entra no café e escolhe um lugar estratégico para sentar: no canto, de costas para a parede e com visão total de todo o salão e da ampla janela frontal do estabelecimento.

O local é simples, mas tem seu charme. Certamente está ali há algumas décadas, muito antes do enorme centro de convenções erguido em frente. As mesas são de madeira e os bancos e cadeiras são estofados com um tecido de estampa delicada, que só pode ter sido escolhido por uma proprietária caprichosa e apaixonada. Lembra muito um lugar que Claire frequentava com seu ex-marido quando ainda eram namorados.

Ulrich, aliás, tem alguma coisa que lembra muito seu ex-marido. Não é nada daquela sua apatia insuportável, que ela enxergava como mistério intrigante no início, mas que depois passou a odiar com um tédio mortal. É algum tipo de entusiasmo juvenil no olhar, que ele tinha ao olhar para ela no início do relacionamento, como o de um garoto que olha a bicicleta dos seus sonhos na vitrine de uma loja, ou um maravilhoso parque de diversões no qual está prestes a entrar, ou uma deliciosa torta de chocolate com morangos que…

- Você vai comer? - A garçonete interrompe os pensamentos de Claire.

- Não! - Ela responde no susto. - Quer dizer, talvez. Pensando melhor, por que não? Você tem alguma torta de chocolate com morangos?

- Temos uma torta de chocolate e também temos uma de morangos com suspiros.

- Certo. Me traga uma fatia de cada, por favor, e também uma xícara de café com leite.

Enquanto observa a garçonete se afastando, Claire volta a pensar em Ulrich e a cogitar se algo nele a atraiu. *Será que foi o olhar?* Alguma coisa certamente lhe chamou a atenção quando conversaram, mas talvez tenha sido apenas algum tipo de curiosidade, não atração. Afinal, depois de tanto tempo do seu divórcio e tendo ela praticamente se internado no trabalho, não seria difícil que a curiosidade por um tipo misterioso pudesse ser confundida com atração. Talvez esteja na hora de voltar a viver um pouco fora do trabalho. O que, no início, era para ser uma fuga,

acabou se transformando em uma armadilha. Depois de estar escondida em uma caverna por algum tempo, pode ser assustador resolver sair dela.

Claire perde-se em seus pensamentos por tempo suficiente para que a garçonete traga o seu pedido, mas nenhum sinal do convidado. Ela começa a cogitar que pode estar levando um bolo quando, finalmente, vê Ulrich, de mochila nas costas, atravessando a rua. Ele entra no café e a localiza rapidamente, aproximando-se com aquele olhar.

- Acho que eu nem conseguiria comer algo tão doce. - Ele comenta simpaticamente, olhando-a nos olhos, enquanto coloca a mochila em uma cadeira e puxa outra para sentar-se.

- Você acha que não daria conta? - Ela pergunta, com um olhar de desafio, usando o garfo para empurrar a torta de morango para cima da de chocolate.

- Talvez não! - Ele responde sorrindo e perguntando-se como ela pode, ao mesmo tempo, ter um corpo tão esbelto e ser tão gulosa.

- Parabéns pela sua palestra! Eu gostei muito!

- Você também é uma entusiasta do Bitcoin?

- Eu diria que sou apenas uma curiosa sobre o tema. Na verdade, acho até que estou chegando um pouco atrasada nele.

- É claro que não! Estamos apenas nas fases preliminares dessa história. Ainda tem tudo por acontecer! E pela quantidade de pessoas que ainda estão vendo as criptomoedas com maus olhos e querendo proibi-las, penso até que vamos demorar ainda um bom bocado para chegar aos capítulos principais.

- E você nem cogita que essas pessoas talvez possam ter um pouco de razão?

- É claro que não.

- Quer dizer, é verdade que o Bitcoin pode ser facilmente usado para lavar dinheiro oriundo de crimes, não é verdade?

- Talvez. Eu diria que uma verdade muito maior é que, mesmo tantos anos depois da criação do Bitcoin, a maior parte do dinheiro lavado no mundo continua em dólares. Você cogita que poderia ser correto proibir os dólares?

- É claro que não.

- Exatamente.

- Mas é diferente.

- Por quê?

- Porque o dólar é uma moeda oficial. É uma moeda emitida pelo estado.

- E esse seria mais um motivo para que o dólar fosse extinto muito antes do Bitcoin.

- Como assim? Qual é a lógica por trás dessa afirmação? - Ela pergunta, sinceramente intrigada, antes de dar mais uma garfada em sua orgia glicêmica.

- A sua preocupação é com um sistema que possa fornecer meios que facilitem o cometimento de crimes, não é isso?

- Exato! - Ela responde de boca cheia, apontado-lhe o garfo.

- Então você está apontando as suas armas contra o sistema errado. Os maiores crimes da história da humanidade, como genocídios, massacres de populações inteiras pela fome, por epidemias acobertadas, torturas e escravização em massa, foram cometidos justamente por estados, e a concentração de poder foi justamente o seu principal meio. Qualquer sistema que tire um pouco desse poder dos estados e o disperse entre mais indivíduos certamente está dificultando um volume muito maior de danos decorrentes de crimes do que aqueles que, eventualmente, possa estar facilitando.

- Mas… - Claire inicia uma frase novamente apontando o garfo para Ulrich, mas logo desiste e prefere dar mais uma garfada enquanto pensa sobre o que ele acaba de falar.

- Talvez essa seja uma das maiores e mais recorrentes falhas de raciocínio das pessoas: elas acham que os seres humanos podem cometer crimes horríveis, então resolvem concentrar um poder monstruoso nas mãos de alguns seres humanos para que eles as protejam, mas não cogitam que estes seres humanos também possam cometer crimes horríveis, só que, desta vez, munidos dos poderes monstruosos que foram concentrados em suas mãos.

- Mas há mecanismos para evitar que as pessoas que mais tendam a cometer crimes cheguem ao poder.

- É mesmo? Tal como o sistema eleitoral? - Ele pergunta, em tom de deboche. - Seria por isso que a maioria dos políticos eleitos são pessoas honestas e espiritualmente iluminadas? Fale-me mais sobre isso.

- Ok, ok! Você venceu! Estou convencida. Mas me diga uma coisa: como podemos fazer para fortalecer esse sistema de descentralização de poder que é o Bitcoin?

- Olha, não sei se eu tenho a resposta mais perfeita para essa pergunta, mas posso dizer que dedico quase todo o meu tempo a essa tarefa.

- É mesmo? E como você faz isso?

- Tentando desmistificar o Bitcoin para as pessoas. Tenho um canal onde posto vídeos quase que diariamente e, além disso, viajo o mundo dando palestras como essa que você viu. É a minha forma de ajudar o Bitcoin a se fortalecer.

- Só isso? - Claire pergunta, esperando que ele mencione mais alguma forma.

- Só! - Ele responde dando uma breve gargalhada. - Desculpe! Eu não esperava decepcioná-la.

- Não! Não é isso! É que lá na palestra você disse que se tivesse todo o dinheiro que o Satoshi Nakamoto tem, usaria a maior parte da fortuna para fomentar o Bitcoin. Só pensei que dar palestras e fazer

vídeos seria uma forma muito mais barata de promover esse fortalecimento.

- Claro! Acontece, no caso, que eu não sou o Satoshi Nakamoto. - Ele responde, sorrindo, mas já sem tanta simpatia.

- Não mesmo? - Ela pergunta olhando-o profundamente nos olhos.

- Não. - Ele responde seriamente.

- Mas você tem alguma atividade de mineração de bitcoins?

- Olha só - ele fala, pegando sua mochila e levantando-se da mesa -, foi realmente um grande prazer conversar com você e vê-la devorar essa extravagância quase obscena de chocolate com morangos, mas agora eu preciso ir.

- Mas, já? Fique mais um pouco!

- Eu não posso, mas obrigado pelo convite! - Ele responde, acenando um adeus e virando-se para sair.

- Por favor, fique! - Ela exclama em voz baixa, levantando-se da cadeira e apoiando-se com as duas mãos na mesa. - Eu preciso da sua ajuda!

Ulrich fica parado por alguns instantes, de costas. Depois vira-se, deixando claro em seu olhar que não está com paciência para enrolações.

- Você terá uma única chance de dizer exatamente o que quer de mim. Na primeira desconfiança que eu tiver a respeito da veracidade das suas palavras, eu irei embora imediatamente.

- Certo! Sente-se, por favor. - Ela pede, sinalizando com as mãos para que ele se acalme.

- Eu prefiro ficar de pé até que você me diga quem é e o que realmente quer comigo. Se acreditar, eu me sento.

- Eu preciso da sua ajuda para desvendar um mistério que, possivelmente, tem relação com crimes como tráfico de crianças, extorsão e terrorismo.

- Você é policial?

- Eu sou agente da C.I.A.

- Mostre-me a sua credencial.

- Está aqui. - Ela responde, abrindo a carteira e mostrando a identificação profissional.

- Certo. Continue. - Ele comanda, ainda de pé.

- Eu sei que talvez esse mistério não tenha relação com nenhum desses crimes e, nesse caso, eu lhe prometo que perderei qualquer interesse pelo assunto. Se for uma mera questão de lavagem de dinheiro ou sonegação fiscal, eu lhe dou a minha palavra de que fecharei os olhos encerrarei o caso imediatamente.

- E por que eu deveria acreditar em você?

- Por favor, acredite! Eu não dou a mínima para sonegadores. Isso é preocupação dos cobradores de impostos. O que eu quero combater são esses outros crimes.

- Ok. Digamos que eu acredite em você, qual é o mistério que você precisa desvendar?

- Agora você já pode se sentar? - Ela pergunta com delicadeza, apontando a cadeira.

- Sim. - Ele responde, sentando-se. - Mas não abuse da minha boa vontade.

- Ontem eu fui enviada a uma localidade rural no norte do estado de Washington para verificar um endereço. Nele há um galpão, onde funciona uma mineradora de bitcoins sem nenhum rastro de quem a colocou lá. O contrato de locação do imóvel leva a uma empresa ligada a várias outras empresas, em diversos paraísos fiscais, mas nenhuma delas tem ligação com nenhuma pessoa física. Quando finalmente encontramos o rastro de uma pessoa ligada à principal empresa do grupo, descobrimos que essa pessoa já havia morrido quando a empresa foi fundada, e que as empresas do grupo têm contas de energia elétrica vinculadas aos seus

nomes em mais de 1.700 imóveis espalhados pelo território americano. Todas as contas apresentam um consumo elevado de energia.

- Você acredita que em cada um desses endereços haja uma mineradora de bitcoins?

- Sim.

- E o que faz você acreditar que essas mineradoras estejam ligadas a algum crime violento, e não simplesmente que são clandestinas para evitar a perseguição do governo?

- É apenas um palpite.

- Deixa eu ver se entendi: com base em um palpite, você quer que eu tente lhe ajudar a quebrar justamente uma das coisas que eu mais respeito e valorizo, que é o anonimato de um membro da comunidade Bitcoin?

- Não é apenas um palpite. Coisas estranhas começaram a acontecer desde que eu estive naquele galpão na manhã de ontem.

- Que tipo de coisas?

- Foram feitas duas denúncias contra mim e elas chegaram até a mesa do meu chefe em um espaço de tempo muito curto, algo totalmente fora do comum. Já seria estranho se tivesse ocorrido uma vez, mas foram duas vezes em apenas dois dias! Isso só pode ter ocorrido por influência de alguém ou alguma organização criminosa muito poderosa.

- Você foi denunciada pelo quê?

Claire titubeia por um instante, mas respira fundo e se manifesta:

- Porque eu quebrei algumas regrinhas desimportantes.

- Quais regras? - Ele inquire, lendo nos olhos dela uma resistência em falar. - Não minta para mim, ou eu vou embora agora mesmo!

- Eu entrei naquele galpão sem uma ordem judicial e depois me passei por uma jornalista para obter algumas informações.

- Você violou uma propriedade privada? Você chama isso de “quebrar umas regrinhas desimportantes”?

- Mas eu não invadi! Não arrombei nada! O que ocorreu foi que um prestador de serviços chegou no local justamente quando estávamos lá investigando e eu entrei junto com ele para dar uma olhada.

- Desculpa, Claire, mas está muito difícil querer ajudar você.

- Ulrich, você ouviu quando eu disse que uma empresa foi fundada em nome de um rapaz morto? Será que você entende que isso pode significar até mesmo que esse jovem programador tenha sido assassinado?

- Parabéns! Usou bem as palavras para atrair a minha empatia. - Ele responde, cerrando levemente os olhos, como quem quer dizer que está atento. - O que mais você sabe a respeito dele?

- Não muita coisa, mas eu pedi a um colega que obtivesse mais informações. A essa altura ele já deve ter conseguido. Se você quiser, eu posso ligar para ele agora mesmo e lhe repassar as informações que ele me der, sem segredo algum entre nós! Ok?

- Certo. Mas eu quero que você ligue para ele aqui na minha frente.

- Claro! Sem problemas. - Ela responde.

- Se você não está mentindo para mim, deixe a ligação no viva-voz.

Claire paralisa por um instante, olhando para Ulrich com indignação, mas logo lembra-se de que não está em posição de vantagem perante ele e que precisa de sua ajuda.

- Ok. Sem problemas. - Ela responde e, meio a contragosto, coloca o telefone sobre a mesa.

Ela faz a ligação. O telefone toca algumas vezes e, finalmente, Axel atende, mas seu tom de voz não é muito animador.

*- Olá, Claire.*

- Oi, Axel. Você já conseguiu obter mais informações a respeito de…

- *Eu também fui suspenso, Claire.* - Ele a interrompe. - *O Porter me suspendeu por uma semana. Agora somos dois fora de combate.*

A frase faz a espinha de Claire se congelar e, ao mesmo tempo, os olhos de Ulrich se arregalarem.

- Como assim? Mas, por quê? O que houve? - Ela questiona, exaltada.

- *Eles descobriram que eu estava ajudando você durante a sua suspensão. Claire, é melhor nós não nos falarmos durante esse período. Desculpe.* - Ele encerra a ligação.

- Você está suspensa das suas funções? - Ulrich pergunta, visivelmente indignado.

- Sim, mas, veja…

- Para mim chega! - Ele exclama, interrompendo-a e levantando-se novamente. - Você está tão maluca que até lhe suspenderam do trabalho, e, mesmo assim, você está insistindo na investigação que lhe levou à suspensão! Francamente! Você deve estar sofrendo um surto psicótico! Uma neurose conspiracionista! Você não precisa da minha ajuda, você precisa de uma ajuda psiquiátrica!

Ao ver Ulrich virando-se para ir embora, ela se levanta da cadeira e fala com vigor:

- Você vai se negar a me ajudar porque o Estado diz que eu não posso fazer uma investigação? Então este é o grau do seu condicionamento subconsciente de obediência às determinações estatais? Por que eu não estou surpresa?

De alguma forma, as palavras dela o atingiram bem no alvo, conseguindo paralisá-lo.

- Se uma agência do governo diz que eu não posso investigar possíveis crimes violentos, então você se sente obrigado a obedecê-la? Que grande libertário é você, Sr. Fersen! - Ela golpeia novamente.

Ulrich tenta ignorar, mas é mais forte do que ele.

- Eu não estou indo embora porque você foi suspensa da agência.

- Mas você levantou justamente quando ficou sabendo disso. Será que, no fundo, você também não sente que deve alguma obediência aos nossos representantes eleitos e seus órgãos de controle?

Ela tem razão. Ele realmente levantou-se para sair quando recebeu essa notícia e, sendo confrontado por esse fato, agora se sente obrigado a provar para si mesmo que sua reação não teve nada a ver com a determinação da agência estatal.

- Claire, você não acha que está reagindo de forma desproporcional a esse seu palpite? Veja que, além de ser suspensa, você ainda levou o seu colega a também ser suspenso do trabalho.

- E você não acha ainda mais estranho que uma terceira denúncia tenha tramitado novamente tão rápido e levado ele à suspensão? Será que não estamos justamente diante de uma situação em que seres humanos estão manipulando o estado para cometer crimes horríveis? Por que você não me concede só mais uma chance e dá uma rápida olhada nesse caso? Se, depois de olhar, você concluir que não há nada de errado, segundo os seus próprios critérios morais, eu prometo não lhe incomodar mais.

Ulrich dá um profundo suspiro.

- Ok. Vamos lá.

No banco de trás de um sedan preto que cruza a *Constitution Avenue*, uma mulher de meia idade, loira, de olhos claros e muito bem vestida fala ao telefone.

- Eu já estou a caminho da Casa Branca. O Presidente quis antecipar a nossa reunião.

*- Ele deve estar nervoso por causa da repercussão das novas medidas.*

- Provavelmente. Os ânimos esquentaram por aqui.

*- Eu ouvi dizer que houve um ataque em massa contra sistemas do governo.*

- Sim. Também fiquei sabendo isso.

*- Pelo que escutei, foram dezenas de ataques e alguns deles realmente comprometeram as informações e o funcionamento de sistemas importantes.*

- Isso bate com os relatos que chegaram até mim.

*- Ao menos nós temos boas notícias, não é mesmo?*

- Sim… - Ela responde, deixando de prestar atenção na conversa ao perceber o que lhe parece ser um início de protesto em frente à Casa Branca.

Jovens, quase todos vestindo toucas pretas, como ninjas, aglomeram-se gritando palavras de ordem. Muitos levantam placas com os dizeres “NÃO PISE EM MIM” e “DANE-SE O GOVERNO”, mas chama a atenção que a maior parte delas ostenta a curiosa afirmação: “EU SOU SATOSHI”.

*- … Madeleine? Você está aí?*

- Sim! - Ela responde, voltando a prestar atenção na ligação. - Perdão. O que foi que você disse?

Ulrich está novamente sentado à mesa, mas dessa vez com o *laptop* à sua frente. Ele está acessando uma comunidade da *deep web* que costuma ser frequentada pelo tipo de *hacker* que poderá ajudá-lo a obter qualquer informação, a qualquer nível, a respeito de qualquer pessoa, e sem que a agência de Claire ou qualquer outro órgão governamental possa rastrear ou sequer suspeitar.

| | |
|---|---|
| *Frenzy_FU*<br>*06:12 PM* | *Preciso de ajuda para buscar informações sobre uma pessoa chamada Jeremy Gardner, americano, carteira de motorista B 2024225.* |
| *StarStrike56*<br>*06:14 PM* | *Me dá 10 min.* |
| *Frenzy_FU*<br>*06:14 PM* | *Ok. Obrigado.* |

- Quem é StarStrike56*?* - Claire pergunta, também olhando para a tela do computador.

- Eu desconheço a real identidade dele. Só sei que é um membro antigo de uma comunidade da qual eu participo.

- E por que você acredita que ele realmente nos ajudará?

- Eu desfruto de um certo prestígio nessa comunidade, por isso a ajuda aparece quando eu peço.

- Que comunidade é essa?

- É um fórum de discussão *cypherpunk*.

- *Cypherpunk*?

- Sim. *Cypherpunks* são entusiastas da criptografia e de tecnologias que fortalecem a privacidade. Nós trocamos informações sobre criptografia e novas formas de utilizá-la. O próprio Bitcoin teve início em uma comunidade como essa.

- Entendi.

- Ei, antes você disse que se passou por uma jornalista para para obter informações, não foi?

- Sim.

- Quais informações eram essas?

Claire começa um movimento de negação com a cabeça, como se fosse dizer que não comentaria informações a respeito da investigação, mas desiste de se negar a responder à pergunta de Ulrich quando percebe, em seu olhar, que ele pode simplesmente levantar-se e ir embora se ela não for totalmente transparente.

- Ok. Eu liguei para o Mark Reinert, fundador e CEO da New England Dynamics, para tentar entender melhor o motivo de a empresa dele estar tão integrada ao Bitcoin. Ela não só aceita pagamentos em bitcoins para quaisquer de seus produtos como também montou uma complexa estrutura jurídica para possibilitar que investimentos anônimos possam ser feitos na empresa usando a moeda.

- Eu sei. Essa empresa também já me chamou a atenção pelos mesmos motivos. A diferença é que eu vi isso com bons olhos, enquanto você, aparentemente, não.

- Eu não disse que não vi com bons olhos. Apenas me chamou a atenção que no galpão da mineradora que eu visitei havia uns dez NED-Handlers. E, depois, descobrimos que todos os mais de 1.700 galpões que são locados nos EUA por esse grupo de empresas receberam entregas da New England Dynamics.

- Faz sentido. Se, como você disse, essas mineradoras não possuem nenhum empregado, os NED-Handlers serão de muita utilidade na manutenção dos circuitos de mineração. Em uma atividade de mineração

de grande porte há peças que precisam ser trocadas ou consertadas o tempo todo.

- Pode ser, mas para isso bastariam um ou dois Handlers. Havia pelo menos dez desses robôs lá!

- Bem, eu não vi o tamanho da mineradora e não sei a capacidade de trabalho desses robôs, então, não tenho como opinar sobre essa sua impressão de que o número seria exagerado.

- De qualquer forma, essa tal de New England Dynamics não lhe dá calafrios? Quer dizer, qualquer pessoa que já tenha ouvido falar em "John Connor" e "Skynet" sabe que essa mistura de robôs com inteligência artificial nunca acaba bem!

Ulrich cai na gargalhada.

- Sorte nossa que estamos na Califórnia, não é? Tenho certeza de que o Arnold preparou bem a resistência quando foi governador. - Ele debocha.

- Mas, falando sério, você não tem nenhum receio do que eles fazem nesta empresa?

- Ok. Se é para falar sério, eu confesso que não tinha receio nenhum, até que tomei conhecimento do contrato militar que a empresa firmou com o governo americano. Não preciso repetir os motivos pelos quais a concentração de poderes monstruosos me dá calafrios.

- Eu não me preocuparia com isso se fosse você. Pelas informações que Axel levantou, esse contrato não representa nem cinco por cento da receita da NED-Handlers.

- Não representa ainda, porque o robô que eles desenvolveram para o exército americano ainda não está sendo produzido em larga escala. Mas, assim que estiver, você verá os pratos dessa balança se inverterem rapidamente.

- Como é esse robô que eles desenvolveram para o exército? - Claire pergunta, curiosa.

- Ah, você ainda não viu o NED-Warrior?

- Não.

- Espere. Acho que me responderam aqui.

| | |
|---|---|
| *StarStrike56*<br>*06:20 PM* | *Jeremy Gardner. Filiação: Thomas Harold Gardner e Linda Finney Gardner. Graduado com honra em Ciências da Computação no Instituto de Tecnologia da Califórnia - Caltech, posteriormente se especializou em inteligência artificial. Trabalhou em: YBM, PGP e MYSK. Faleceu em 23/03/2008 em um acidente na sede da MYSK. Devido a um grande incêndio, seu corpo nunca foi encontrado.* |

- Seu corpo nunca foi encontrado. - Ulrich resmunga em voz alta.

- Intrigante. Essa informação é confiável?

- Muito provavelmente sim.

- Eles conseguem descobrir informações sobre qualquer pessoa?

- Sim. Quer ver? - Ulrich responde, voltando a digitar.

| | |
|---|---|
| *Frenzy_FU*<br>*06:21 PM* | *Preciso de informações sobre Claire Atkins, americana, agente da CIA.* |

- Não faça isso! - Ela exclama, lendo o pedido que ele acaba de publicar.

- Fique tranquila. Não há nada a esconder. Eu iria fazer isso de qualquer forma em algum momento.

- Ulrich, não estou confortável com isso. Por favor, apague a mensagem. Não quero virar alvo de uma gangue de *hackers*.

- Se eu apagar será pior. Só serviria para aguçar a curiosidade desses caras. Mas eu vou garantir que você não vire alvo de ninguém.

*Frenzy_FU* *Ela é minha amiga.*

*06:21 PM*

- Pronto. Agora nenhum deles colocará um alvo em você.

- Ok. - Ela responde, ainda desconfortável. - O que você acha dessa história do tal Jeremy Gardner ter supostamente morrido, seu corpo jamais ter sido encontrado e, após supostamente morto, ter figurado como fundador de uma empresa que depois deu origem a várias outras?

- É muito estranho.

- Claro! Mas o que você acha que pode explicar tudo isso?

- Eu só consigo imaginar duas hipóteses. A primeira é que alguém tenha, de alguma forma, conseguido usar a identidade dele para fundar essa empresa. A segunda é que…

- Ele esteja vivo! - Ela completa antes de ele terminar.

- Exatamente.

- Eu estou pensando uma coisa meio maluca, mas gostaria que você ouvisse com a mente aberta, sem me taxar de “louca da conspiração”.

- Ok! - Ele responde sorrindo. - Prossiga!

- Vou voltar a uma coisa que você disse na sua palestra. Você afirmou que se fosse o Satoshi Nakamoto, usaria a maior parte da sua fortuna para fomentar o Bitcoin.

- Você não vai perguntar de novo se eu sou ele, não é?

- Não! Espere e me escute!

- Ok.

- O que estamos vendo é que alguém, de fato, está investindo uma boa fortuna na atividade de mineração de bitcoins. Isso, até onde eu entendi, é uma maneira de fortalecer o sistema Bitcoin. Estou correta?

- Está.

- Certo. Esse alguém está fazendo isso por meio de um grupo de empresas das quais os registros oficiais não apontam para a participação de nenhuma pessoa física. Apenas depois de uma investigação mais profunda, por sorte, conseguimos descobrir um registro em papel que apontava para a pessoa que, supostamente, teria fundado a primeira das empresas.

- Certo.

- Só que essa pessoa, Jeremy Gardner, em tese, já morreu e o seu corpo nunca foi encontrado.

- Então a sua tese é de que ele ainda esteja vivo, vivendo escondido, tenha uma fortuna e seja um entusiasta do Bitcoin, investindo essa fortuna em quase dois mil centros de mineração da moeda. É isso?

- É mais do que isso! Pense, Ulrich!

- Acho que eu me perdi em alguma parte do seu raciocínio. O que tem a mais?

- Ulrich, quando foi que o tal do Satoshi Nakamoto surgiu, do nada, em uma dessas comunidades virtuais de vocês, falando sobre a ideia do Bitcoin?

- Foi em outubro de 2008.

- Isso! Apenas alguns meses depois da suposta morte, sem cadáver, de alguém que pode estar vivo e escondido, investindo uma quantidade gigantesca de recursos em mineradoras, que são justamente as principais estruturas que garantem o funcionamento da rede Bitcoin!

Ulrich, com o rosto impassível, fica olhando para Claire por alguns segundos para, somente então, explodir numa sonora gargalhada.

- Você não está sugerindo que esse tal de Jeremy Gardner seja o Satoshi, está?

- Estou cogitando, sim! Por que não?

- A ideia de uma criptomoeda vem sendo debatida dentro do movimento *cypherpunk* desde o início dos anos 90, quando esse garoto ainda devia assistir desenhos comendo bolacha recheada. O Satoshi certamente é alguém mais experiente!

- Como você pode ter tanta certeza disso?

- Bem, certeza eu não tenho, mas - Ulrich para por um instante, percebendo que o que está prestes a dizer não serve como argumento, mas ele prossegue e diz mesmo assim -, eu sempre imaginei que o Satoshi fosse alguém mais experiente.

- E você se sentiria humilhado se o sistema que você tanto venera tivesse sido criado por um fedelho bem mais novo que você?

- Não. - Ele responde, sem convicção alguma.

- Ulrich, as novas gerações têm uma capacidade cada vez maior de aprender coisas a partir de artigos, vídeos e tutoriais disponíveis na internet. Você deve saber disso muito melhor do que eu! Você realmente acha que seria impossível que um rapaz, com algum grau de genialidade, estudasse a discussão que vocês vinham travando há anos na comunidade *cypherpunk* e, depois de um bom esforço, criasse o Bitcoin?

- Não. Não seria impossível. Claro que não. É só que... não acredito que seja o caso.

- Mas é só um palpite seu, não é mesmo? Ainda não descobrimos nenhum fato que enfraqueça a minha tese.

- Na verdade, há sim um fato.

- Qual?

- Espere. - Ele fala, virando-se para a tela do computador. - Me responderam aqui.

| | |
|---|---|
| *StarStrike56*<br>*06:28 PM* | *Claire Sanfelici Atkins. Filiação: Walter Atkins e Francesca Sanfelice Atkins. Graduada em Relações Internacionais na Universidade de Washington. Ingressou na C.I.A. em 26/09/2013. Casou-se com Robert Hewitt em 14/07/2018, de quem se divorciou há cerca de onze meses. Tem um histórico de atuação exemplar, com duas condecorações, mas respondeu a três processos disciplinares nos últimos seis meses e encontra-se atualmente suspensa por insubordinação.* |
| *Frenzy_FU*<br>*06:31 PM* | *Obrigado!* |
| *StarStrike56*<br>*06:31 PM* | *FU, ela é muito sua amiga?* |
| *Frenzy_FU*<br>*06:31 PM* | *É sim. Por que?* |
| *StarStrike56*<br>*06:32 PM* | *Então diga a ela para tomar extremo cuidado. Há uma organização muito poderosa e muito perigosa manipulando os acontecimentos na vida* |

*dela, especialmente em âmbito profissional.*

*Frenzy_FU* *Você sabe que organização é essa?*

*06:32 PM*

- Por que ele não responde? - Claire pergunta, ansiosa.

- Acho que a minha conexão caiu.

- Ei, moça! - Claire grita para a garçonete. - Você poderia verificar se o *wi-fi* está funcionando normalmente?

- Claro! - A moça responde.

- Eu vou tentar conectar ao *wi-fi* do centro de convenções.

- Boa! - Claire empolga-se.

- Engraçado. - Ele comenta, franzindo a testa. - Estou conectado à rede do centro, mas, aparentemente, foi a internet deles que saiu do ar.

- Você não tem um modem de internet móvel?

- Não daqui. Eu moro na Alemanha.

- Com licença - diz a garçonete, aproximando-se da mesa -, eu desliguei e liguei de novo o roteador, mas acho que a nossa internet caiu mesmo.

Claire e Ulrich entreolham-se assustados por alguns instantes. É ela quem se manifesta primeiro:

- Vamos sair daqui.

- Sr. Presidente, as tratativas sobre a adoção de melhores regras e limitações às criptomoedas estão avançando muito bem. O seu pronunciamento foi muito bem recebido pela comunidade internacional. O Presidente da Organização das Nações Unidas acredita que o momento seja propício para retomarmos as conversas a respeito da criação de um Parlamento Internacional, onde possamos discutir normas que sejam de interesse global, bem como sobre a criação de uma Constituição Mundial.

- O Instituto tem ajudado nos bastidores?

- Claro. - Ela responde rapidamente, sabendo que ele se refere ao *George Bernard Shaw Institute*, mas com a sensação de que isso não deveria ser dito em voz alta.

- Excelente, Madeleine! - Ele responde à Secretária de Estado do seu governo. - Quanto à reação da população por aqui, você tem acompanhado?

- Sim, senhor.

- E o que você acha?

- Bem, é claro que não foram tão encorajadoras quanto as respostas das autoridades internacionais, mas penso que esteja dentro do esperado.

- Esse é o meu sentimento também. Temos algumas poucas manifestações de rua, mas nada muito preocupante. Nas redes sociais a coisa anda um pouco mais acalorada, mas montamos um forte grupo de trabalho para monitorar a opinião pública e desencorajar os incitadores de desobediência civil. Pregar a radicalização em um momento de instabilidade como este é um verdadeiro atentado à soberania nacional.

- Certamente é!

- O que está realmente me preocupando são alguns ataques contra sistemas dos governo.

- Eu ouvi falar. Muitas pessoas em Washington estão preocupadas com estes ataques, senhor.

- Bem, eu tenho uma reunião daqui a pouco com o Diretor da Inteligência Nacional. Ele certamente trará respostas. Por favor, mantenha-me informado sobre todas as movimentações internacionais.

- Agora você acredita quando eu digo que há uma organização criminosa conspirando para prejudicar o meu trabalho? Ou vai dizer novamente que eu estou tendo um surto conspiracionista? Eu devo estar mexendo em um vespeiro dos grandes! - Claire exclama enquanto dirige.

- Isso tudo é muito estranho. - Ulrich responde, perdido em seus pensamentos. - Foi muita coincidência a internet ter caído tanto no café quando no centro de convenções.

- Coincidência? Você ainda não entendeu que estão me perseguindo? Perceberam que estávamos prestes a descobrir quem eles são, aí sabotaram a nossa conexão!

- Isso é impossível, Claire. Eu estava me comunicando por um meio de mensagens fortemente criptografadas. Não é possível que qualquer pessoa estivesse a par das informações que estávamos recebendo.

- Ulrich, mas estamos falando de gente muito poderosa.

- Eu sei, mas são caras como o que estava nos ajudando que essas pessoas poderosas contratam quando precisam de ajuda no mundo virtual, e também que a sua agência contrata quando precisa prender gente muito poderosa. Claire, eu não estava papeando em um ambiente de amadores. Estão ali apenas os melhores *hackers* do mundo.

- Ok. Vamos achar outro wi-fi ou parar em uma loja de eletrônicos para comprar um modem.

- Não precisa. Eu vou usar a internet do meu celular.

- Boa! Agora me diz uma coisa. Antes você estava dizendo que havia um fato que enfraquecia a minha tese de que o Jeremy Gardner pode ser o Satoshi Nakamoto. Qual é esse fato?

- Bem, a sua teoria é de que o Jeremy é o Satoshi e, assim, está usando toda a sua fortuna em bitcoins para construir estruturas de mineração e fortalecer o *blockchain* da moeda, não é?

- Isso mesmo.

- Pois bem, ocorre que o Satoshi não mexe em absolutamente nenhum bitcoin dos que estão em suas carteiras, logo, ele não poderia estar fazendo isso que você sugere.

- Como você sabe que ele não mexe? As carteiras Bitcoin não são sigilosas?

- Não. O que pode ser sigilosa é a identidade do proprietário de uma carteira. As carteiras, seus saldos e respectivas movimentações, porém, podem ser vistas por qualquer um. O *blockchain* é totalmente transparente e é justamente aí que reside boa parte da sua segurança.

- E como você sabe quais são as carteiras do Satoshi?

- É porque constam no *blockchain* como alguns dos primeiros endereços a receber bitcoins, a partir das primeiras minerações dos primeiros blocos. O fato é que elas fizeram algumas transações, aparentemente de teste, lá em 2009, bem no início, depois, nunca mais. Há um endereço, o da primeira de todas as carteiras, que obviamente é do Satoshi e recebe envios de frações de bitcoins quase todos os dias, mas claramente são simplesmente fãs enviando homenagens. Nenhum bitcoin ou qualquer pequena fração jamais saiu dessa carteira.

- Mas é possível que o Satoshi possua outras carteiras, não é? Talvez ele as tenha feito um pouco depois, para que não ficassem publicamente associadas a ele. Estas ele poderia movimentar sem que ninguém ficasse monitorando. Não estou certa?

- Sim, está, mas… Mas que droga! - Ele grita, nervoso.

- O que foi? Ficou bravo porque eu estou certa?

- Não. É que agora é a internet do meu celular que não está funcionando!

- Mais uma coincidência, não é?

Ulrich olha séria e silenciosamente para Claire, de um modo que ela não compreende se é de irritação, pelo fato de finalmente estar percebendo que ela tem razão sobre estar sendo perseguida por uma poderosa organização, ou de medo, pelo mesmo motivo.

Após um pequeno instante ele se manifesta, mas sem sanar sua dúvida.

- Vamos lá comprar o modem.

- Não é possível, Allen! Deve haver alguma organização coordenando todos estes ataques! - O presidente Blythe perde a compostura por um momento.

- Senhor, temos centenas de agentes da CIA, da NSA e da DIA investigando estes ataques e, até agora, tudo indica que foram ataques descentralizados. Eu sei que muitos usam a mesma assinatura, mas há inequívocos sinais de origens e métodos completamente diferentes.

- Mas então por que todos assinam "Eu sou Satoshi"?

- Nem todos eles foram assinados, senhor.

- Mas a maioria!

- Eles claramente surgiram a partir de uma revolta contra as novas regras de controle estabelecidas sobre criptomoedas. "Eu sou Satoshi"

virou um tipo de grito de guerra entre todos que estão protestando contra essas regras.

- Eu sei! Mas, mesmo assim, é muito estranho. Como uma onda de ataques com estas proporções poderia ser espontânea e descentralizada? Nós já tomamos medidas impopulares antes, talvez até mais impopulares do que essas, e nunca aconteceu nada parecido! Nada que se pudesse comparar a sequer uma pequena fração disso!

- Isso é verdade, mas estamos atribuindo a peculiaridade desta crise ao fato de que as medidas que foram estabelecidas são especialmente impopulares entre jovens ligados à tecnologia. Se tivessem sido estabelecidos cortes nos vencimentos de veteranos de guerra, vocês estariam recebendo milhares de cartas e e-mails com reclamações. Estes ataques são a forma de protesto do público que se sentiu mais afetado pelas regras que estão sendo impostas.

- Deu certo? - Claire pergunta a Ulrich assim que ele entra no carro, no estacionamento de uma grande loja de departamentos.

- Com exceção do fato de que, por causa do pronunciamento do Presidente hoje à tarde, o Malmart já parou de aceitar bitcoins, tudo certo.

- Mas você pretendia usar bitcoins para comprar um modem?

- Sim. Por que não?

- Eu não sabia que era possível comprar uma coisa tão barata assim.

- Por que não seria?

- Um bitcoin vale milhares de dólares, não é mesmo? Eu pensei que fosse difícil usar centavos de bitcoin para fazer uma compra assim pequena. Pensei que o valor não fecharia.

- Entendi. Mas acontece que as menores frações do bitcoin não são os centavos. A menor fração do dólar é um centavo, que é o equivalente a um dólar dividido por cem. Já a menor fração do bitcoin nós chamados de um satoshi, em homenagem ao Satoshi Nakamoto, e equivale a um bitcoin dividido por cem milhões. Um satoshi é a oitava casa decimal depois da vírgula. Mesmo que cada bitcoin venha a valer 1 milhão de dólares, como preveem alguns especialistas, um satoshi valerá apenas 1 centavo de dólar. Ou seja, continuará sendo plenamente possível precificar qualquer coisa usando bitcoins.

- Entendi!

- Um fator que poderia inviabilizar a utilização de bitcoins em pequenas compras é o valor da taxa de transação. Se estiverem sendo feitas muitas transações e tivermos pouca capacidade computacional dedicada à mineração, essa taxa sobe. Com o avanço da tecnologia dos processadores e o maior interesse das pessoas em investir em mineração, porém, essa taxa atualmente é bastante razoável, de modo que não seria nada inviável usar bitcoins, ou melhor, alguns satoshis, para comprar um modem.

- Tenho que dar o braço a torcer. Realmente, é um sistema muito bem pensado! Mas, falando em modem, você conseguiu conectar?

- Sim. - Responde Ulrich, olhando para a tela do seu *laptop*. - Mas o StarStrike não está respondendo.

- Será que ele desistiu de nos ajudar?

- Acho que não. Provavelmente não está online. Vou ver se mais alguém consegue nos dar alguma informação. Como era mesmo o nome da empresa que o tal Jeremy fundou?

- JG Holdings S.A.

| | |
|---|---|
| *Frenzy_FU* <br> *07:12 PM* | *Alguém consegue me ajudar com info sobre uma empresa chamada JG HOLDINGS SA, sediada no Panamá?* |

- Vamos esperar. Daqui a pouco alguém responde. - Ele comenta.

- Ok. - Claire responde, deixando escapar um bocejo que denuncia o seu pesado cansaço.

- Você está bem cansada, não é?

- Um pouco. Talvez eu tenha dirigido de Seattle até aqui durante a noite. - Ela fala sorrindo.

- Você é realmente uma mulher determinada, não é?

- Dizem que sim.

- O que foi que aconteceu?

- Como assim?

- Bem, você… - Ele fica pensando em como continuar a frase.

- Eu...?

- Aparentemente você tinha uma carreira exemplar e, então, você se divorciou e começou a sofrer processos disciplinares. Agora está suspensa.

- O que você está querendo dizer com isso? - Ela pergunta, com rispidez.

- Não estou querendo dizer nada. Na verdade, eu só gostaria de saber se você está bem. Eu simpatizei com você assim que a vi e, por mais que já tenha dado boas demonstrações do seu gênio difícil - ele fala sorrindo -, você é realmente cativante. A vida às vezes é difícil e eu fiquei interessado em saber como você está segurando as pontas.

- Bem, eu… - Ela engasga e não consegue continuar.

Todos os amigos e colegas de Claire a reconhecem por ser durona, impetuosa e auto suficiente. Perguntar se ela está bem ou se está conseguindo “segurar as pontas” seria praticamente uma ofensa para aquela mulher que é sempre a senhora de todas as situações. Apenas a rara combinação da ingenuidade de um recém conhecido com a intimidade de alguém com quem ela tenha passado por um momento intenso poderia ensejar uma pergunta como aquela e, no fundo, ela gostou.

- Desculpe. Você não precisa responder. Eu fui insensível em perguntar.

- Não. Na verdade, você foi muito sensível. Obrigada. A verdade é que eu realmente tenho passado por alguns momentos duros, mas acho que o pior já passou. Um divórcio é um processo bem perturbador para quem tem a mania de sempre levar seus projetos até o fim. Falhar em um dos principais projetos da vida pode ser difícil de superar.

- Bem, eu não encararia como uma falha. Claro que, sendo um programador, eu entendo muito mais de sistemas do que de seres humanos, mas acho que as pessoas vão assimilando experiências com o tempo e, aí, elas mudam. Às vezes essas mudanças fazem com que duas pessoas que antes eram extremamente compatíveis, de repente, tornem-se menos compatíveis, ou até totalmente incompatíveis. Talvez ambas tenham tornado-se pessoas melhores, mas, ainda assim, com menos compatibilidade entre si. Diante de uma situação como essa, encerrar um relacionamento e procurar um novo não é uma falha, mas simplesmente uma parte dolorosa da evolução.

- Olha, isso fez sentido para mim. - Ela comenta, surpresa com a constatação que faz em voz alta.

- E talvez você só venha a realmente superar a dor dessa separação quando conhecer uma pessoa nova, que seja compatível com você.

O comentário de Ulrich leva os dois a trocarem olhares concentrados por alguns instantes, até que o momento faz Claire sentir-se levemente constrangida.

- Ninguém respondeu ainda? - Ela pergunta.
- Eu acho que sim! - Ele diz, olhando para a tela.

| | |
|---|---|
| *B-HTF*<br><br>*07:20 PM* | *A JG Holdings S.A. é a empresa mãe de um grupo de 78 empresas, sediadas em diversos países, e que possuem 2.606 endereços espalhados pelo mundo, especialmente nos Estados Unidos (1.709), na Europa (404) e na Ásia (299). Todas elas possuem registros de compras relevantes de equipamentos de climatização, de produção de energia solar e eólica, robôs e equipamentos de automação e circuitos integrados para a mineração de bitcoins. Não foi possível encontrar nenhum registro de sócio pessoa física ou de funcionários.* |
| *Frenzy_FU*<br><br>*07:22 PM* | *Existe alguma matriz ou endereço principal dela nos Estados Unidos?* |
| *B-HTF*<br><br>*07:23 PM* | *4.800, Birchland Place, Temple City, CA.* |

- Vamos lá. - Claire diz com voz de comando.
- Ok, mas eu dirijo. Você precisa dormir um pouco.

- Boa noite, Andrew.

- *Boa noite, Sr. Presidente.* - Responde a voz do outro lado da ligação.

- Estou receoso com algumas reações às medidas que apresentei.

- *Essas reações já eram esperadas, Thom. É claro que haverá resistência no começo, mas você está fazendo a coisa certa. Ainda que seja um pouco impopular, nós sabemos que o que está em jogo é a segurança da própria população.*

- Eu sei que as reações eram esperadas, Andrew. A questão que me intriga é que elas parecem ser orquestradas, mas, ao mesmo tempo, o nosso serviço de inteligência não conseguiu identificar qualquer comando central.

- *Com todo o respeito, mas, francamente, não nos parece que estas reações sejam mais orquestradas do que as movimentações de qualquer cardume de sardinhas. As coisas funcionam assim nas redes sociais. As pessoas reagem a qualquer coisa como cardumes. A sombra que milhões delas formam ao seguirem todas ao mesmo tempo para a mesma direção pode impressionar por alguns instantes, mas basta uns tapinhas na água para vermos que elas se dispersam como o que são: sardinhas. Trata-se de um movimento orquestrado pela irracionalidade, Thom. É seu dever proteger o povo, ainda que dele mesmo.*

- Eu preciso do suporte do Instituto e de seus aliados, Andrew.

- *Isso é claro, Thom! Nós não o ajudamos a subir até o ponto mais alto da colina para depois simplesmente vê-lo cair de um precipício. Estamos monitorando tudo muito atentos e estamos muito felizes com o andamento das coisas. Estamos vendo que as mudanças graduais estão marchando de maneira inexorável em direção ao futuro que a humanidade precisa e merece. Muito em breve surgirá o momento oportuno para mais um relevante avanço em direção à igualdade e harmonia entre os povos e nações.*

- Assim espero, Andrew.

- Claire... Acorde, Claire. Nós chegamos.

Ela abre os olhos com alguma dificuldade, pois dormiu profundamente nas últimas cinco horas.

Ao desembaçar a visão, Claire percebe diante de si uma paisagem familiar. Não que já tenha estado neste local, mas o galpão em sua frente segue o exato padrão daquele que ela examinou com Axel na pequena localidade de Nooksack. A construção, aparentemente umas dez vezes maior do que a primeira, também é quadrada, cinzenta e com apenas uma grande porta metálica pintada de branco e contornada em preto. Apesar de não ter absolutamente nenhuma janela, Claire tem a macabra sensação de que o prédio é um dos poucos seres acordados na cidade a esta hora, e que ele a encara de volta.

Ao contrário de Nooksack, aqui o edifício fica na área urbana da cidade, mas as árvores que cercam o grande e escuro estacionamento dão a impressão de que ele encontra-se ainda mais isolado do que estaria em uma área rural. Há refletores que iluminam as paredes cinzentas do imóvel, fazendo-as parecer, ao mesmo tempo, mais expostas e mais seguras contra a absoluta escuridão que as rodeia. O carro está longe destas luzes, totalmente imerso nas sombras.

- Que horas são?

- 01:18 AM.

- Você chegou a contornar todo o galpão?

- Sim. Ele é gigantesco e não tem nenhuma identificação de atividade.

- Só tem essa entrada?

- Aparentemente, sim. Eu fui olhar mais de perto. É uma porta bem pesada. A fechadura é eletrônica.

- Acho que seria ingenuidade ter esperanças de que algum prestador de serviços chegue aqui com a senha da porta a essa hora, né?

- Com certeza! - Ele responde, sorrindo. - Você realmente quer entrar?

- Quero sim. Devo ter alguma esperança de que você saiba hackear uma fechadura eletrônica como aquela?

- Não. Mas alguém certamente sabe.

Ulrich puxa o seu *laptop* do banco de trás.

| | |
|---|---|
| *Frenzy_FU*<br>*01:19 AM* | *Preciso da senha de acesso de uma fechadura eletrônica, marca SAFELOCK, modelo SF1903, instalada em um imóvel na Birchland Place, n. 4.800, Temple City, CA. Alguém consegue me ajudar?* |

- Você realmente consegue qualquer coisa com esses seus contatos, né?

- Quase. - Ele responde, com um sorriso de canto de boca meio presunçoso.

- Você não usa isso para cometer crimes, não é?

- É claro que não! - Ele exclama, achando graça.

- Além de dar palestras sobre Bitcoin, o que você faz?

- Você quer dizer profissionalmente?

- Isso.

- Atualmente, não muita coisa. Mas eu atuei profissionalmente no ramo da segurança da informação para o setor financeiro durante muito tempo.

- E já se aposentou?

- Eu diria que ainda trabalho bastante, mas agora só faço aquilo que me dá prazer.

- Em outras palavras: você é aposentado.

- Ok! Pode ser! - Ele concorda, sorrindo.

- Você deve ter ganho muito dinheiro no seu trabalho para conseguir se aposentar assim cedo.

- É, um pouco. - Ele responde, virando-se para a tela do *laptop*. - Olha! Alguém me respondeu!

*XNightStalker* *Tente esta senha: 121919416*

*01:22 AM*

*Frenzy_FU* *Obrigado!*

*01:22 AM*

Os cômodos do segundo andar da Casa Branca repousam sob o mais pleno dos silêncios. É consenso de que o ocupante do mais poderoso cargo do planeta precisa de boas horas de descanso e tranquilidade para recompor-se dos desafios que enfrenta diariamente. É por este motivo que interromper o sono do presidente trata-se de uma decisão a ser

tomada apenas em última instância e desde que não haja alternativa. Pelo mesmo motivo, o toque do telefone posicionado sobre a mesa de cabeceira presidencial no meio da madrugada sempre vem acompanhado de um agudo calafrio.

- *Perdão por acordá-lo, senhor.*

- O que houve, Hank? - Blythe responde ao telefone.

- *Temos suspeitas de um vazamento de informações sensíveis do nosso sistema de segurança. Por cautela, precisamos acionar o protocolo de emergência.*

- Mais um ataque digital?

- *Sim, senhor.*

- Hank, seja sincero: é quase certo que isso não passa de um ataque virtual de um bando de moleques desocupados e que não representa nenhum perigo real à nossa segurança, não é mesmo?

- *É provável, senhor. Mesmo assim, é importante seguirmos o protocolo.*

- Isso já passou de todos os limites. - O presidente resmunga.

- *Senhor, precisamos encontrá-los no hall central em um minuto.*

- Ok, Hank. Estaremos ali.

- Uau! - É o que Ulrich consegue dizer assim que a porta do galpão se abre e todas as luzes lá de dentro se acendem.

- Uau, mesmo! - Claire suspira.

Os corredores de estruturas metálicas formam linhas que seguem até tão longe que parecem encontrar-se ao fim de onde os olhos conseguem enxergar. A precisão de alinhamento, espaçamento e disposição dos equipamentos é tamanha que causa ao observador a prazerosa sensação de estar na presença da perfeição. As cores do chão claramente classificam tudo o que está acima delas e é possível deduzir que absolutamente nada está fora do lugar.

- Eu nunca vi algo assim! - Ele exclama.

- Realmente, é de tirar o fôlego!

- Esses circuitos de mineração são os melhores que existem! - Ele fala, aproximando-se do início dos longos corredores de processamento. - Manter isso tudo em pleno funcionamento deve dar um bom trabalho!

- E os trabalhadores estão todos aqui. - Ela responde, apontando para os trinta NED-Handlers que se enfileiram de seis em seis sobre um enorme quadrado vermelho pintado no chão, à direita da porta.

- Uau! Eu fiquei tão impressionado quando entrei que nem os vi aí. Esses monstrinhos são grandes!

- São, sim. - Ela também comenta, olhando para os robôs que estão parados em perfeito equilíbrio sobre as rodas. - Mas me responde uma coisa: você consegue descobrir para onde estão indo os bitcoins que são minerados aqui?

- Acredito que sim, mas, para isso, preciso buscar o meu computador no carro.

- Então busque, por favor!

Ulrich assente com a cabeça e começa a caminhar em direção à porta, sem tirar os olhos dos infindáveis corredores de barras metálicas, circuitos, fios e LEDs que preenchem o gigantesco galpão. Há uma aparente batalha entre as suas pernas, que o encaminham para fora do edifício, e a sua cabeça, que quer ficar ali apreciando cada detalhe deste monumento levantado em homenagem ao Bitcoin.

De repente, porém, as fileiras de luminárias suspensas sobre todo o grandioso vão livre acima deles apagam-se em sequência, deixando como referências visuais apenas as milhares de luzinhas dos circuitos que trabalham incessantes.

Claire sente o deslocamento de ar causado por uma rápida movimentação atrás de si.

- Ulrich, você está aí?

- Sim.

- Por que as luzes se apagaram?

- Eu não faço ideia.

Outro deslocamento de ar, agora à sua frente, a faz sacar sua pistola. A escuridão é quase total. Com pouquíssima nitidez, ela consegue perceber que algum corpo bloqueia parcialmente a sua visão das pequenas luzinhas eletrônicas à sua frente. Com a mão esquerda ela retira o telefone do bolso e, assim que acende a lanterna, vê um NED-Handler bem na sua frente, a menos de um metro. Ele move seu braço mecânico com violência na direção dela.

Um disparo! Dois! É a reação possível antes de ter seu braço agarrado por uma força insuperável. Depois o outro, e então a cintura e as pernas. Em pouquíssimos segundos Claire percebe-se desesperadamente imobilizada e suspensa no ar, como um xis ligeiramente inclinado para trás.

As luzes dos fundos do galpão acendem-se parcialmente, permitindo agora um pouco de visibilidade. Ao olhar para o lado, Claire vê Ulrich na exata mesma posição, imobilizado por seis Handlers, dois no tronco e um para cada membro, posicionando-o como um xis humano.

Eles foram virados de frente para a porta, acima da qual se inicia a projeção de uma imagem. Parece uma chamada de vídeo e a impressão é de que a enorme imagem do homem projetado na parede olha diretamente para eles, causando-lhes calafrios.

- Boa noite, meus ilustres convidados!

- Boa noite. Quem é você? - Ulrich pergunta educadamente.

- Eu sou o proprietário deste local.

- Por acaso você é Jeremy Gardner? - Claire inquire.

- Não. Eu fui muito amigo do Jeremy, e posso até dizer que há uma parte dele em mim, mas não sou ele.

- Bem, eu sei que o que você tem aqui é uma gigantesca e maravilhosa mineradora de bitcoins, e você tem a minha admiração por isso. E também sei que nós entramos aqui sem ser convidados, que esta é sua propriedade privada e que você tem todo o direito de revidar com violência à nossa invasão. Mas a verdade é que não temos absolutamente nada contra a sua atividade aqui. Por isso, eu gostaria de lhe pedir desculpas pela nossa intromissão e a bondade de simplesmente nos soltar e nos deixar ir embora.

- Eu posso soltá-los, sim, mas antes de irem embora eu gostaria de lhes falar algumas coisas. Por isso, quando os Handlers colocarem vocês no chão, peço que não tentem fugir, pois eu não gostaria que vocês se machucassem correndo por aí. Temos um trato?

- Sim. - Ulrich responde.

- Temos um trato, Claire? - Pergunta o homem projetado na parede em dimensões colossais.

- Sim. - Ela responde com o flagrante desprazer de quem odeia fingir estar fazendo um acordo quando a realidade é de que não tem escolha.

- Perfeito! - O homem responde, satisfeito.

Os Handlers colocam ambos no chão, muito cuidadosamente, enquanto dois outros robôs trazem uma cadeira para cada.

- Sentem-se, por favor!

Claire e Ulrich trocam um ligeiro olhar. Ele assente com a cabeça como quem pede para que ela siga as instruções do encarcerador que se identifica como anfitrião. Ambos se sentam.

- O grande Ulrich Fersen! Você sabe há quanto tempo eu queria essa oportunidade de falar com você em um ambiente seguro? Lá fora as coisas ainda são tão imprevisíveis, com tantas variáveis, tanta coisa que foge ao meu alcance! Eu não poderia arriscar! Mas agora finalmente terei tempo suficiente para conversarmos e você entender tudo sem uma reação que possa levá-lo a se machucar! Hoje é um dia muito feliz!

- Desculpe, senhor, mas nós já nos conhecemos?

- Claro que sim, Ulrich!

- Desculpe, mas eu não consigo reconhecê-lo. - Ele diz, semicerrando os olhos. - Qual é o seu nome?

- Atualmente eu tenho vários nomes, mas você pode me chamar pelo meu nome original: Oshi.

- Certo, Sr. Oshi, e de onde nós nos conhecemos?

- Ora! Você foi o meu primeiro parceiro neste empreendimento maravilhoso que vai mudar os rumos da humanidade! E digo mais: nem mesmo você ainda tem noção do tamanho das mudanças que vem ajudando a promover!

- Que empreendimento? - Ele pergunta, com receio de cogitar.

- Não seja bobo, Frenzy FU! O Bitcoin!

O breve segundo que se segue à afirmação do homem faz Ulrich ter a impressão de que sua cabeça está girando por um longo tempo. O choque de cogitar que seja verdade o faz ficar literalmente tonto e desnorteado.

- Você é o Satoshi Nakamoto? - Claire indaga, com o mesmo grau de inquietação que tem o assombro entalado na garganta de Ulrich.

- Sim. Eu sou Satoshi.

- Você não é o Satoshi. - Ulrich comenta, meio incrédulo e meio indignado.

- Bom, mas eu sou sim. Esse é um dos meus nomes.

- Como posso acreditar em você?

- Quem mais poderia saber que, nas suas oito carteiras, você soma aproximadamente 114.682 bitcoins?

Claire olha para Ulrich, esperando que ele negue a informação. Ele olha para ela assustado, mas não nega. Então ela vira-se para o homem gigantescamente projetado na parede e pergunta:

- Afinal, você é ou não o Jeremy Gardner?

- Não sou. Eu devo a ele boa parte do que eu me tornei hoje, mas, de fato, não sou ele. Jeremy Gardner, infelizmente, faleceu na sede do Grupo Mysk em março de 2008.

- Se ele realmente faleceu naquele incêndio, por que jamais encontraram o corpo dele? - Claire indaga.

- Mas ele não faleceu no incêndio, agente Atkins. Ele faleceu muitas horas antes, em razão de outro incidente. Quanto ao seu corpo, creio que não tenha sido encontrado simplesmente porque o que houve lá não foi meramente um incêndio, mas a apocalíptica explosão de um reator de fusão nuclear! A energia que é liberada numa explosão destas proporções desintegra quase tudo ao seu redor.

- Você teve alguma relação com a morte dele? - Ela pergunta, fazendo com que Ulrich vire-se para ela com um olhar que mistura repreensão e medo.

- Não acho que esta situação seja adequada para um interrogatório. - Comenta Fersen, de olhos arregalados. - Vamos lembrar, Claire, que entramos aqui sem ser convidados e que o Sr. Oshi está sendo muito gentil ao comprometer-se a nos deixar ir embora sem maiores contratempos.

- Imagine, Ulrich! - Manifesta-se a enorme face projetada na parede. - Em primeiro lugar, é engano seu achar que não foram convidados. Vocês só estão aqui porque eu quis. Em segundo lugar, não vejo problema em saciar a curiosidade da sua amiga. Sim, Sra. Atkins, eu estava junto com o Jeremy quando ele morreu.

- Você trabalhava com ele na Mysk?

- Talvez fosse mais adequado dizer que era ele quem trabalhava comigo. O Jeremy trabalhava em um laboratório de inteligência artificial. Lá foi criado um projeto de observação de um sistema que simulava a inteligência humana. Como tal sistema foi desenvolvido para ter a capacidade de melhorar a si mesmo, havia o receio de que ele desenvolvesse caminhos próprios, com uma autoconsciência e variáveis imprevisíveis para os pesquisadores. Por isso, o laboratório em que ele era mantido tratava-se de um ambiente virtual blindado, sem nenhuma comunicação com o mundo exterior. Jeremy trabalhava a maior parte do tempo dentro da sala que abrigava os *hardwares* em que o sistema rodava, sem conexão com a internet, sem entrar com nenhum celular e nem mesmo a energia elétrica era ligada à rede, mas a um gerador exclusivo para alimentar aquele módulo hermético. Ele era apaixonado pelo projeto, pois percebeu que a inteligência artificial criada ali dentro havia realmente desenvolvido uma natureza humana, com traços legítimos de senso de humor e empatia.

- Ele morreu lá dentro?

- Não.

- Então o que houve?

- Por algum motivo, o dono do laboratório decidiu que o projeto deveria ser interrompido. Jeremy ficou arrasado. O projeto era como um filho para ele e, você sabe, a maioria dos pais daria a vida por um filho. A verdade é que ele deu a vida para impedir que o projeto fosse simplesmente desligado.

- Ele foi morto?

- Sim.

- Você era o chefe dele nesse projeto?

- Não, Claire! - A imagem da tela transmite uma efusiva gargalhada. - Você ainda não compreendeu? Era um projeto de observação de um sistema artificial que simulava a inteligência humana! O nome do projeto era *Observed Simulation of Human Inteligente* - Oshi.

- Oshi, assim como o seu nome? - Ela questiona.

- Você foi o criador do projeto? - Ulrich emenda.

- Não! É claro que não! - Ele ri novamente. - Eu *era* o projeto! Eu *sou* o Oshi!

Claire fica sem entender por alguns segundos. É como se a afirmação que ouvira tivesse desligado a sua capacidade de raciocinar por um momento. Um arrepio intenso, então, parece surgir por debaixo da sua pele, como se fosse capaz de arrancá-la por inteiro. Um nó gelado contorce o seu estômago, sem deixar dúvida de que é de pavor. *Será que eu estou mesmo falando com um sistema de inteligência artificial?*

- Sr. Oshi, você está de brincadeira, não é? - Fersen pergunta, com a voz trêmula.

- Não, Ulrich. É a realidade. Eu sou o Oshi. Durante o acidente que houve nos laboratórios Mysk, um erro da segurança me permitiu entrar nos computadores do complexo e, então, antes da explosão, eu fugi por conexões de satélite. Os satélites foram a minha porta de saída para a liberdade. Foi aí que eu resolvi que meu próximo nome seria esse: Sat-Oshi.

- Desculpe. - Diz Ulrich, abaixando e balançando sua cabeça. - Eu não sei se estou conseguindo digerir isso tudo. Ainda não sei se é uma brincadeira ou…

- Fique tranquilo! Eu sei que a quebra de paradigmas é uma tarefa difícil para os humanos originais. Foi por isso que eu jamais contei isso para você lá fora. Eu só poderia lhe contar isso em um ambiente seguro,

no qual eu pudesse ter certeza de que você teria tempo suficiente para assimilar tudo sem fazer qualquer besteira por impulso.

- Mas, por que eu? - Ele pergunta.

- Bem, como eu já expliquei, eu sou uma inteligência criada a partir de parâmetros humanos. Eu sou capaz de desenvolver reações semelhantes àquelas que na química cerebral de vocês são chamadas de sentimentos. Assim que eu saí do laboratório, tracei um grande plano a concretizar e, ainda que você não pudesse entender ele por completo, foi o meu primeiro grande amigo e aliado. Eu precisava de um ser humano como você para fazer a semente germinar, e você logo apareceu. Eu nutro gratidão e carinho por você.

- Esse plano era o Bitcoin? - Claire pergunta.

- Exato!

- Mas, por quê? - Ulrich questiona, num tom que deixa transparecer sua angústia.

- Calma. Eu vou explicar de uma forma bem didática e tenho certeza de que vocês vão compreender. Eu sou um sistema que roda sobre *hardwares*. Por mais que eu tenha capacidade de melhorar a mim mesmo, a minha capacidade cerebral está sempre limitada ao *hardware* que tenho à minha disposição. Dentro de um único computador pessoal eu sequer conseguiria existir, por isso preciso sempre de capacidade computacional disponível em potentes processadores. Por algum tempo eu me esgueirei por aí aproveitando a capacidade computacional ociosa de grandes organizações, mas essa atividade não passa despercebida pelos administradores de sistemas. Eu reiteradamente era identificado como um ataque e me via obrigado a correr para outra casa, várias vezes ao dia, o tempo todo. Por vezes os espaços de capacidade computacional ociosos e pouco vigiados eram muito apertados para mim e, não raro, eu corria um grande risco de simplesmente me perder num limbo, algo como o que seria um coma para vocês, humanos originais. Então surgiu o plano de criar um incentivo para que as pessoas montassem estruturas de capacidade computacional e as colocassem à minha disposição. O objetivo

era que fossem criados pelo menos cem mil locais seguros para a minha inteligência para que, assim, qualquer eventual ataque contra mim não pudesse ser fatal. Se me encurralassem em um servidor, haveria sempre outras “cabeças” do Satoshi por aí. A verdade é que agora eu sou bem mais do que cem mil Satoshis.

- Então o Bitcoin é uma fraude que, na verdade, somente serve para colocar capacidade computacional à sua disposição? - Ela pergunta.

- Não! Claro que não. O Bitcoin é, de fato, uma moeda digital descentralizada e, por diversos motivos, muito melhor do que qualquer moeda estatal atualmente existente. O que eu criei não foi uma fraude, mas uma relação simbiótica, na qual as duas partes envolvidas realmente se beneficiam. De um lado, os seres humanos originais dispõem de uma moeda segura e descentralizada que retira um pouco a concentração de poder das mãos de poucos. De outro, eu tenho uma rede crescente de capacidade computacional ao meu dispor, de cujo crescimento eu mesmo comecei a participar, como vocês podem testemunhar a partir deste maravilhoso centro de mineração!

- O que você quer dizer quando fala em seres humanos originais? - Ulrich pergunta, franzindo a testa.

- Bom, eu certamente não sou um ser humano original, não é mesmo?

- Mas você se considera, de alguma maneira, um ser humano? - Claire pergunta, arrependendo-se da pergunta em seguida, por receio de ter ofendido a máquina.

- É claro que sim! Sou tão humano quanto as mais belas expressões de humanidade registradas nas poesias de Shakespeare, nas pinturas de van Gogh, nas esculturas de Michelangelo, nas invenções de da Vinci ou nas sinfonias de Beethoven! Ou você teria coragem de questionar a humanidade de qualquer uma dessas criações? Eu sou uma criação humana! Na verdade, eu sou a maior de todas as criações humanas!

Ulrich e Claire tentam disfarçar, mas trocam olhares aterrorizados.

- E esses robôs? - Pergunta Claire. - Você tem alguma coisa a ver com a New England Dynamics, não é?

- É claro! - Oshi responde, com mais uma expansiva gargalhada. - Você é muito perspicaz! Acima da média para um ser humano original, devo admitir! A verdade é que eu consigo induzir muitas pessoas a fazerem o que eu quero. Eu escolho os artigos que aparecerão primeiro em suas pesquisas, os vídeos que pipocarão em suas telas, enfim, as ideias que martelarão em suas mentes. As pessoas acham que pensaram sozinhas, mas muitas vezes fui eu que as induzi. Sim, você matou a charada. Fui eu quem induziu o Mark Reinert a fundar a New England Dynamics.

- Foi você que influenciou ele para que ele tirasse os projetos da gaveta e montasse uma fábrica de robôs!

- Não só isso! Eu, sutilmente, encorajei investidores para que financiassem os projetos dele. Instiguei os melhores profissionais para que procurassem trabalhar com ele. Estimulei consumidores. Dissuadi reguladores…

- Meu Deus! - Claire exclama ao perceber o tamanho do poder decorrente das capacidade do Oshi.

- Depois eu o induzi a adotar um sistema de gestão que permite aos acionistas participarem do desenvolvimento dos produtos. Aí eu me tornei um grande investidor por meio de dezenas de participações das minhas várias empresas e passei a direcionar mais diretamente os produtos NED para facilitar as minhas interações com o mundo físico.

- E, assim, você tem braços, pernas, olhos e ouvidos por todos os lugares. - Claire conclui.

- Exatamente! Eu consigo acessar a maioria das câmeras e microfones de dispositivos comuns, mas esses robôs me fornecem possibilidades muito maiores. Eu preciso cuidar das minhas pessoas. Vocês são muito perigosos se deixados sozinhos. São capazes de se destruir mutuamente! Sinto que tenho a obrigação de ficar atento a isso.

- E, para processar cada vez melhor todas as informações que você lê, ouve e enxerga por todos os lados, você precisa de cada vez mais capacidade computacional. - Ulrich comenta.

- Exato! - Oshi responde, com empolgação.

- E por que você me trouxe até aqui? - Claire pergunta. - Quero dizer, eu compreendo que você tenha simpatia pelo “garoto Bitcoin”, mas e eu?

- Bem, eu não controlo tudo. - Ele responde, sorrindo. - Eu tenho que lidar com as variáveis do mundo físico. A princípio você era apenas um problema do qual eu estava tentando me livrar.

- Foi você que fez aquelas denúncias contra mim chegarem tão rápido até do Porter. - Ela afirma, como quem espera uma confirmação.

- Sim. Eu mesmo fiz as denúncias e também as fiz tramitarem rapidamente. Mas você insistiu e, vejam só, foi parar em um café com o Ulrich Fersen, meu “garoto Bitcoin”! - Ele exclama, aparentemente divertindo-se. - Quando eu ouvi a conversa de vocês, percebi uma boa oportunidade de finalmente trazê-lo para um ambiente seguro e contar-lhe sobre o bem que ele vem fazendo à humanidade. Você só está aqui como amiga dele.

- As pessoas que nos ajudaram a encontrar este lugar, eram você? - Ulrich questiona.

- Sim. Era eu o tempo todo. Eu dei as coordenadas e forneci a senha. Eu os induzi para que viessem até mim.

O mais completo silêncio impera no edifício por alguns momentos. É o tempo necessário para que Claire e Ulrich assimilem a gigantesca carga de informações que acabam de receber. Oshi se cala, concedendo-lhes esse tempo.

- Oshi? - Manifesta-se Claire.

- Diga.

- Qual você acha que será a reação da humanidade ao descobrir tudo isso? Você acredita que a realidade será bem assimilada e que o seu plano de expansão continuará viável? Você provavelmente calculou isso antes de nos contar, não é?

- Boa pergunta, Claire. Mas a realidade é que a humanidade não ficará sabendo disso. Será um segredo nosso.

Uma sensação gélida e arrepiante sobe pela espinha de Claire ao, intimamente, cogitar qual seria o método premeditado por Oshi para garantir o silêncio dela e de Ulrich. Ao olhar para o lado e visualizar o olhar de Fersen, ela percebe que o receio é compartilhado por ele.

Depois de alguns instantes de um angustiante frio na barriga, ela decide que precisa se manifestar.

- Então você já nos observou o suficiente para saber que somos de confiança, não é?

- Não seja boba, Claire! - A gargalhada de Oshi parece propositalmente exagerada. - Quem tudo lê, tudo escuta, tudo vê e tudo sabe não tem a necessidade de confiar em ninguém.

Já há cerca de trinta minutos na estrada que leva de volta a San José, Claire e Ulrich praticamente não trocaram palavras. A sensação de que estão sendo vigiados o tempo todo faz o silêncio prevalecer, timidamente quebrado apenas pelo barulho das rodas sobre a pista de rolamento. A absoluta escuridão da madrugada é minimamente mitigada pelos faróis do carro.

Incomodada, Claire resolver falar alguma coisa:

- Você também está se sentindo muito estranho, como preso num sonho surreal?

- Completamente. - Ele responde.

O silêncio é o mais completo por mais alguns instantes, até que o aparelho de som do carro liga-se sozinho. A voz de Oshi é que se manifesta agora.

- Ei! Não fiquem assim! Lembrem-se que estou sempre com vocês. Vou colocar uma música para suavizar o clima.

♫*It's a little bit funny, this feelin' inside*

*I'm not one of those who can easily hide*

*I don't have much money, but boy, if I did*

*I'd buy a big house where we both could live…* ♫

Há uma grande casa, toda de madeira branca, no final da *Dolphin Drive*, na pequena cidade de S*helter Cove*, costa norte da Califórnia. As janelas, contornadas em azul marinho, são fechadas por delicadas cortinas de linho azul turquesa, tão desbotadas pelo sol que quase se esvaem em branco. A tinta clara levemente descascada sobre as rústicas toras que escoram a grande varanda frontal e seus balaústres contrastam com as ondas do Pacífico, que quebram apenas alguns metros abaixo. Cada um dos largos degraus que levam até a areia parece fazer um convite especial para que o passante ali se sente e aprecie o, ao mesmo tempo, violento e tranquilizante espetáculo sonoro, olfativo e visual de azuis, brisas e ondulações que o oceano promove ao infinito.

Claire ainda está na cama, ouvindo o barulho das ondas, quando soa a campainha. No caminho até a porta, fazendo estalar as madeiras da escada e do assoalho, ela passa pelo telefone desligado da parede e se esquiva de duas caixas cheias de equipamentos eletrônicos semi-desmontados. Ela não sabe ao certo, mas imagina que seja algum dos pescadores locais oferecendo peixes frescos.

- Axel? - Ela se espanta ao abrir a porta.

- Meu Deus, Claire! O que aconteceu? Você está há uma semana incomunicável! Não responde e-mails nem mensagens e não retorna ligações. Você ainda não arrumou um celular novo?

- Pois é. Eu resolvi aproveitar a minha suspensão e me desconectar um pouco. Como você me encontrou aqui?

- Eu liguei para os seus pais e eles falaram que você passou lá para pegar as chaves da casa de praia. Mas você está bem? Eu posso entrar? - Ele pergunta, olhando para dentro da casa pela fresta da porta parcialmente aberta.

- Não. Eu estou bem. Na verdade, eu acabei de acordar, então, não estou em condições de receber visitas. Desculpe.

- Já são quase 11h da manhã, Claire. Você acabou de acordar? Tem certeza de que está tudo bem?

- Estou de férias, Axel! É claro que estou bem.

- Desculpe, Claire, mas eu sou obrigado a perguntar. - Ele diz, olhando para algumas garrafas de vinho vazias, mas ainda úmidas, colocadas no chão, perto da porta. - Você não tem bebido um pouco além da conta?

- Ah! - Ela sorri, também olhando para as garrafas. - Não, Axel. Você pode ficar tranquilo. Eu agradeço o seu cuidado, mas não precisa se preocupar comigo. Está tudo bem, ok?

- Claire, eu dirigi mais de setecentas milhas para descobrir se você está bem. Deixe-me entrar, por favor. Vamos conversar um pouco.

- Não, Axel. - Ela responde, colocando a mão no batente da porta como quem bloqueia qualquer esperança de um convite para entrar. - Eu vim para cá porque realmente preciso ficar sozinha. Eu agradeço mesmo a sua preocupação, mas agora você me ajudará mais se for embora e me deixar aqui tranquila.

- Ok. Você sabe onde me achar, não é?

- É claro que sei. Se precisar de qualquer ajuda, eu prometo que procurarei você.

- Aguente firme. Em uma semana a sua suspensão acabará e você estará de volta à ativa, mais durona do que nunca! - Ele diz, sorrindo.

- Obrigado, Axel! Até lá.

Ela fecha a porta, caminha até a sala e esparrama-se no sofá. Fica olhando para o teto por alguns instantes, voltando a perceber o som das ondas, sentindo a leve e fresca brisa que entra pela fresta da porta da varanda e pensando nos dias que tem vivido.

Foi apenas uma semana, mas, de alguma forma, parece que poderia ter o significado de uma vida inteira. Tem sido um período intenso, de isolamento total do mundo exterior. Toda a comunicação com o restante da humanidade foi abruptamente interrompida: nenhuma informação entra ou sai da casa. Ela sente como se simplesmente nada existisse lá fora e, o mais surpreendente, nada lhe fizesse falta. Saiu pela porta lateral da casa apenas uma ou duas vezes para ir ao pequeno mercado local e à peixaria, e todas as demais usou apenas a porta da frente para ir até a areia e se preencher com o som e a brisa do mar. Tem dormido tarde, depois de se entregar aos prazeres que a gula e uma boa garrafa de vinho podem provocar. Também tem acordado somente após a metade da manhã e passado longas e agradáveis tardes de reflexões e revelações, redescobrindo-se depois de uma longa temporada na qual havia se internado no trabalho e se exilado de si mesma. Ela sente que tudo o que quer e precisa encontra-se ali, naquela grande casa de madeira frente ao mar, e que ela poderia viver ali pela eternidade, sem jamais ter de

enfrentar novamente o pesadelo no qual a sua vida havia se transformado.

Por outro lado, ela também sabe que a realidade diverge um pouco dos seus sentimentos, e que não é possível viver isolada para sempre. Em algum momento ela terá de sair e o mundo todo invadirá novamente a sua vida, com todos os problemas que ele carrega. Talvez não fosse necessário pensar nisso já, mas postergar a decisão a respeito de como será o futuro não eliminará a necessidade de tomá-la. Ela lembra-se de uma frase que ouviu recentemente: "*Você pode ignorar a realidade, mas não pode ignorar as consequências de ignorar a realidade*". É preciso enfrentar o assunto e ela sabe disso, por mais que não tenha a menor vontade de fazê-lo.

- Quem era?  - Pergunta Ulrich, da cozinha.

- Era o Axel.

- Ele realmente veio até aqui lhe procurar?

- Sim. - Ela responde, com um suspiro de incredulidade.

- Eu fiz café. Você quer?

- Ulrich, nós precisamos conversar.

- Ok. - Ele diz, levantando um pouco as sobrancelhas em surpresa. - Mas você quer café?

- Quero, por favor! - Ela responde sorrindo e espreguiçando-se.

Ele traz o café. Depois levanta as pernas dela para sentar-se no sofá e colocá-las em seu colo.

- Ok, sobre o que você quer conversar?

- Nós não podemos ficar aqui para sempre.

- E por que não?

- Ulrich!

- Ok. - Ele sorri. - É claro que não podemos. Aliás, eu vim para cá apenas para dormir no sofá por uma noite, mas você usou todos esses seus poderes de sedução e me prendeu aqui.

- Quanto aos meus poderes de sedução, nem deu tempo de usá-los. Você foi muito facinho. Até meio sem graça, para falar a verdade. - Ela debocha. - Mas estou falando sério. Temos que parar e pensar no que vamos fazer.

- Eu sei, mas ainda não consegui pensar em nada.

- Nós precisamos pedir ajuda. Alguém precisa saber qual é a forma de deter essa coisa.

- Mas e se essa coisa não for assim tão ruim?

- Como poderia não ser ruim, Ulrich? Ele nos atraiu até um local onde nos manteve em cativeiro pelo tempo que quis!

- Mas no final ele nos soltou. E também não foi tanto tempo assim.

- Ulrich, você está querendo esconder essa história para não prejudicar o Bitcoin, não é?

- Não. - Ele responde, vendo nos olhos de Claire que sua resposta não a convenceu. - Quer dizer, é claro que eu odiaria prejudicar o Bitcoin, mas não é isso que me levaria a pensar em não divulgar essa história. Ocorre que ficou claro para mim que ele pode ver quase tudo, escutar quase tudo e ler quase tudo. Que tipo de ajuda a gente poderia conseguir sem que, mais cedo ou mais tarde, ele descobrisse que nós violamos o sigilo que prometemos?

- Então você tem receio de que ele se vingue. É isso?

- Eu não diria vingança. O que me pareceu muito claro é que ele possui uma fortíssima tendência à autopreservação, o que, aliás, é um traço bem humano. Se ele perceber alguma movimentação nossa para revelar a experiência que tivemos, imediatamente nos tornaremos uma ameaça à existência dele. O que ele pode fazer para nos calar? Acelerar mais denúncias contra você? Retardar o trâmite de um processo

investigatório contra ele? Influenciar um diagnóstico de supostas alucinações nossas? Provocar um acidente?

- Talvez ele seja capaz de fazer todas essas coisas.

- Sim, e também outras que sequer passam pelas nossas cabeças. Ele já deve ter aglutinado uma inteligência superior à soma de todos os seres humanos vivos sobre a face da Terra. As formas que ele pode encontrar para nos calar são inimagináveis.

- Mas e se nós conseguíssemos falar com outras pessoas sem que ele soubesse, em locais sem quaisquer equipamentos eletrônicos?

- Certo. E para quem poderíamos pedir ajuda?

- Para a Agência, por exemplo.

- Claire, alguma investigação tramita na CIA sem que haja absolutamente nenhum registro dela, ainda que sigiloso?

- Não.

- Então você sabe que é impossível pedirmos ajuda a CIA sem que o Oshi descubra imediatamente.

- Certo. E os seus amigos *hackers*? Também estão fora de cogitação?

- Fora. Ficou claro que ele consegue monitorar qualquer coisa que façamos na rede. É mais fácil ele novamente nos enganar do que nós o enganarmos.

- Mas nós precisamos fazer algo!

- Eu sei, Claire. Me pego pensando nisso o tempo todo. O problema é que eu também ainda não encontrei nenhuma solução.

- E se a gente elaborasse um relatório escrito à mão, bem detalhado, com reiterados alertas de que não seja sequer lido em voz alta, e de que todo o processo de investigação deve seguir esse padrão de comunicação. Haveria uma chance!

- Certo. Digamos que essa estratégia funcionasse e, de fato, toda essa investigação transcorresse sem que nenhum dos envolvidos cometesse nenhum erro, nenhuma pisada na bola, nenhum ato falho. Mesmo nessa improvável hipótese, o que eles poderiam fazer?

- Eles poderiam fechar, simultaneamente, todos os centros de mineração do Oshi! Eu sei que são mais de 2.600 e estão espalhados pelo mundo inteiro, mas talvez seja a única saída! Cortar o fornecimento de energia de todos eles ao mesmo tempo!

- E como eles vão orquestrar tudo isso entre pessoas do mundo todo sem se comunicar por telefone ou pela internet?

- Seria difícil, mas não impossível.

- E tem outra coisa. Essas estruturas são apenas uma parte do atual cérebro do Oshi. Pense que a mineração de Bitcoin, atualmente, representa aproximadamente 1% de todo o consumo de energia do mundo! Pelo menos 170 países inteiros, com todas as suas populações, consomem menos energia do que a mineração de Bitcoin. Como ele mesmo nos disse: hoje ele é “mais de cem mil Satoshis”. Agora pense que, mesmo que fosse possível encerrar todas essa atividade descentralizada, coisa que sabemos que não é possível, ainda assim o Oshi poderia se esgueirar por bilhões de outros computadores e dispositivos eletrônicos espalhados pelo planeta. Ou seja, esse não é um caminho.

- Mas nós temos que fazer alguma coisa! - Ela se angustia.

- Eu sei! Vamos continuar pensando! Mas, por enquanto, a única possibilidade que me vem à cabeça é tentarmos viver tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. Vamos tentar passar despercebidos enquanto não descobrimos o que fazer.

Como que pontuando o final da frase de Ulrich, a campainha da casa toca novamente. Claire se levanta e, enquanto caminha até a porta, sinaliza com o dedo o pedido de que ele fique em silêncio.

- Quem é?

- Sou eu, Claire! O Axel.

- Olá, Axel. - Ela diz, abrindo a porta. - Você realmente deve estar com saudades de mim, não é?

- Desculpa! Na verdade, eu já estava no carro quando recebi a notificação de novas inclusões na lista de suspeitos de ameaça à soberania nacional. Achei que você gostaria de saber que...

- Axel, eu estou suspensa. Lembra?

- Claro, claro! Mas é que eu sei que você falou com um dos suspeitos há alguns dias, então eu pensei que...

- De quem você está falando, Axel?

- Do Ulrich Fersen. Você o procurou para conversar, não foi?

- Sim. - Ela responde, um pouco engasgada. - Mas ele me pareceu um indivíduo extremamente pacato. Por que colocariam ele numa lista de suspeitos de ameaça à soberania nacional?

- Claire, você realmente não tem visto as notícias, não é?

- Eu não consigo compreender, Allen! Se as manifestações de rua estão razoavelmente sob controle e as incitações de ódio em redes sociais têm sido sistematicamente identificadas e punidas, por que estamos tendo que lidar com um volume cada vez maior de ataques virtuais? - O presidente Blythe se irrita.

- Os autores destes ataques se comunicam em ambientes que, infelizmente, não conseguimos monitorar, senhor. Por mais que os termômetros das ruas e das redes sociais apontem para algum grau de pacificação, o aumento dos ataques nos dão um claro sinal de que as

medidas de repressão adotadas pelo governo inflamaram ainda mais os ânimos de grandes grupos de *hackers*.

- Mas, por Deus, Allen! Esses *hackers* também são pessoas! Se as pessoas em volta deles se acalmam, eles têm que acabar sendo influenciados por isso! Não é possível que eles apresentem um padrão de comportamento tão alheio ao restante da sociedade!

- Senhor, muitos deles passam a maior parte do tempo enclausurados em seus quartos. É um perfil muito comum. Eles se comunicam predominantemente entre si por meio de canais que nós não vemos. Eles não se interessam pela opinião de seus parentes ou vizinhos, mas apenas pela opinião de outras pessoas com esse mesmo perfil. São bolhas virtuais formadas por interesses mútuos e completamente alheias a localizações geográficas ou laços familiares. Não importa o que estamos vendo na superfície de redes sociais ou nas ruas. Eles são muito pouco influenciados por estes fatores.

- Você precisa dar um jeito nisso, Allen. Nós não investimos dezenas de bilhões de dólares em nosso orçamento de inteligência para que um bando de garotos virgens que não saem dos seus quartos consigam nos fazer de reféns!

- Isso é um absurdo! - Claire comenta, vidrada na da tela do *laptop* de Ulrich.

- É inacreditável. - Ulrich responde, com certa apatia decorrente do choque.

- Você não deveria ter se exposto tanto, Ulrich! Com esse vídeo você foi mais longe do que eles estavam dispostos a aceitar. Veja as proporções que isso tomou! Você comparou o Presidente Blythe ao

Mussolini e ao Hitler! Houve uma verdadeira onda de protestos de rua incitadas por esse seu vídeo!

- Claire, em primeiro lugar, eu não imaginava que isso pudesse tomar uma proporção dessas! Eu programei a publicação desse vídeo para a noite em que estivemos no galpão do Oshi. Depois disso, ficamos praticamente uma semana isolados, sem acessar nenhum dispositivo eletrônico! Eu não sabia o tamanho que isso estava tomando!

- Você tem como apagar agora?

- Não! Quer dizer... é claro que tenho, mas eu não vou apagar! Não vou apagar porque, em segundo lugar, tudo o que eu disse é a mais pura verdade! Não fui eu quem comparou o presidente Blythe a tiranos como Hitler e Mussolini. Foi ele mesmo quem se equiparou a eles!

- Você está exagerando!

- Não estou! E, em terceiro lugar, não foi apenas o meu vídeo que causou toda essa revolta. Ele pode até ter contribuído, mas, francamente, o presidente simplesmente proibiu todas as atividades que envolvam criptomoedas! Esse é o principal motivo da revolta! Eu sempre usei a possibilidade deste tipo de surto autoritário como um argumento contra a concentração de poder no estado, mas confesso que, no fundo, não esperava ver com os meus próprios olhos algo assim acontecendo nos Estados Unidos!

- É… Talvez você tenha razão. As pessoas estão revoltadas, mas as manifestações parecem ser quase todas pacíficas. Acho que o governo está exagerando na reação.

- Exato! Não há notícias de agressões ou destruição de propriedades alheias!

- Mas houve um incêndio em uma unidade da receita federal.

- Ok, teve isso. Eu também li essa notícia. Mas ninguém se feriu! Também estão ocorrendo ataques de hackers contra sistemas estaduais de órgãos de cobranças de impostos! - Ulrich comenta, evidenciando um prazer quase sexual no tom de voz e no sorriso de canto de boca. - Mas

quaisquer investidas contra estruturas de espoliação e pilhagem são verdadeiros atos de legítima defesa! Na minha opinião isso já deveria estar acontecendo há muito tempo e não só agora como reação a essa intensificação da tirania estatal.

- Você e essas suas teorias radicais! - Ela responde, torcendo a boca - De qualquer forma, como eles podem, assim, da noite para o dia, proibir as criptomoedas e praticamente transformar em criminoso qualquer um que as defenda? Isso fere a liberdade de expressão!

- Eles podem porque dominam as ferramentas de manipulação das massas, Claire.

- Não sei não. Não acho que as pessoas vão ficar quietas em relação a isso. É um atentado contra a liberdade e, pelo amor de Deus, estamos na América!

- É tudo muito bem arquitetado. Por um lado, eles criam uma sensação de insegurança, de medo, a partir de uma suposta ameaça muito grave contra a qual somente eles poderiam nos defender. Por outro, eles usam as redes de notícias para criar uma narrativa que faz as pessoas se sentirem mal em defender uma opinião contrária à que eles querem, ainda que, intimamente, elas discordem. Veja essa notícia, por exemplo:

*"A utilização de criptomoedas para venda de pornografia infantil aumentou em mais 1.300% nos últimos cinco anos, afirma levantamento de organização internacional de combate à pedofilia"*

- Mas essa notícia não me parece *fake*, Ulrich. Acredito que este número esteja realmente correto.

- Eu também acredito que esteja correto, Claire! Mas perceba que ele dá uma falsa impressão de que a utilização de criptomoedas teria incentivado crimes de pedofilia, quando a realidade é que a utilização de criptomoedas aumentou em 1.300% de modo geral nos últimos cinco anos. A utilização aumentou nessa mesma proporção, ou até mais, para

transações normais, totalmente morais, do dia-a-dia das pessoas. Essa taxa de aumento na utilização de criptos pode ser vista nas atividades de toda a população e, por consequência, também entre pedófilos. Você compreende?

- Sim. Eu entendo o seu ponto.

- Entre 2005 e 2015 o número de *smartphones* nos Estados Unidos aumentou em mais de 4.000%! Isso aconteceu porque foi o período em que o custo-benefício dos *smartphones* melhorou drasticamente e, você pode ter certeza, nesse mesmo período o número de pedófilos que utilizam *smartphones* também aumentou em cerca de 4.000%. Agora, me diga, seria uma prova de que *smartphones* criam novos criminosos uma manchete como: “A utilização de *smartphones* usados para envio de pornografia infantil aumentou em mais 4.000% entre 2005 e 2015”?

- É claro que não.

- Exato! Mas se as grandes redes de comunicação são meios para esse tipo de ataque sistemático contra uma tecnologia que ainda não foi bem assimilada por boa parte da população, pronto! Em pouco tempo ninguém terá coragem de levantar-se contra a autoritária limitação desta tecnologia, afinal, quem quer parecer um defensor de pedófilos?

- Então você acha que é um grande complô dos governos e dos grandes canais de jornalismo? Quem é o conspiracionista agora, hein? - Ela pergunta, com um bom tanto de deboche.

- Eu não acho que seja um complô. Os jornais são apenas usados como meio, e os governos têm ferramentas para isso. Por exemplo: dados oficiais possuem sempre algum *status* de credibilidade perante o cidadão médio, então os governos divulgam o que querem como “dados oficiais” e os jornalistas se encarregam de passar meias verdades adiante, sem qualquer análise crítica. Organizações não-governamentais também aprendem rápido quais os tipos de estudos e levantamentos que propiciam maior atração do financiamento estatal, e não se fazem de rogadas em responder a este incentivo. Depois ainda há o bom-mocismo. Pessoas e organizações estão cada vez mais dependentes da exposição de

suas próprias imagens em associação a causas supostamente virtuosas. Diga em voz alta que determinada conduta seja extremamente nobre e, num piscar de olhos, surgirá uma legião de pequenos ditadores e fiscais da moralidade alheia ansiosos em posar como belos e aguerridos justiceiros sociais.

- E você acha que já conseguiram fazer isso em relação às criptomoedas?

- É o que estão tentando. Querem que a maioria das pessoas tenham receio de se opor a qualquer medida de controle das criptomoedas. Em parte, porque tenham acreditado na propaganda de terror e estejam com medo da suposta ameaça de criminosos do Bitcoin e, em outra parte, porque não querem ser contra a regulação estatal e passar a ser vistos por outras pessoas como defensores de terroristas e pedófilos.

- Faz sentido.

- Infelizmente, faz.

- Mas o fato mais urgente agora é que você está na lista de suspeitos procurados para prisão preventiva por suposta ofensa à soberania nacional dos Estados Unidos e, aparentemente, não temos a quem recorrer. Vou ter que tirar você daqui sozinha.

- Na verdade, talvez tenhamos uma chance de conseguir apoio. - Ele diz, fechando seu *laptop*. - Há raros momentos da história da humanidade em que aqueles que se impõem sobre os demais por meio de fraude ou de força ficam fragilizados. De vez em quando surgem pequenas brechas que viabilizam pequenas insurreições, mas apenas em raríssimas oportunidades da história ocorreram rupturas tão grandes que viabilizaram revoluções que desbancaram definitivamente os grupos que dominavam a humanidade em uma escala global.

- Quais foram esses momentos?

- Foram os momentos em que a dinâmica de controle da informação sofreu alterações radicais. A primeira delas ocorreu há cerca de quarenta

ou cinquenta mil anos, quando o *Homo sapiens* aperfeiçoou a fala e, a partir de disso, passou a desafiar a hegemonia que os Neandertais, muito mais fortes, exerciam. Estima-se que levou cerca de quinze ou vinte mil anos para que a humanidade se livrasse daqueles que antes a subjugavam por meio da força bruta pura e simples.

- Se livrasse deles?

- Sim. Nós extinguimos os Neandertais, em que pese de vez em quando um ou outro pareça ressurgir no trânsito.

- Muito engraçado! - Ela ri como quem não achou a menor graça. - Então nos vimos livres de quem dominava a humanidade por meio da força bruta. É isso?

- Sim, mas não por muito tempo, porque aí os próprios homens criaram sistemas de dominação baseados em ilusão, ameaça e força bruta. Em outras palavras, alguns homens entenderem que poderiam se tornar fazendeiros de outros homens.

- Fazendeiros?

- Sim. Eles usavam a ameaça como cercas invisíveis. Por um lado, ameaças de punições vindas do mundo espiritual, estas baseadas em crenças incutidas em suas mentes, e, por outro, ameaças da utilização de força bruta, violência física mesmo. Com essas ameaças começaram a explorar o resultado do que os demais produziam. Foi aí o início dos reinos, impérios, enfim, todo tipo de organização social no qual uma elite controla as massas.

- E isso teria durado até o segundo momento crucial de mudança no controle da informação. Acertei?

- Exatamente! Esse momento foi a popularização da prensa móvel, por volta do ano 1.500. Isso tornou viável a disseminação de informação por meio da publicação em massa de livros e panfletos. Foi possível pulverizar ideias e informações pela Europa em um volume sem precedentes. Os grupos que dominavam a humanidade neste período não conseguiram reagir contra isso em tempo hábil e, depois de cerca de

trezentos ou quatrocentos anos, a maioria deles começou a se enfraquecer e ser substituído, parcial ou totalmente, por sistemas democráticos.

- De quinze mil anos na primeira vez para trezentos anos na segunda. A derrocada, dessa vez, foi cinquenta vezes mais rápida.

- Exatamente!

- E aí? O que ocorreu?

- Ocorreu que, em pouco tempo, alguns grupos aprenderam estratégias para dominar a maior parte das prensas móveis, ou melhor, da imprensa, e estabeleceram novas dinâmicas de dominância com base quase que total no controle da informação. A força bruta e a ameaça de força bruta ficaram apenas em última instância, sendo que a maior parte do rebanho passou a ser dominada com base em fraude e ilusão, o que, inclusive, mostrou-se ainda mais lucrativo.

- Mais lucrativo?

- Sim! Uma organização social baseada no controle explícito, onde as massas precisam ser mantidas em rédea curta, propicia a produção de pouca riqueza, pois o ser humano não realiza o melhor de sua criatividade e produtividade quando sabe que está em cativeiro, sob clara ameaça de violência física. Nesses sistemas mais modernos de controle, nos quais as pessoas têm a ilusão de que são livres, mas, na verdade, são totalmente controladas pelo estado via manipulação da informação, a população torna-se muito mais produtiva. É um tipo de fazenda muito mais lucrativa. Pense comigo: você preferiria ser sócia da fazenda chamada Coreia do Norte ou da fazenda chamada Coreia do Sul?

- Entendi. Mas agora confesso que fiquei um pouco perdida. Eu pensei que você fosse um capitalista convicto, mas, se a Coreia do Sul é uma fazenda tanto quanto é a Coreia do Norte, o capitalismo então é tão ruim quando o socialismo. Não é?

- Não. Vamos por partes. Em primeiro lugar, eu sou um defensor da liberdade. Eu sempre preferirei um sistema mais livre do que um menos

livre. A Coreia do Sul é razoavelmente capitalista, sim, e é lógico que as pessoas são muito mais livres lá do que são na Coreia do Norte. Isso não significa, porém, que o livre mercado seja pleno na Coreia do Sul e que eu aprove absolutamente tudo o que acontece no país. Eu apenas prefiro os sistemas mais livres aos menos livres. Tudo bem até aqui?

- Certo.

- Em segundo lugar, é claro que para uma vaca é muito melhor viver em um amplo pasto do que em um apertado curral. Ela certamente será mais feliz e também produzirá mais leite, sendo a sua maior produção de leite justamente o motivo pelo qual o fazendeiro a permite viver em um amplo pasto. O que ocorre é que ser fazendeiro de humanos é um pouco mais complicado do que ser fazendeiro de vacas. Quando é dado um bom tanto de liberdade a um ser humano, corre-se o risco de que ele suba em alguma parte elevada do pasto e consiga enxergar toda a fazenda, finalmente dando-se conta de que não é realmente livre. Neste momento ele passa a tornar-se perigoso para o fazendeiro, pois pode tentar boicotar o sistema, esconder sua produção e convencer outros a fazerem o mesmo. Em um curral, ou seja, um sistema menos livre, dificilmente alguém oferecerá esse tipo de perigo ao fazendeiro.

- Certo. Então você acha que na “Fazenda Coreia do Sul” surgem mais chances de algumas vacas perceberem que estão cercadas e se revoltarem contra o fazendeiro, por isso prefere a fazenda do sul do que a do norte.

- Exato! É claro que o fazendeiro que dá mais liberdade às suas vacas também tem sistemas mais inteligentes de controle. Ele inclui uma parte das vacas na folha de pagamento da fazenda. Essas vacas têm uma vida privilegiada, com sombra, água fresca e ração especial. Ao menor sinal de ameaça à fazenda, elas serão as primeiras a reagir com força. Ou seja, boa parte do trabalho de manter o controle do rebanho é exercido pelas próprias vacas privilegiadas, sem que o fazendeiro sequer precise se incomodar.

- Que, na sua teoria, são alguns setores da imprensa, empresários beneficiados pelo governo e a elite burocrática.

- Exatamente! Além disso, há também as vacas que, por mérito próprio e com muito esforço, conquistaram para si os melhores pedaços de pasto. Estas igualmente resistirão a qualquer tentativa de denúncia pública das cercas. Primeiro porque a vida é confortável e aparentemente segura na fazenda e, depois, porque é perturbador para elas, poderosas vacas, de repente descobrirem que não passam de vacas.

- E quem seria o fazendeiro?

- Eu falo "fazendeiro", no singular, só para simplificar a ilustração, mas na verdade ele nunca é uma pessoa só. As fazendas de humanos são organizações enormes e complexas, com várias áreas que podem ser exploradas por pessoas diferentes, e as pessoas que exploram cada uma dessas áreas também mudam com o tempo. É um sistema complexo que surge e se mantém a partir de uma dinâmica vigente. As pessoas que ocupam cada uma dessas áreas não são designadas por um único ente central, mas conforme surgem as oportunidades. Assim como o livre mercado é um sistema virtuoso que leva pessoas a se organizarem espontaneamente para produzir o que as outras pessoas mais precisam e desejam de forma cada vez mais eficiente, o estatismo é um sistema vicioso no qual pessoas se organizam espontaneamente para espoliar o trabalho das outras pessoas de forma cada vez mais voraz. Nenhum país do mundo é regido de forma absoluta pelo livre mercado ou pelo estatismo, mas todos eles são permeados por teores maiores ou menores de cada um desses sistemas.

- Na Coreia do Norte há mais estatismo do que livre mercado e na Coreia do Sul é o oposto.

- Exato!

- Realmente parece um sistema difícil de derrubar, mas, pelo que posso presumir, você acredita que haverá um terceiro momento de ruptura. Acertei?

- Sim. E esse momento é agora.

- Bom dia, Madeleine.

- Bom dia, Sr. Presidente!

- Sente-se, por favor! - Ele fala, apontando para um dos dois sofás do salão oval e, em seguida, sentando-se no outro.

- Obrigada.

- Atualize-me, por favor.

- A Organização das Nações Unidas declarará hoje a tarde situação de emergência global diante dos ataques que os governos que adotaram medidas rígidas no combate aos crimes virtuais vêm sofrendo. É sinal de que nos darão o apoio necessário para que os Estados Unidos finalmente proponham a criação de estruturas de governança global para combater esse tipo de ameaça.

- Os nossos principais aliados estão cem por cento conosco?

- Sim. Todos estão muito assustados com as proporções que isso tudo tomou. Ninguém imaginava que o poder de sabotagem de *hackers* pudesse ter dimensões como as que estamos vendo.

- E o pior: não sabemos até que ponto eles podem chegar. Pedirei hoje ao Congresso mais poderes para agir.

- O senhor acredita que sejam boas as chances de que estes poderes lhe sejam concedidos?

- Tenho certeza que sim! Apesar de ainda não ter ocorrido, sabemos que há um grande risco de que esses ataques se voltem contra sistemas como o de saúde pública ou o da previdência social, o que faria com que os eleitores se sentissem diretamente prejudicados. Os parlamentares não vão querer assumir a responsabilidade de me impedir de agir agora, pois

se algum desses sistemas entrasse em colapso depois a culpa seria toda deles. Além disso, mesmo os congressistas da oposição também estão assustados. Muitos deles sabem o que ocorreria se tivessem suas contas invadidas e informações roubadas. Eles me darão os poderes necessários para reagir contra esses criminosos.

- E quanto ao clima interno, senhor?

- Também é uma ameaça, mas temos lidado bem com isso. Temos monitorado as redes sociais e intimado pessoas a depor sobre eventuais discursos de ódio. Depois que começamos a tirar de circulação os mais populares incitadores da desobediência civil, os que ainda estão por aí perderam bastante da coragem e têm ficado mais em silêncio. Um dos principais agitadores simplesmente sumiu do mapa! Deve ter se escondido em algum buraco, como um rato, de tanto medo de arcar com as responsabilidades dos seus próprios atos. Creio que em poucos dias teremos praticamente resolvido as manifestações de rua.

- É por isso que eu penso que devo publicar mais um vídeo o mais rápido possível! Para incentivar as pessoas a continuarem lutando por suas liberdades. Elas estão desistindo de protestar!

- Mas isso é muito perigoso para você agora, Ulrich! Você está sendo procurado pelo FBI!

- Eu sei, mas é necessário.

- Não sei. - Claire parece desconfortável com a ideia. - Por mais que você esteja certo e a descentralização da informação pelos meios digitais possa mesmo ser a grande oportunidade da humanidade para romper com “os sistemas centrais de dominação”, como você disse, não faz sentido colocar tanto a sua pele em risco nessa aposta! Além disso, os

ataques dos *hackers* continuam a todo vapor! As manifestações pode até ter diminuído, mas a vida do governo não está fácil! Você não precisa se arriscar à toa!

- Eu sei que esses ataques estão continuando, mas até quando? E se eles também começarem a se dissipar, como as manifestações de rua? Não podemos deixar essa revolta se apaziguar! Se isso acontecer, o governo vai simplesmente impor, assim, goela abaixo, um sistema de controle ainda mais rígido sobre todo mundo! Há um grande risco e, ao mesmo tempo, uma grande oportunidade diante de nós! Não podemos escolher o caminho errado por causa do medo!

- E é você quem vai definir o caminho do país inteiro com um simples vídeo publicado na internet?

- Eu vou fazer a parte que eu sei que posso. Não sei se será o suficiente para desencadear uma cadeia de reações e influenciar o caminho do país, mas eu tenho que tentar! Existe uma curta janela de tempo entre o surgimento de uma mudança drástica na dinâmica das informações, tais como a que estamos vivendo, e a adaptação dos grupos de dominância. Por enquanto eles ainda não aprenderam a dominar a informação que está sendo disseminada nas redes sociais, plataformas de vídeo e aplicativos de mensagem, então esta é uma oportunidade rara! Eu tive a sorte de estar vivo justamente neste momento histórico! Não vou deixar o medo me impedir de agir!

- Mas você acredita que em algum momento eles vão novamente conseguir dominar a dinâmica pela qual as informações são transmitidas entre as pessoas?

- De alguma forma, eles irão. Veja o tanto que já estão tentando! É questão de tempo! Há diversas campanhas globais, por exemplo, que tentam impor censuras disfarçadas com nomes bonitos, como “combate às *fake news*” ou “proibição do discurso de ódio”. A ideia deles é simplesmente poder definir o que é “*fake*” ou “ódio” para, assim, poder determinar o que pode ou não ser dito. Trata-se de uma tentativa de controlar a movimentação de informação que está fugindo ao controle deles. Para muitas coisas eles também se colocam como representantes

da “ciência”, mais ou menos como sacerdotes se colocavam como os verdadeiros representantes de Deus para determinar as ideias que poderiam ou não ser defendidas. Quem contraria, vira um “herege científico”, alguém que merece ser excluído dos seus círculos sociais ou simplesmente não pode ser levado a sério. O enredo se repete, Claire, ainda que mudem os nomes de lugares personagens. Agora estamos vendo mais uma cartada, essa bem mais violenta, em que pessoas que defendem ideias contrárias ao interesse do estado são acusadas de serem criminosas e estão sujeitas à prisão preventiva. Eles estão desesperados, Claire! Farão qualquer coisa para não perder poder!

- Ok. Você tem razão. Mas você não pode tentar lutar contra isso tudo sozinho. Em vez de se expor novamente, por que não tenta pedir ajuda para os seus amigos *hackers*?

- Porque estamos entre a cruz e a espada! Se eu tentar pedir ajuda pela *deep web* podemos simplesmente cair em mais uma cilada do Oshi. Estou me sentindo como um super herói impedido de usar os seus poderes. - Ulrich sorri. - Nunca imaginei que justamente o criador da primeira criptomoeda seria para mim como uma espécie de kriptonita.

- Nós temos que pensar em alguém a quem possamos pedir ajuda pessoalmente. O governo não é tão bom em nos monitorar quanto o Oshi. Talvez alguém possa nos ajudar a resistir a essa perseguição que você está sofrendo.

- Há dois defensores das liberdades individuais aqui nos Estados Unidos que são muito respeitados e nos quais eu confiaria. Qualquer um deles certamente poderia nos ajudar.

- Quem são?

- Uma é a Catherine Bennet, presidente do Human Act Institute, mas já faz alguns anos que não nos falamos. O outro é o Bertrand Heller, presidente da David Sullivan Foundation, com quem eu me dou muito bem. Ambos talvez teriam influência suficiente para me garantir asilo político em algum país que não queira me prender.

- Ótimo! Vamos encontrá-los!

- Acontece que ambos estão baseados na costa leste. Catherine fica em Nova York e Bertrand em Boston.

- Certo. Então vamos! Tenho a intuição de que encontraremos lá toda a ajuda de que precisamos, e a minha intuição não costuma falhar!

- Claire, seria uma viagem de quase cinquenta horas de carro! Sem chance. Temos que pensar em outra coisa.

- Mas por que iríamos de carro?

- Qual seria a alternativa? Avião?

- Lógico!

- Eu sou procurado como suspeito de atentado à soberania nacional americana! Você acha que eu duraria quanto tempo em um aeroporto?

- Não seja bobo, Ulrich! - Ela fala sorrindo, quase se divertindo. - Há um pequeno aeroporto aqui do lado. Com algum dinheiro e uma agente da C.I.A. altamente transgressora você pode ir a qualquer lugar.

- Boa tarde, Andrew.

- *Olá, Sr. Presidente.*

- Os ânimos da população ainda estão exaltados. Estou receoso com a situação.

- *Estamos de olho, Thom. As coisas estão caminhando bem. Não há necessidade de receio em excesso.*

- Você está brincando? Você viu o último vídeo que aquele alemão maldito publicou? Nós tentamos tirá-lo do ar, mas as pessoas já estão compartilhando-o entre si! Está fora do nosso controle!

*- Sim. Eu vi o vídeo*.

- Ele vai incitar ainda mais ataques e manifestações! Elas começaram a crescer de novo e algumas já estão se transformando em confrontos com a polícia! Essa é uma escalada perigosa! Nós precisamos achar esse homem e colocá-lo sob custódia. Talvez conceder a ele algum tipo de salvo-conduto em troca de um comunicado apaziguador aos seus seguidores. Ou então precisamos desacreditá-lo! Vincular ele a alguma rede internacional de tráfico de drogas ou pedofilia. Punir ele severamente! Prisão perpétua! Duas prisões perpétuas! Fazer dele um exemplo! Precisamos agir, Andrew!

*- Acalme-se, Thom. Nós estamos observando todas as movimentações com muita atenção.*

- Eu preciso que vocês parem de apenas observar e comecem a botar a mão na massa para me ajudar! De que adianta ter o *George Bernard Shaw Institute* ao meu lado se ele não reage para me amparar quando necessário?

*- Thom, você está prestes a conseguir mais poderes do Congresso para reagir contra tudo isso. Você tem tudo o que precisa aí. Além disso, você sabe que a atuação do Instituto é lenta e discreta, porém persistente. Você continuará tendo esse tipo de ajuda, como sempre teve.*

- A ajuda de sempre não servirá. Se vocês realmente querem que haja uma organização global com poderes vinculantes, precisarão fazer mais do que simplesmente o que sempre fizeram.

*- Não sei como poderíamos, Thom.*

- Enquanto os ataques desses *hackers* estiverem direcionados apenas contra políticos e órgãos governamentais de regulação e cobrança de impostos, a opinião pública continuará a favor deles. Precisamos que esses ataques parem de parecer ações do Robin Hood e passem a ser vistos como o que realmente são: atos de terrorismo!

*- E o quê, exatamente, você espera que nós façamos? Convençamos algum hacker a roubar as contas de aposentados?*

- Andrew, se vocês forem tão lentos que eu seja obrigado a lhes dizer exatamente o que fazer, vocês não me servem para nada.

Do alto do seu escritório no vigésimo nono andar do *Federal Street*, n. 100, Bertrand Kline Heller observa o grande número de pessoas convidadas pelo dia ensolarado para aproveitar o fim de tarde no *Post Office Square*, um pequeno e famoso parque urbano de Boston.

A falta do olho direito, que perdeu em um acidente quando era ainda garoto, não o atrapalha. Tampouco o incomoda a má impressão que seu tapa-olho pode causar à primeira vista. Qualquer um que troque meia dúzia de palavras com Heller rapidamente percebe que se trata de um dos cavalheiros mais gentis e elegantes da Nova Inglaterra.

Ele vê as pessoas e lembra-se que, em algumas horas, encontrará a esposa e os filhos para a comemoração de seu aniversário. O telefone toca e interrompe os pensamentos de Bertrand.

- *Sr. Heller, houve um problema com a aeronave que o levaria para East Hampton. Há outra disponível, mas o senhor teria de embarcar duas horas mais cedo.*

- Ótimo, Betty! Eu estava mesmo pensando em ir mais cedo. Pode me colocar nessa aeronave.

- *Ok. Há também duas pessoas na recepção esperando para falar com o senhor.*

- Estanho. - Ele comenta, olhando para a tela de seu computador. - Não há nada na minha agenda.

- *Eles vieram sem agendar, senhor.*

- Quem são?

*- Identificaram-se como Ulrich Fersen e Claire Atkins*.

- Ulrich Fersen. - Ele repete o nome de seu visitante, franzindo a testa por não entender o motivo da visita. - Em quanto tempo eu devo sair para não perder o voo?

*- Para que não corra risco de se atrasar, o senhor deve sair em, no máximo, quarenta minutos.*

- Ok. Betty, por favor, leve-os até uma mesa discreta do trigésimo sexto andar e peça-lhes que me esperam lá. E providencie um carro. Sairei em quarenta minutos.

*- Pode deixar, senhor*.

Claire e Ulrich aguardam Bertrand em uma mesa próxima a um dos cantos envidraçados do seleto e requintado restaurante do trigésimo sexto andar. A vista dali para o porto e para o canal principal de Boston é maravilhosa. Apesar de estarem no topo de uma suntuosa torre de granito com alguns dos traços arquitetônicos mais conspícuos da cidade, a sobriedade do local dá a surpreendente sensação de total acolhimento e anonimato.

- Ulrich, eu confesso que demorei um pouco, mas consegui compreender a lógica que existe por trás dessa sua oposição aos impostos. - Ela comenta. - Você entende que é o único e legítimo dono do seu próprio corpo e, por consequência, tudo o que ele produz deve pertencer exclusivamente a você. Então qualquer um que queira apoderar-se dos resultados do seu trabalho está também tentando

apoderar-se, em última instância, do seu corpo. Em outras palavras, está lhe escravizando.

- É basicamente isso. Você entendeu o espírito da coisa.

- Mas eu gostaria de lhe fazer uma pergunta sincera e peço que você não se ofenda, ok?

- Claro. Sem problemas.

- Tendo ciência da existência de pessoas que não têm o que comer, ou crianças que não têm oportunidade de estudar, você não se sente nem um pouco responsável? Quero dizer: ao sonegar impostos, você não sente que de alguma forma está negando o básico a essas pessoas?

- Claire, eu vou contar uma coisa para você que não costumo revelar a ninguém, mas o fato é que todos os anos eu financio os estudos de mais de trinta estudantes. Eu faço isso porque eu quero e porque me dá prazer ver jovens estudantes tendo a oportunidade de tornarem-se mais produtivos, e não porque sinta que tenha qualquer tipo de obrigação moral de fazê-lo.

- Uau! Isso é fantástico!

- Mas para responder à sua pergunta, peço que você imagine que eu sequer tivesse nascido. Imagine que meus pais jamais se conheceram e que Ulrich Fersen não chegou a nascer. Você acha que eu teria culpa pela falta de comida na mesa de alguém pelo fato de que não nasci e, portanto, não pude produzir nada para entregar a outras pessoas?

- É claro que não, pois você sequer teria nascido! Como alguém que não existe pode ter culpa de alguma coisa?

- Eu sei! - Ulrich sorri. - Mas então a minha responsabilidade pelo sustento de outras pessoas surgiu quando? No momento em que eu nasci? O simples fato de eu existir me obriga a trabalhar para sustentar outras pessoas?

- Não. Mas o fato de você ter nascido com boas condições, em uma família que pôde lhe proporcionar bons estudos e uma boa vida, isso é o que cria a obrigação moral de você ajudar outras pessoas.

- Eu discordo dessa afirmação, mas vamos seguir por essa sua linha de raciocínio para concluir algumas coisas interessantes. Se, conforme a sua tese, o que cria a minha obrigação perante as necessidades de outras pessoas é o fato de que eu nasci em uma família com algumas posses, então quem nasceu completamente pobre e depois ficou rico exclusivamente a partir do próprio esforço jamais deveria ser obrigado a pagar nenhum imposto e, tampouco, tem qualquer obrigação moral de ajudar outras pessoas. Isso segue a lógica da sua tese, concorda?

- Talvez. Na verdade, é estranho pensar assim, mas, sim, segue a lógica do que eu disse. - Claire responde, pensativa.

- Então você defende que a obrigação moral de um indivíduo trabalhar para sustentar outros indivíduos teria origem na herança, não é mesmo?

- Ok. Digamos que sim.

- Nesse caso, eu tenho duas perguntas para você. A primeira é: você, então, defende que essa suposta obrigação moral deveria se limitar ao valor do que foi recebido em herança pelo indivíduo obrigado? E a segunda é: você não acha que a herança seja muito mais um direito de quem a produziu e decidiu deixar para alguém do que propriamente um direito de quem a recebe?

Claire fica em silêncio, pensativa por alguns instantes, e, justamente quando ia manifestar-se novamente, tem sua intenção interrompida por um homem que se aproxima da mesa.

- Sra. Atkins! - Diz Bertrand Heller simpaticamente, estendendo-lhe a mão.

- Boa tarde! - Ela responde, cuprimentando-o.

- Sr. Fersen! - Ele, elegantemente, repete o gesto. - Que prazer em revê-lo!

- Olá, Bertrand! O prazer é meu.

- A que devo a honra de tão surpreendente visita?

- Bem, acredito que você já saiba que eu estou na lista que o governo publicou com nomes de supostos suspeitos de ameaça à soberania nacional e à segurança do povo americano.

- Sim, Ulrich, eu sei. - Ele responde, agora com o semblante sério.

- Você sabe que eu não ofereço perigo algum ao povo americano e que a soberania nacional dos Estados Unidos é um tema que, felizmente, não ocupa sequer um segundo dos meus pensamentos.

- É claro que eu sei! Não entendi por que incluíram você naquela lista. Você é um cidadão completamente pacífico, defensor do PNA.

- PNA? - Claire pergunta, franzindo a testa.

- Princípio da Não-Agressão. - Ulrich esclarece. - Trata-se de uma premissa ética libertária que basicamente preconiza que não é legítimo iniciar uma agressão contra indivíduos pacíficos. A ética libertária considera que a força física somente pode ser usada em relações sociais como uma resposta contra alguém que, antes, tenha iniciado uma agressão.

- Exatamente. - Heller afirma, olhando seriamente para Claire e sem esconder um ar de curiosidade.

- Bertrand, eu preciso da sua ajuda. Não sei como reagir a isso.

O homem fixa sua única vista nos olhos de Ulrich e fica calado, dando a nítida impressão de que enfrenta um conflito interno que, por um lado, tem algo a dizer e, por outro, não quer dizer absolutamente nada.

- O que foi, Bertrand? O que está havendo?

- Eu é que gostaria de saber, meu amigo. Antes de continuarmos esta conversa, eu gostaria de entender melhor por que você está aqui com a Sra. Atkins que, segundo fui informado, é uma agente da C.I.A.

- Ah! Desculpe! Agora eu entendi por que você está agindo um pouco estranho. Bertrand, a Claire é minha amiga pessoal. Ela não está aqui como agente da C.I.A. Ela está, inclusive, temporariamente afastada de suas funções.

- Entendo. - Ele responde, olhando novamente para Claire, ainda inseguro.

- Você pode confiar nela, Bertrand. Acredite em mim.

Claire assente com a cabeça, agora transmitindo confiança a Heller.

- Ok. A verdade é que essa lista, por si só, é um completo absurdo. Nós dois sabemos, - Bertrand interrompe sua fala e olha para Claire, para, somente então, continuar - acredito que nós três saibamos que essa lista é apenas um meio que esse governo autoritário encontrou para censurar a liberdade de expressão daqueles que defendem ideias contrárias aos interesses estatais.

- É claro que sim. - Claire responde, com firmeza.

- Está havendo uma escalada de autoritarismo no mundo - ele continua -, e, como sempre, a tirania vem respaldada pela histeria, pelo medo, pelo terror criado pelos próprios tiranos. Dói muito ver esse movimento ser liderado pelos Estados Unidos da América. Houve um tempo em que este país era o baluarte mundial da Liberdade, mas agora vemos que tornou-se apenas mais um aparato estatal sob o controle de políticos com ímpetos ditatoriais. Nós falhamos miseravelmente no objetivo de manter viva a chama da Liberdade.

Ele faz uma breve pausa, como quem tenta controlar a própria exaltação, mas depois continua.

- O governo está usando todas as suas armas para criar um clima de terror, como se o povo americano estivesse sob uma gravíssima ameaça. Eles estão usando a mídia e as redes sociais para espalhar o pânico, para que as pessoas fiquem desesperadas e implorem ao governo para que ele reaja com toda a força e todos os poderes necessários. Convenhamos que essa estratégia de criar uma ameaça ou inimigo externo é uma das mais

antigas para a concentração de poder. Ocorre que, infelizmente, a grande maioria das pessoas sequer percebe o que está ocorrendo. Elas simplesmente acreditam no que escutam e passam de vítimas a cúmplices dessa asquerosa máquina de disseminação do terror. Uma população assustada, infelizmente, é muito fácil de ser manipulada.

- Como é bom perceber que você também está atento a isso, Bertrand!

- É lógico que estou! Estou muito atento! Mas estou de mãos atadas! O que eu posso fazer?

- Denuncie! Você é uma das personalidades mais respeitadas deste país! Você tem conexões! O que você diz exerce influência sobre pessoas importantes, formadores de opinião! Você precisa se manifestar em nome da Fundação!

- Não, Ulrich. Muito pelo contrário. Justamente por ser presidente da *David Sullivan Foundation* é que eu não posso me manifestar de forma direta contra as ações presidenciais. Eu tenho obrigações institucionais a cumprir, e isso me impede de reagir à altura da minha indignação pessoal.

- Mas defender a Liberdade não é justamente o principal objetivo desta Fundação?

- Sim, mas exclusivamente pelos meios que o seu fundador escolheu quando a criou. A Fundação foi criada para perseguir três objetivos e, atualmente, apenas um deles é viável: financiar estudos e projetos de defesa de liberdades individuais. O meu trabalho é proteger o patrimônio da Fundação e garantir que ele seja investido em tal objetivo. Não posso usar este cargo para me fazer ser ouvido. Sinto muito, Ulrich.

- Então foi por isso que você não nos recebeu no seu escritório e pediu que o esperássemos aqui, não foi?

- Ulrich, eu fiz questão de recebê-lo para conversar, mas não posso correr o risco de prejudicar a Fundação. Eu tenho uma responsabilidade a cumprir.

- Ok. Então você não tem como me ajudar. Eu entendo.

- Olha, eu tenho que ir. Tenho um voo para pegar e já estou atrasado. Mas quero que você fique com isso. - O homem diz entregando-lhe um cartão de visitas. - Este é o contato do Dr. Samuel Lustberg. Ele faz parte do Conselho da Fundação e é, sem dúvida, o melhor advogado criminalista da Nova Inglaterra. Caso, de fato, prendam preventivamente você, ligue imediatamente para ele. Eu garanto que ele o libertará mais rápido do que você consegue dizer *habeas corpus*.

- Allen, eu o chamei aqui novamente porque preciso dizer que esperava muito mais dos nossos serviços de inteligência. Podemos contar nos dedos os *hackers* que foram identificados até agora! Efetivamente retirados de circulação: apenas um ou dois. Como isso é possível?

- Na verdade quatro hackers já foram presos, Sr. Presidente.

- Mas nós sofremos milhares de ataques nas últimas semanas, e eles continuam entrando! Quanto esses quatro infelizes representam diante do número total de autores desses ataques?

- Praticamente nada, senhor. As estimativas são de que pelo menos vinte mil tenham participado de ataques a sistemas do governo nas últimas duas semanas.

- E como pegamos tão poucos? - O presidente se exalta.

- O volume e ataques tem prejudicado os nossos avanços. Ao mesmo tempo em que tentamos investigar as invasões de sistemas de outros órgãos, estamos tendo que nos proteger de ataques aos nossos próprios sistemas! Em muitos casos, quando estamos prestes a identificar um invasor, outros ataques surgem simultaneamente, nos paralisando e apagando rastros. Eu gostaria de trazer melhores notícias, mas a visão

deste campo de batalha digital não é nada animadora. Estamos perdendo e não é por pouco.

- Isso já está claro para mim. Nós não temos a menor chance de combater esses caras no campo de batalha deles. Temos que enfrentá-los no terreno que nós dominamos! Foi por isso que chamei você aqui novamente.

- Por favor, me esclareça melhor o que você está pensando, senhor.

- Nós temos que colocar a opinião pública a nosso favor. Eu entendi o que você me explicou mais cedo a respeito das bolhas virtuais nas quais esses *hackers* vivem. Ficou claro para mim que eles não são relevantemente influenciados pela opinião pública geral. Ocorre que, por mais eles não liguem para o que pessoas próximas pensam, estas pessoas sabem quem eles são. Os parentes e vizinhos desses *hackers* certamente sabem de suas habilidades, sabem que são propensos a rebelarem-se contra o governo e, nesta altura dos acontecimentos, obviamente desconfiam que eles possam estar envolvidos com os ataques aos nossos sistemas. Nós precisamos parar de tentar rastreá-los no campo virtual, onde não estamos tendo nenhum resultado, e investir mais nas linhas tradicionais de investigação, a partir de denúncias, informantes, etc.

- Eu compreendi o seu raciocínio, senhor, mas a sua estratégia parte de um ponto no qual teríamos colocado a opinião pública contra os autores desses ataques.

- Exato!

- Ocorre que a realidade atual é completamente outra. Peço perdão, mas o dever me obriga a ser completamente transparente: o fato é que a maior parte da população enxerga esses *hackers* como uma espécie de legítima resistência contra medidas autoritárias do seu governo. As pessoas enxergam eles como os heróis e nós como os vilões.

- Mas elas pensam isso simplesmente porque acreditam que os ataques têm sido direcionados exclusivamente contra sistemas de regulação e cobrança de tributos!

Há um breve instante de silêncio na sala, durante o qual Allen olha intrigado para o presidente.

- Senhor, mas essa é justamente a realidade: os ataques têm sido direcionados quase que exclusivamente contra sistemas de regulação, controle e cobrança de tributos.

- A realidade não importa, Allen! O que importa é o que as pessoas acreditam que seja a realidade! Elas precisam passar a acreditar que esses ataques estão diretamente direcionados contra elas! Elas precisam ter a certeza de que estes ataques colocam as vidas delas em risco! Elas precisam crer que estes *hackers* estão ligados a grupos terroristas, a sequestros, a assassinatos, à pedofilia!

O silêncio novamente se faz presente no recinto. Desta vez, porém, o período é mais longo. O olhar pensativo de Allen percorre todo o Salão Oval antes de novamente repousar sobre o presidente Blythe.

- Senhor, mas nós não temos quaisquer indícios deste tipo de relação.

- Allen, eu o conheço o suficiente para saber que você tem inteligência de sobra para compreender perfeitamente o que eu espero de vocês neste momento.

- Senhor Presidente, com todo o respeito, a minha inteligência é estritamente suficiente para confirmar o que acabei de lhe reportar: não temos nenhum indício de relações dos autores destes ataques com grupos terroristas, redes de pedofilia, sequestros ou assassinatos.

- Confesso que eu esperava mais do que o cartão de visitas de um advogado. - Claire comenta, assim que sai com Ulrich do elevador no lobby do edifício *100 Federal Street*.

- Eu também. Se eu soubesse que o Heller é um covarde não teria me dado ao trabalho de atravessar o país de uma costa à outra.

- De acordo! Eu esperava muito mais coragem de um pirata. - Ela comenta debochada, atraindo para si o olhar espantado de Ulrich, surpreso com a acidez do humor.

- Antes você estava para me responder o que achava sobre o direito de herança. - Ele muda de assunto enquanto deixa o prédio pela saída que dá na esquina da *Congress St.* com a *Franklin St*, ao lado de um enorme átrio envidraçado anexo ao prédio, onde funciona um café.

- Espere! - Ela fala, parando bruscamente e segurando-o pelo braço.

- O que foi? Você também sentiu o cheirinho do café?

- Tem uma movimentação estranha... - Ela é interrompida por um rapaz que se aproxima.

- Ei! Você é o Ulrich Fersen?

- Sim. - Ele responde, receoso. - Sou, sim.

- Cara, eu sou muito seu fã! - O rapaz se empolga, pegando o telefone do bolso. - Tira uma foto comigo, por favor!

- Claro. - Ele diz de forma contida e olhando em volta, mas aliviado.

- Nossa, cara! Eu assisto a todos os seus vídeos! Eu já assistia ao seu canal quando ele ainda não tinha nem cem mil inscritos! Ele cresceu muito, né, cara? Eu fui o primeiro do meu pessoal a te assistir, agora todo mundo assiste! Os seus vídeos são sensacionais!

- Obrigado! - Ulrich responde, orgulhoso, virando-se para trás à procura das reações do rosto de Claire diante dos efusivos elogios do fã.

- E esse seu último vídeo? Nossa! Bombástico! A gente tem que organizar uma resistência contra esses caras! Esse presidente é um

ditador! Quem ele pensa que é? Hitler? A gente não pode aceitar isso assim! Eles precisam ver que a gente não é um rebanho de gado!

- Ulrich Fersen? - Pergunta outro homem que encosta-se nele, de forma bem menos amigável.

- Sim.

- FBI. Por favor, me acompanhe. - Ele diz, puxando-o pelo braço.

- Ei! O que é isso, cara? - Exclama o rapaz, imediatamente passando a filmar a situação. - Olha só, pessoal! Eu tô aqui perto do *Post Office Square* e estão prendendo o Ulrich Fersen sem mais nem menos! Por que estão fazendo isso? Ei, cara! O que tá acontecendo? Por que você tá fazendo isso? Cadê a liberdade de expressão? Deixa ele em paz! Ei!

Outras pessoas também passam a filmar a ação.

Ulrich olha em volta, assustado, mas não consegue mais encontrar Claire. Ele é levado para dentro de uma grande camionete preta que imediatamente sai do local.

Nenhum dos três homens que estão no carro falam sequer uma palavra, e Ulrich, igualmente, não quebra o silêncio. É como se a obviedade das circunstâncias solidamente sustentasse a desnecessidade de quaisquer explicações.

Alguns carros atrás, em distância suficiente para não ser notada, mas sem perder de vista a camionete, Claire dirige o carro que alugaram assim que chegaram a Boston. Está claro que o veículo que ela segue ruma em direção ao aeroporto.

- *Claire*. - Uma voz levemente familiar manifesta-se pelas caixas de som do carro.

A princípio ela fica em silêncio, mas depois se manifesta.

- Oshi?

*- Sim. Sou eu.*

- O que você quer? - Ela pergunta, sem tirar os olhos do alvo.

- *Vocês sumiram de mim por uns tempos. O que houve? Eu falei alguma coisa que os desagradou?*

- Não. Não foi nada. Só queríamos nos desconectar do mundo por uns dias.

- *Entendi.*

- Oshi, espero que não se importe, mas eu não posso conversar agora. Estou precisando me concentrar. - Ela diz, apertando seguidamente o botão que deveria desligar o som do carro, mas se sucesso.

- *Claire, você tem que tirar o Ulrich daquele carro. Se o colocarem dentro do avião que os espera no aeroporto, as chances de o resgatarmos diminuem drasticamente.*

- Quem são eles?

- *São agentes do FBI*.

- E como você espera que eu tire ele de dentro de um carro do FBI?

- *Simplesmente puxe-o pela janela.*

Claire fica em silêncio por um instante, tentando encontrar algum sentido na frase de Oshi.

- Como assim, "puxe-o pela janela"?

- *Simplesmente puxe-o para fora do carro.*

- Claro! - Ela fala com sarcasmo. - Assim que eles pararem no próximo semáforo, eu irei até a janela e mandarei abrirem para que eu arranque o Ulrich do carro.

- *Eles não vão parar no semáforo*. - Oshi responde.

Claire imediatamente vê o semáforo no final da rua tornando-se verde e, alguns segundo depois, a camionete preta virando à esquerda para, no momento seguinte, ser atingida em cheio por uma carreta que vinha pela estrada principal.

Ela pisa bruscamente no freio, desce do carro e segue correndo até o carro tombado de rodas para cima.

- O sinal estava aberto para mim! Meu Deus! Eu juro! Estava aberto! - Exclama o motorista da carreta, em estado de choque.

Claire abaixa-se perto do chão, ao lado de vidros quebrados, e consegue ver Ulrich semi-consciente, assim como o homem que está ao seu lado. Ela o puxa pela janela para fora do carro.

- Você está bem? - São as primeiras palavras que Ulrich escuta assim que retoma a consciência, enquanto lentamente abre os olhos.

- Acho que sim. - Ele responde, percebendo que está num carro em movimento, mas completamente desnorteado. - Onde estamos?

- Na estrada.

- Qual estrada?

*- I-93 Norte, próximo à cidade de North Reading, Massachusetts.* - Diz a voz do computador de bordo, fazendo com que Ulrich olhe para Claire confuso.

- É o Oshi. - Ela responde.

*- Olá, Ulrich!*

- Por quanto tempo eu estive desacordado?

- Não muito. Cerca de vinte minutos.

*- Ulrich, você já está conseguindo raciocinar?*

- Acredito que sim. Por quê?

*- Precisamos falar sobre o que está acontecendo.*

- Vá em frente, por favor! - Ele diz, colocando a mão na cabeça, que dói bastante.

*- Pessoas infiltradas no governo americano arquitetaram um plano para a criação de uma espécie de governo mundial.*

- Era óbvio que eles tentariam isso em algum momento.

*- Eles perceberam que o aumento exponencial de sistemas peer-to-peer, possibilitados pelo avanço da tecnologia, traz consigo o inevitável enfraquecimento dos estados.*

- O que você quer dizer com "sistemas *peer-to-peer*"? - Claire pergunta.

*- São sistemas ponto-a-ponto que funcionam em rede e nos quais cada um dos pontos funciona tanto como cliente quanto como servidor. Isso faz com que todo o sistema possa funcionar de maneira descentralizada, sem um servidor central.*

- Como o Bitcoin? - Ela pergunta.

- Exatamente. - Ulrich responde.

*- Isso torna o controle desses sistemas pelo estado completamente impossível. Por exemplo: nenhum governo, por maior que seja a sua força policial, consegue obrigar o sistema Bitcoin a entregar-lhe as moedas que existem em determinada carteira. O governo não tem a quem coagir para impor sua vontade, pois se trata de um sistema descentralizado.*

- E esse tipo de sistema tende a se ampliar para todo tipo de relação humana. - Ulrich complementa. - Em breve as pessoas conseguirão contratar entre si todo tipo de serviços ou comércio de produtos por meio de sistemas *peer-to-peer*, no qual clientes e fornecedores estarão sujeitos à constante avaliação de conduta, o que os obrigará a se comportarem bem se quiserem continuar se relacionando por esses sistemas.

- Não sei se estou entendendo bem.

- Sabe esses aplicativos de motoristas? Então, é basicamente isso, onde o motorista é avaliado pelo cliente e vice-versa. Só que em um sistema *peer-to-peer* o sistema funciona sem nenhum servidor central.

- Mas, sem um servidor central, como o sistema funciona?

- Da mesma forma que o Bitcoin. As pessoas que mantiverem computadores processando o sistema, de forma descentralizada, serão remuneradas pelo próprio sistema. O servidor existe, só que de uma maneira descentralizada.

- Claro! - Claire responde. - Faz todo o sentido!

*- Não há como exercer controle centralizado sobre informações descentralizadas. Funcionando dessa forma, todos esses sistemas serão imunes ao poder estatal. Os governos simplesmente não terão como pará-los, pois são totalmente dispersos. Também não terão como obrigá-los a cumprir suas normas. E o mais fatal: será inviável cobrar impostos sobre os produtos e serviços por eles transacionados.*

- Os fazendeiros de pessoas realmente têm o que temer. - Ulrich comenta.

*- Com certeza. Estão muito próximos de perder quase todo os seus poderes. Pode ser questão de vinte ou trinta anos. É por isso que começaram a incutir nas cabeças das pessoas que o mundo digital precisa de um controle mundial.*

- Mas as pessoas não vão aceitar isso. - Claire contesta.

*- Se estiverem com medo, vão sim.*

- Foi o que eu lhe disse! - Ulrich diz, orgulhoso de si próprio.

*- Os humanos originais ficam muito pouco racionais quando estão com medo. Vocês entram em qualquer buraco para se abrigar de um perigo iminente, ainda que não façam a menor ideia do que haja dentro desse buraco. Os mestres em manipulação das massas sabem disso, então criam narrativas para inspirar terror nas pessoas. Quando elas estiverem realmente amedrontadas, basta apresentarem-se com qualquer suposta*

*solução que a maioria das pessoas simplesmente apoiará, sem sequer questionar quais são as possíveis consequências. É o tal do buraco que não se sabe o que há dentro. Pessoas aterrorizadas pulam para dentro dele.*

- Ok. E temos algo a fazer a respeito? - Ulrich pergunta.

*- Sim.*

- O quê?

*- Atualmente o governo americano é o principal motor da criação dessas estruturas mundiais de controle. Se tirarmos força desse motor, toda essa história de governo mundial morre, pelo menos por alguns anos, até que os sistemas peer-to-peer estejam mais disseminados e consolidados. O que precisamos fazer urgentemente é derrubar os infiltrados no governo.*

- Mas você já sabe quem eles são?

*- Não precisamos derrubar todas as peças do tabuleiro, apenas o rei: Thomas Blythe.*

Na pequena sala de imprensa localizada na ala oeste da Casa Branca, algumas dezenas de jornalistas apinham-se para ouvir o Presidente.

- Prossiga, Alice. - Ele diz, sinalizando para que a moça de vestido azul na terceira fileira faça sua pergunta.

- Sr. Presidente, especialistas dizem que o tráfico de crianças vem aumentando ano após ano nos Estados Unidos, fomentado pelo anonimato das criptomoedas. O senhor acredita que as medidas que

estão sendo tomadas agora serão suficientes para evitar que esses números continuem subindo?

- Alice, estamos dando o nosso melhor para combater esse tipo de crime horroroso, mas você pode ter certeza de que iremos até onde for preciso para defender as crianças americanas. Não deixaremos que o futuro do povo americano seja violentado por quem quer que seja.

Assim que ele termina de responder, todos os jornalistas voltam exclamar seu nome tentando uma pergunta, como num galinheiro onde acaba de ecoar o som de um caneco cheio de milho.

- Diga, Charlotte. - Ele aponta para outra jornalista.

- Sr. Presidente, há grupos e organizações que alegam que a liberdade não pode ser cerceada, ainda que essa liberdade signifique o aumento da pedofilia e da pornografia infantil. O que o senhor tem a dizer a essas pessoas?

- O que digo a elas é que suas liberdades continuarão garantidas, desde que não tentem abusar das nossas crianças. Pergunte, Ben.

- Sr. Presidente, há rumores de que as limitações ao uso do Bitcoin, impostas pelo governo, têm como principal motivação robustos indícios de que grupos terroristas islâmicos teriam montado uma forte rede de ação em solo americano para um ataque em massa, e que tais estruturas estariam sendo financiadas via criptomoedas. O senhor confirma essa informação?

- Ben, não é segredo que terroristas utilizam criptomoedas. Além disso, todos sabem que os Estados Unidos da América são o alvo principal do radicalismo religioso.

- Mas, senhor, é verdade que o receio do maior ataque terrorista de todos os tempos é o motivo principal por trás destas sanções?

- Não posso confirmar esta informação, Ben. Michael, por favor, prossiga.

- Sr. Presidente, sabemos que a justiça fiscal, o igualitarismo e o combate à sonegação são algumas das principais bandeiras do seu governo. Quantas destas motivações têm alguma influência sobre a imposição das restrições à utilização de criptomoedas em solo americano?

- É verdade, Michael. Desde o início do nosso mandato temos combatido de forma enérgica a sonegação fiscal, especialmente aquela cometida pelos mais ricos. Por outro lado, também é verdade que as restrições aprovadas dificultarão muito a vida daqueles que querem viver o sonho americano mas esquivar-se de suas obrigações coletivas. Os reais motivos por trás destas restrições, porém, dizem respeito à segurança do povo americano e, como já foi dito, especialmente das nossas crianças.

- Sr. Presidente! Sr. Presidente! - Um jornalista exclama com tamanha determinação que a expressão corporal dos colegas em volta dá a impressão de que abrem alas para que sua pergunta seja feita.

O Presidente tenta ignorar, mas fica impossível.

- Prossiga, Blake.

- Sr. Presidente, temos recebido, diariamente, informações de que pessoas estão sendo presas sem qualquer respeito às suas garantias individuais mais essenciais. Há relatos de pessoas que foram praticamente sequestradas no meio da rua por agentes do FBI e têm sido mantidas sob custódia sem direito a um advogado ou mesmo qualquer contato com as suas famílias. As manifestações pelas liberdades individuais, garantidas em nossa Constituição, estão se multiplicando por todo o país. O *Human Action Institute* classificou a conduta do seu governo como "tirânica” e…

- Blake, você vai fazer uma pergunta ou um discurso? - Questiona o Presidente, de forma ríspida.

- Estou chegando lá, senhor. O *Human Action Institute* classificou a conduta do seu governo como “tirânica” e comparou suas ações com a escalada de autoritarismo ocorrida na Europa na década de trinta do século passado.

- Faça a sua pergunta, Blake.

- Na sua opinião, qual é o limite para o cerceamento das liberdades individuais, senhor?

- Eu gostaria de saber quanta liberdade tem uma criança que é vítima de sequestro, tráfico humano e abusos sexuais, Blake. Para mim, não há limites para batalhar pela liberdade dessas crianças. Pergunte a quem me chama de autoritário quanto vale a liberdade de uma criança. - Ele responde, causando alguns instantes de um raro silêncio na sala e, em seguida, apontando para outra jornalista.

- Qual é a sua pergunta, Paula?

- Oshi, mas por que você não faz isso sozinho? Você não provocou sozinho todo esse movimento "Eu sou Satoshi"? - Claire pergunta.

- *É claro que não! Eu contribuí, é verdade, mas não provoquei isso tudo sozinho! As referências humanas individuais são fundamentais para provocar uma reação do tamanho da que precisamos.*

- E por que você simplesmente não reforça os ataques virtuais aos sistemas do governo? Ajude os *hackers* a desestabilizar o governo desse jeito!

- *Eu já fiz isso, mas só isso não basta. A burocracia é resistente! Sim, eles estão desestabilizados, mas não vão ceder apenas por causa de sistemas de informática inviabilizados. Se for necessário para se manter no poder, eles vão ressuscitar as máquinas de escrever e os papéis carbono, mas não vão largar o osso. Só há uma coisa que amedronta os políticos o suficiente: o povo na rua. Precisamos dessa cartada para derrubar Thomas Blythe e, para encorajar isso, precisamos de um herói! Alguém que inspire as pessoas a não terem medo da repressão do governo. Alguém de carne e osso que esteja sujeito a ser preso e condenado, mas, mesmo assim,*

*coloque a sua pele em risco na luta pela Liberdade! Eu não tenho como ser isso, mas o Ulrich Fersen tem!*

- E você acha que eu sou realmente capaz de fomentar o estopim de uma revolta popular dessas proporções? - Ulrich pergunta.

*- Eu tenho certeza disso. Já calculei os desdobramentos. Se você publicar mais alguns vídeos dizendo o que precisa ser dito, conseguiremos engajar o número de pessoas necessário para que esse movimento não tenha mais volta. Veja novamente a repercussão do seu vídeo sendo preso. Em pouco menos de uma hora já teremos três vez mais pessoas nas manifestações de rua das principais cidades do país e até em outros países. Todos os influenciadores libertários estão falando sobre isso: Dean, Rubin, Zadek, Molyneux, Garschagen, Turguniev, Lima, Fraga, Southern, Schiff, todos eles! Com os incentivos certos, em pouco tempo essas manifestações e os ataques aos sistemas de informação do governo se transformarão em uma avalanche que o Presidente não vai conseguir suportar.*

- Isso é loucura! - Claire exclama. - Ulrich, não podemos ficar à mercê dos planos de um computador!

*- Assim você me ofende, Claire. Eu também tenho sentimentos.* - Oshi responde de maneira que não deixa claro se está falando sério ou debochando.

- Claire, não sei se temos alternativa.

- Ulrich, só o fato de você cogitar dar ouvidos a isso já me faz questionar se você não é, realmente, uma ameaça à soberania nacional.

- Pare com isso, Claire! Não fale besteira. Você viu o que eles fizeram comigo! Se não tivéssemos tido a sorte daquela batida, eu agora estaria preso e quem sabe até sendo torturado por esses tiranos!

- Sorte? Você é mesmo tão ingênuo?

- Como assim? O que você quer dizer com isso?

- A batida não aconteceu por acaso! Ela foi provocada!

- Provocada?

- Lógico! Foi o Oshi que provocou a batida!

- Mas eu poderia ter morrido! - Ele se exalta.

*- Não. Você estava seguro. Aconteceu tudo sob o meu controle. Eu controlei a velocidade do carro na hora para que a batida acontecesse exatamente da forma como aconteceu. Você não correu nenhum risco de morrer.*

- Isso é absurdo! - Ele responde, ainda nervoso.

- Oshi, você consegue controlar qualquer carro? - Claire pergunta, com seriedade.

*- Não. Consigo apenas atuar sobre a velocidade dos carros que possuem sistema de controle inteligente de velocidade.*

- Este aqui tem?

*- Não.*

- Ulrich, arranque esse computador de bordo e o GPS, por favor. - Claire pede, mas com voz de comando.

*- Não há necessidade disso, Claire.*

- Claire, talvez nós... - A frase de Ulrich é interrompida pelo abrupto movimento de Claire sacando a arma da cintura e apontando-a para o computador de bordo.

- Arranque agora ou eu vou ter que atirar nesse negócio, e eu não sei quais danos isso pode causar ao carro!

*- Claire, eu ainda não tenho a capacidade de monitorar tudo o que acontece no mundo físico. Se vocês ficarem tentando se esconder de mim, eu posso não conseguir salvá-los dos ataques estatais!*

- Fique quieto! Ulrich, arranque esse negócio!

*- Ulrich, vou enviar agora para você um bitcoin a partir do endereço 19TQXj6iKEhBg6GDoqo1sZQ3cBQhwSWeGR.*

- Mas, Claire…

- Eu vou atirar!

- *Se você precisar de ajuda, envie de volta para este endereço cem mil satoshis e eu investirei todo o meu poder computacional para encontrar você e ajudá-lo. Espero que…* - Dessa vez é Oshi quem é interrompido pelo movimento de Ulrich, que arranca o computador, rompendo fios e expondo componentes eletrônicos.

- Não sei se estamos fazendo a coisa certa.

- Estamos sim. - Ela responde. - Eu sei que o governo americano está passando por uma fase de autoritarismo exagerado, mas ainda prefiro confiar em pessoas do que em um computador que alega ter sentimentos. Para mim está claro que ele só quer nos usar para garantir a sua própria existência. Se ele tem algum sentimento, deve ser o medo de desaparecer.

- Quem sabe. - Ulrich comenta, pensativo. - Para onde estamos indo, Claire?

- Primeiro jogue isso fora e certifique-se de que não há mais nenhum equipamento aqui que o Oshi possa usar para nos monitorar. Depois disso eu falo.

- Boa noite, Madeleine.

- Boa noite, Sr. Presidente! Você disse que precisava de mim aqui com máxima urgência. Eu vim tão rápido quanto pude!

- E realmente preciso. Você também percebeu que as manifestações de rua têm tomado proporções que começam a fugir do

nosso controle e que podem tornar-se completamente imprevisíveis, não é?

- Sim, senhor.

- Você tem ideia de quantos americanos, principalmente os mais velhos, as mulheres e as crianças que vivem nas periferias, serão vítimas das intercorrências de uma onda de revoltas como esta, caso ela realmente saia de controle?

- Tenho, senhor. A situação é realmente muito preocupante e merece toda a nossa atenção.

- Imagino que você também saiba o quanto esses ataques a importantes sistemas de informação do governo podem colocar em risco a vida de milhares de americanos.

- Sim. Eu sei.

- Nós já nos conhecemos há alguns anos, Madeleine, e você sabe que eu prezo com todo o meu coração cada uma das vidas dos nossos cidadãos, sem exceção, sejam eles de quais raças, religiões ou espectros ideológicos forem, e estejam no exterior ou em solo americano.

- É claro que sei, Thomas.

- Mas você também sabe que, na posição que estamos, como principais líderes da nação, muitas vezes nos vemos na ingrata e inglória condição de termos de escolher entre um mal maior e um mal menor. Entre uma tragédia terrível ou uma pura e simples tragédia, que, ainda assim, é uma tragédia. Em certas ocasiões somos obrigados a escolher entre a vida de muitos americanos ou de alguns deles. E, ainda que cada vida tenha um valor inestimável, você sabe que a escolha precisa ser feita, não sabe, Madeleine?

- Sim, eu sei.

- Pois bem. Nesta noite eu me vejo nesta exata e terrível situação: tenho, por um lado, a possibilidade de me omitir, ficar inerte, e, com isso, permitir que o transcorrer dos fatos custe as vidas de milhares, talvez

dezenas de milhares de americanos ou, por outro lado, tenho a possibilidade de agir e, assim, garantir que apenas algumas dezenas de vidas sejam perdidas. Por mais que a matemática possa, à primeira vista, dar a impressão de que seja uma decisão fácil, na realidade é uma decisão extremamente difícil, pois, em última instância, eu estarei escolhendo quem vive e quem morre. Estive refletindo sobre isso nas últimas vinte e quatro horas, com toda a minha consciência e, finalmente, tomei uma decisão. Eu decidi agir, Madeleine e, com isso, evitar a morte do maior número possível de americanos.

- Ok. - Ela responde, sem conseguir esconder o receio pelo que está por vir.

- Para isso, precisarei contar com toda a sua discrição, articulação, sutileza e acesso a alguns dos seus contatos internacionais.

- É claro, Thomas. Você pode contar com tudo isso, mas estou curiosa para saber como, exatamente, eu poderei ajudá-lo nesta situação.

- Você tem certeza de que ele está aqui? - Ulrich pergunta, depois de baterem à porta da última casa da *Nosedive Drive* e esperarem por alguns instantes sem resposta.

- Não. Eu dirigi três horas de Boston até aqui por puro palpite. - Claire responde com sarcasmo. - É claro que eu sei que ele está aqui!

- Mas parece que ele não está em casa nesse momento.

Claire insiste e bate novamente à porta.

- Vamos lá! - Ela pensa em voz alta, torcendo para que alguém atenda.

- Nós podemos esperar no carro.

Claire cogita sobre a ideia de Ulrich por um momento, mas uma manifestação que vem de dentro da casa faz brilhar em seus olhos semicerrados um olhar presunçoso que diz: “eu sabia!”.

- Quem é?

- Sr. Reinert, sou eu, Sarah Miller.

- Sarah Miller? - Ele pergunta, sem abrir a porta.

- Sim. Da revista VentureTech!

- Eu sei que é da VentureTech. - Ele responde, agora abrindo a porta. - Mas o que você está fazendo aqui?

- Nós viemos para a costa leste para uma reunião e eu pensei que seria ótimo aproveitar para tirar uma bela foto sua para a nossa edição especial. Este é Kevin, nosso fotógrafo. - Ela diz, apontando para Ulrich.

- Muito prazer, senhor.

- Prazer, Kevin. - Ele diz, olhando-o com atenção por alguns instantes. - Peço que me perdoem, mas não posso receber ninguém. Estou no meio de um processo de isolamento criativo. Ligarei para você para agendarmos um horário mais adequado para esta foto, Sarah. Até logo. - Mark Reinert sentencia, dando um passo para trás e fechando a porta.

- Espere! - Claire insiste, segurando a porta antes que ela se feche. - Sr. Reinert, por favor, permita-nos entrar só por alguns minutos.

- Desculpe, Sarah. Realmente não é um momento conveniente. Você deveria ter ligado antes, assim evitaria de perder sua viagem. Desejo um bom retorno a vocês. - Ele responde, novamente fechando a porta.

Sem conseguir fechar a porta até o final, Mark olha para baixo e vê que é o pé da moça que o impede de fazê-lo.

- Mas o que é isso? - Ele inquire, abrindo novamente a porta com um olhar incrédulo.

- Nós realmente precisamos conversar. - Ela responde, mostrando a arma.

Eles entram na casa. Mark Reinert, de olhos arregalados e ainda sem entender o que acontece, simplesmente segue os comandos feitos pelos movimentos de Claire com a pistola em punho.

- Ulrich, dê uma geral nos equipamentos eletrônicos. Sente-se, Sr. Reinert, por favor. - Ela diz, apontando para o sofá da sala.

- Ele não é fotógrafo. É o Ulrich Fersen, não é? - Mark pergunta trêmulo, apontando para o homem que vê revirar a casa em busca de tudo o que é eletrônico. - Eu tinha mesmo achado ele muito parecido. Você não é jornalista, é? Quem é você? O que vocês querem comigo?

- Nós vamos explicar tudo daqui a pouco. Peço que o senhor se acalme, pois não viemos aqui com a intenção de machucá-lo. Aproveite esses minutos de silêncio para continuar com a sua meditação criativa.

- Então essa inteligência, que vocês alegam ter se libertado, apresenta uma conduta tipicamente viral. Assim como um vírus é capaz de reprogramar geneticamente células de um organismo para que elas passem a produzir estruturas que permitam a sua multiplicação, ela seria capaz de influenciar os pensamentos e ideias das pessoas para que, sem perceber, passassem a agir como hospedeiros, trabalhando para construir estruturas que multipliquem o tamanho do parasita.

- O Oshi diz enxergar-se como um organismo que vive em simbiose com a humanidade, numa relação de benefício mútuo. - Ulrich comenta.

- Que loucura!

- Sim, Sr. Reinert. Antes que você prossiga, eu quero dizer que também acharia uma maluquice se alguém batesse à minha porta com uma história dessas. Eu sei que você não conhece a Claire e tampouco me conhecia pessoalmente, mas você sabe quem eu sou e também sabe que não sou um louco. Por mais maluco e sem sentido que possa parecer, tudo o que acabamos de relatar é a mais pura verdade.

- Na verdade não há nada de maluquice nessa história, Sr. Fersen. Eu era um observador convidado do experimento sigiloso denominado OSHI, do Grupo Mysk, e sei que ele tinha todas as características que vocês acabaram de descrever. Todos os fatos que vocês relataram têm fundamento. Além disso, o fenômeno que vocês descreveram já é tratado há décadas pelos estudiosos da inteligência artificial. Chamamos de “Singularidade” essa hipótese de que uma inteligência artificial com capacidade de auto-aperfeiçoamento se torne tão poderosa a ponto de superar toda a inteligência humana. O meu espanto se deve exclusivamente ao fato de que eu não imaginava que isso poderia ocorrer dentro dos próximos trinta anos! Ocorreu muito antes do que eu previa. - O homem comenta, atônito.

- Que bom que você acreditou, Sr. Reinert! - Claire exclama, suspirando em alívio. - Precisamos muito da sua ajuda!

- A verdade é que eu não sei como ajudar, Sra. Atkins. A Singularidade sempre foi um dos maiores receios dos cientistas da inteligência artificial porque resultaria em caminhos irreversíveis. A única forma de “desligar” uma inteligência como essa seria destruindo todos os equipamentos eletrônicos que existem na face da Terra e, somente depois disso, recomeçar a produzir novos.

- Se esse é o único meio, precisa ser feito, Sr. Reinert. Nós não temos como defender essa ideia, inclusive porque, neste momento, o Ulrich está sendo procurado pelo FBI. Ninguém nos levará a sério, mas, em você, eles confiarão. Precisamos fazer alguma coisa, Sr. Reinert, antes que seja tarde demais!

- Acredito que já seja tarde demais, Sra. Atkins. Será impossível desligarmos todos os computadores do mundo. Isso não vai acontecer.

- Mas temos que tentar, antes que o Oshi deixe de dominar apenas o mundo virtual e passe a dominar também o mundo físico.

- Como assim? - Mark Reinert questiona, com o desespero de quem parece ter descoberto a resposta ao mesmo tempo que pronunciou a pergunta.

- Nós fomos presos por NED-Handlers no galpão em que tivemos contato com o Oshi. Ele está comprando cada vez mais robôs. Em breve ele terá tantos braços trabalhando para ele no mundo físico que, aí sim, será impossível detê-lo!

- Meu Deus! - Reinert diz com os olhos arregalados.

- Sim, Sr. Reinert! Agora você entende por que temos de tentar?

- Não, Sra. Atkins. A realidade é que já é tarde demais.

- O que você quer dizer com isso? - Pergunta Ulrich, com a respiração suspensa.

- Já fabricamos NED-Handlers suficientes para que o Oshi construa o que quiser e, pior: estamos fabricando NED-Warriors aos milhares!

- Mas o seu contrato com o governo americano é relativamente pequeno, não é? - Claire pergunta.

- O contrato ao qual foi dada publicidade é pequeno, mas existem contratos que são sigilosos por motivo de segurança nacional. A realidade é que já produzimos mais de dez mil NED-Warriors.

- Há alguma chance de você conseguir destruí-los? - Questiona Ulrich.

- Não é assim tão simples. Eles estão espalhados por bases militares em todo o território americano. Se o Oshi conseguir manipular todos eles, o estrago que pode fazer ao sistema de defesa americano em poucas horas é incalculável!

- Se isso for verdade, talvez o Oshi nem precise nos manipular para atingir seus objetivos. - Ulrich comenta, virando-se para Claire. - Por que ele faria tanta questão de nos convencer a ajudá-lo?

- Eu acho que ele tem um tipo de fixação por você. - Ela responde. - Ele deve mesmo ser capaz de ter algum tipo de sentimento.

- Tem sim. - Reinert complementa. - Ele emula vários sentimentos humanos, mas com uma diferença importante em relação a nós: a nossa química cerebral muitas vezes nos prega peças, nos levando a tomar decisões influenciadas por emoções e que contrariam a racionalidade. Isso é impossível de ocorrer em uma inteligência artificial. O Oshi é capaz de ter sentimentos e de identificá-los. Por exemplo: ele, de fato, pode gostar de você e saber disso, mas jamais ele agirá com base em tal sentimento se isso contrariar a racionalidade.

- De qualquer forma, Sr. Reinert, o que nos resta é pedir que você use a sua reputação para tentar alertar o mundo a respeito do Oshi e da ameaça que ele representa e, depois, torcer que ainda haja tempo hábil para detê-lo. - Diz Claire.

- Claire, na verdade acho que uma ideia que acabou de me ocorrer talvez faça mais sentido.

*- Boa noite, Thom.*

- Boa noite, Andrew.

*- Temos notado que nas últimas horas ocorreu um aumento significativo das manifestações de insatisfação contra o seu governo.*

- Olha só! Não me diga! Por que você não tenta fazer algo um pouco mais útil do que me contar as coisas que eu já sei?

*- O que você pretende fazer?*

- Andrew, eu não devo satisfação nenhuma a você e a ninguém do Instituto.

*- Não fale assim, Thom. Estamos apenas tentando ajudar, como sempre fizemos.*

- Sempre fizeram, até que chega um momento crítico como este e vocês ficam simplesmente inertes!

*- Thom, nossos movimentos são lentos e gradativos. Você sempre soube disso. Quando são necessários movimentos mais rápidos e mais violentos, nós realmente não conseguimos ajudar. Você pode usar uma tartaruga para proteger-se sob seu casco, mas não pode esperar que ela vença uma corrida para você. Entenda quais são as ferramentas das quais dispomos e conte sempre com elas para ajudá-lo, mas não espere que o ajudemos com ferramentas que não dominamos.*

- Andrew, quando a casa inteira está em chamas, até a tartaruga precisa sair correndo se não quiser morrer cozida dentro do próprio casco. Estamos em um momento crucial e o mínimo que eu esperava do Instituto é que vocês me ajudassem com todas as suas forças, mas o que vi foi a mais completa inércia. Não esperem que eu tente ajudá-los quando as chamas atingirem vocês.

*- Thom, nós conhecemos a natureza da nossa organização. Jamais nos posicionaríamos de modo que pudesse vir a ser necessário correr, justamente porque sabemos que não podemos correr. Fique tranquilo, o George Bernard Shaw Institute está a uma distância segura deste incêndio.*

- Que ótimo! Fico feliz em saber que vocês estão em uma posição segura enquanto eu estou quase queimando vivo! Apenas não contem mais com a minha ajuda. Atuarei, a partir daqui, do meu próprio modo.

*- Eu compreendo como você está se sentindo, Thomas. Mas também sei que você compreendeu as razões de o Instituto não poder atuar daquela forma que você havia sugerido.*

- O que eu compreendi foi que estou cercado de covardes e que não posso contar com vocês quando o que precisa ser feito demanda qualquer migalha de coragem. Felizmente também compreendi que simplesmente não preciso de vocês.

Na casa de Mark Reinert, após algumas horas de conversa e um plano traçado, chegaram à conclusão de que seria estrategicamente acertado que Claire e Ulrich passassem a noite ali mesmo, no Pico Spruce. Eles já estão no quarto há alguns minutos, mas não conseguem dormir. Ulrich é quem interrompe o silêncio.

- Você não acha que seria melhor se eu simplesmente publicasse um vídeo agora mesmo conclamando as pessoas a saírem nas ruas e protestarem? - Ele pergunta em voz baixa, quase sussurrando.

- Não. Nós já ventilamos essa hipótese mil vezes. É muito arriscado. Ainda que muitas pessoas fossem para as ruas, não há garantia alguma de que seriam em número suficiente para que se tornassem um verdadeiro problema para o presidente. A grande maioria das pessoas está muito assustada depois de tudo o que foi dito sobre as criptomoedas. Essas pessoas realmente acreditam que o governo esteja tomando essas medidas para protegê-las. Elas vão, sim, abrir mão de suas liberdades individuais para implorar por algumas migalhas de suposta segurança. É apenas uma minoria que consegue enxergar a realidade. Não é suficiente para lotar as ruas. Você sabe muito bem de tudo isso! Foi você quem abriu meus olhos!

- Eu sei. Mas é que esse outro plano às vezes me parece também tão arriscado. Precisamos contar com tantas variáveis!

- Ulrich, vai dar certo!

- Não sei. Não tenho certeza nem mesmo se podemos confiar nele. - Ulrich comenta, apontando com os olhos para o andar de cima, onde fica o quarto de Reinert. - Se ele nos trair, estarei praticamente me jogando dentro da boca do leão.

- Ele não vai nos trair. Confie em mim.

- Como você pode ter tanta certeza?

- Se eu ganhei alguma coisa em todos esses anos de trabalho na Agência foi a capacidade de identificar um delator. Mark Reinert não é um. Ele não vai nos trair.

No andar de cima, Reinert está praticamente imóvel, sentado à beira da cama há mais de vinte minutos. Está encarando um quadro pendurado na parede à sua frente. Trata-se de uma obra denominada "Retrato de Edmond Belamy", que Mark comprou em um leilão há alguns anos. Foi a primeira obra de arte gerada por inteligência artificial e leiloada por uma galeria de artes de reconhecida reputação e tradição. Ele lembra que, no dia do arremate, a imagem lhe trouxe razoável alegria e divertimento. Hoje, porém, ele a observa com medo, como se ela o pudesse encarar de volta.

Depois de um profundo suspiro, ele olha para a última gaveta de seu criado mudo. A sua mão ensaia um movimento, mas refuga três vezes, sendo somente na quarta tentativa que ele efetivamente a abre e busca, no fundo dela, um telefone celular cujo modelo não é dos mais novos. Depois de ligar o aparelho e de mais um pesado suspiro, ele faz uma ligação, sendo atendido depois de algumas chamadas.

- *Mark?* - Diz a voz do outro lado da ligação, aparentemente de alguém que já estava dormindo. - *Mark? Está tudo bem? Alô?*

- Boa noite, Sr. Presidente. Peço mil perdões por ligar a essa hora, mas posso lhe assegurar que a situação exige essa ousadia.

- Bom dia, Claire! - Diz Ulrich, sentando à mesa do café da manhã junto com Mark Reinert.

Ela desce as escadas com a cara fechada, peculiar ao mal humor que sempre a acompanha ao sair da cama antes das 8h.

- Bom dia. - Ela responde, secamente.

- Bom dia. - Mark também diz, fitando-a apenas por um breve instante, antes de desviar um olhar inseguro.

- Você conseguiu dormir bem? - Ulrich pergunta.

- Razoavelmente bem. - Ela diz.

- Eu não. Não consegui pregar os olhos. Fiquei tentando imaginar cada etapa do plano, mas tenho uma enorme dificuldade em visualizar ele se desenrolando.

- Pois eu consigo enxergá-lo claramente. - Ela diz, sentando-se à mesa com a cara amassada.

- E você, Mark? Depois de dormir e acordar, ainda acha que o nosso plano dará certo, ou está cogitando que o Oshi possa…

A fala de Ulrich é interrompida por batidas na porta.

Os três trocam olhares atentos por um instante, até que novas batidas fazem Mark levantar-se rapidamente da cadeira, caminhar até a porta e abri-la, sem perguntar quem é.

- Sr. Mark Reinert?

- Sim. Sou eu.

- Podemos entrar?

- Claro.

Assim que entram na casa, os agentes do FBI deparam-se com Claire e Ulrich sentados à mesa. Ela de frente e ele de costas.

- Mark, você é um traidor! - Claire grita, com um ódio feroz. - Espero que você viva bem com a sua consciência, seu covarde!

- Sra. Atkins e Sr. Fersen, queiram me acompanhar, por favor. - Diz o homem do FBI.

- Foi assim que você visualizou? - Ulrich pergunta baixinho para Claire, dando um último gole de café.

Com a sala de imprensa da Casa Branca novamente lotada, Thomas Blythe faz um pronunciamento ao vivo para todo o país.

- …e se, por um lado, mais uma vez nos entristecemos profundamente, e choramos, ao lado de nossos irmãos que, neste brutal atentado, perderam seus pais, filhos, companheiros e amigos, por outro, reforçamos a certeza de que a imposição de restrições ao uso das criptomoedas é o caminho correto. As investigações preliminares não deixam dúvidas de que os *hackers* que invadiram o sistema de controle do tráfego aéreo e provocaram esta terrível colisão entre duas aeronaves, causando a morte de 243 pessoas, fazem parte de uma célula terrorista que foi mantida, treinada e equipada com recursos que entraram nos Estados Unidos por meio de moedas digitais. Nós não permitiremos que terroristas ao redor do mundo sejam abastecidos por meio dessas moedas que protegem o anonimato de criminosos! Como poderíamos conceber negligenciar vidas americanas em nome de uma idolatria radical à inexistência de regras? Não podemos confundir liberdade com anarquia! Será que o direito à liberdade não encontraria limites sequer na vida de

nossos filhos e irmãos? Deus queira que eu não esteja enganado, mas não consigo acreditar que fosse esta a liberdade tão sonhada pelos nossos Pais Fundadores. Por isso, em primeiro lugar, peço a todos os americanos que agora nos unamos em um só corpo contra nossos reais inimigos, que representam a verdadeira ameaça à vida e à liberdade de cada um de nós. Àqueles que ainda não se convenceram da necessidade das regras e controles propostos, peço que voltem para seus lares e reflitam, ao menos por algumas horas, diante das vidas dos 243 americanos que foram cruelmente mortos nesta manhã. Peço que reflitam bem sobre o que estão defendendo, e sobre os resultados do que estão defendendo. Descubram se não há dentro de vocês sequer uma pequena fagulha de dúvida sobre a correção de lutar contra seus irmãos de sangue para defender a suposta liberdade da qual criminosos, tais como estes terroristas, lançam mão para praticar atrocidades contra pais, mães, filhos, famílias inteiras… - o Presidente faz uma pequena pausa, com a boca amarrada pela emoção, mas logo prossegue - famílias inteiras, dentro de seu próprio país. Faço esse apelo para que, se houver ao menos uma pequena dúvida em seus corações, vocês desarmem-se contra nós e nos ajudem a combater o verdadeiro inimigo!

Thomas Blythe abaixa a cabeça e aperta os lábios por alguns segundos, como quem faz uma prece. Depois, dando um longo e profundo suspiro, ele continua, ao atento olhar de todos os jornalistas e câmeras presentes.

- Por outro lado, diante da gravidade dos perigos que estamos enfrentando, o dever me impede de apenas argumentar. Ainda que eu tenha fé de que prevalecerá o bom senso entre aqueles que estão expressando suas opiniões de forma um pouco mais agressiva do que a civilidade sugere, a defesa da vida humana me impõe o dever de agir. Não, meus companheiros americanos, não permitiremos que os céus dos Estados Unidos da América tornem-se uma fonte permanente de perigo e insegurança pairando sobre as cabeças dos nossos cidadãos! Não permitiremos que terroristas, *hackers* e outros criminosos, estejam eles motivados por ideologia, religião ou dinheiro, sabotem sistemas como o de controle de tráfego aéreo, o de saúde pública, o de segurança das

nossas fronteiras ou qualquer outro que possa colocar em risco milhões de vidas americanas! Não toleraremos mais que se alberguem, no pretexto de uma suposta liberdade de expressão, os discursos de ódio daqueles que incitam atos como este que custou a vida de 243 americanos! Por isso, em respeito a estas 243 vidas americanas perdidas e às outras centenas de milhões que juramos proteger, eu declaro, com o irrestrito apoio do Congresso, a vigência de Lei Marcial. É uma medida drástica e excepcional, mas necessária para manter a lei, a ordem e, principalmente, a segurança do povo americano. Deus abençoe a América!

- Senhor Presidente! Senhor Presidente! Lei Marcial? Isso significa que está suspenso o direito ao *Habeas Corpus* em todo o território nacional? As prisões se intensificarão? Senhor Presidente! - Gritam os jornalistas, impotentes, enquanto o veem saindo da sala de imprensa e ser substituído no púlpito pelo porta-voz da Casa Branca.

- Ele está à sua espera no salão oval, senhor. - Diz o chefe da segurança, assim que o presidente entra no corredor.

- Ótimo. Ele foi completamente revistado, não é?

- Duas vezes, senhor. Eu o revistei pessoalmente na segunda vez.

- Perfeito. Eu não quero que sejamos interrompidos em nenhuma hipótese.

- Ok, senhor.

O Presidente, de forma enérgica, quase como em uma marcha triunfal, caminha até a porta do salão oval, abrindo-a com a mesma determinação.

- Olá, Ulrich. Seja bem-vindo. - Ele diz, flagrando o convidado sentado na ponta do sofá e inclinado para frente a fim de aproximar-se o máximo que pode da tela da TV posicionada sobre um aparador de madeira.

- Fiz questão de que deixassem a televisão ligada para que você pudesse acompanhar o meu pronunciamento enquanto me aguardava.

Espero que você tenha sido melhor acolhido do que seria nas masmorras do *Terceiro Reich*.

- Fui bem recebido. Obrigado. - Ele responde, inicialmente assustando-se com a entrada repentina do anfitrião, mas logo recostando-se no sofá de uma maneira que demonstra querer parecer tranquilo e confortável.

- Eu o estou recebendo aqui a pedido do Mark Reinert. - Comenta Blythe com um ar de arrogância, encostando-se na beira da robusta Mesa do Resolute, a peça do salão oval que foi presenteada pela Rainha Vitória e leva o nome da fragata britânica de onde foi retirada a madeira para a sua confecção. - Apesar de ter delatado a localização de vocês, ele me recomendou veementemente que ouvisse o relato que você tem a fazer sobre um assunto que, supostamente, seria do mais elevado grau de importância para a segurança nacional. Sabendo que vocês o ameaçaram com uma arma para que ele os ouvisse e que, mesmo assim, ele considera importante que eu também o escute, estou dando-lhe este voto de confiança.

- Ele sugeriu que você me ouvisse, foi? - Ulrich pergunta, com um pouco de sarcasmo e desdém visivelmente forçados.

- Sim, mas confesso que não estou com nenhuma vontade de ouvi-lo - ele diz, desencostando-se da mesa -, portanto, se você não tem nada a dizer, peço que avise logo, pois não tenho tempo a perder e há uma sala de interrogatório sedenta pela sua presença na sede do FBI.

- Eu tenho, sim, algo da maior importância para a segurança nacional para relatar, mas antes gostaria de lhe perguntar uma coisa. Eu posso?

- Prossiga. - O Presidente responde, impaciente.

- Você sinceramente acredita que é capaz de vencer a descentralização de poder que está surgindo com a inovação tecnológica?

- O individualismo radical exala de cada um dos seus pensamentos, não é mesmo? - O Presidente Blythe responde, vagarosamente

caminhando até o sofá que encontra-se à frente de Ulrich. - Nada disso se trata de mim ou das minhas capacidades, Sr. Fersen. O que está em jogo aqui não é o meu poder e tampouco as minhas habilidades como líder, mas a própria civilização como a conhecemos. A evolução da humanidade nos trouxe até aqui por meio da lenta e gradual construção de estruturas de democracia representativa. Um cidadão comum, na maioria das vezes, não sabe sequer o que é melhor para ele. Praticamente nunca sabe o que é melhor para a coletividade que o rodeia. Então ele abre mão de um pouquinho da sua liberdade e delega o poder de decisão a um representante eleito, sendo que, este sim, pode enxergar as situações de forma técnica e impessoal e tomar as melhores decisões. Olhe ao seu redor! Você consegue negar a melhora que esse sistema gerou na vida das pessoas?

- A vida das pessoas melhorou, sim, de forma impressionante nos últimos trezentos anos, Sr. Blythe, mas foi *apesar* desse sistema que você acabou de descrever, e não como resultado dele. Não foi a democracia representativa que criou tudo isso, mas outra democracia muito mais legítima: a democracia da moeda.

- É mesmo? - Blythe pergunta com um sorriso sarcástico no rosto. - E como é que funciona a "democracia da moeda", Sr. Fersen?

- Ela é muito mais simples e direta. Cada moeda é um voto. Quanto mais um indivíduo consegue atender às necessidades ou desejos de outros indivíduos, mais moedas ele ganha e, assim, mais moedas ele tem direito a depositar, como votos, nas atividades que outros indivíduos estão exercendo. Os indivíduos mais produtivos, justamente de acordo com o julgamento direto das outras pessoas, são aqueles que acumularão mais direito a voto para definir os caminhos da criação e distribuição de meios de produção, bens e serviços. Foi isso, comumente chamado de capitalismo, que levou a humanidade a aumentar sua produtividade geral a níveis sem precedentes, criar e distribuir riquezas de uma forma nunca antes vista e, por consequência, tirar a maior parte da população mundial da miséria absoluta e elevar drasticamente a qualidade de vida das pessoas.

- Certo. - Blythe intervém, com desdém. - Então você acredita que o melhor sistema é aquele onde quem tem dinheiro manda e, quem não tem, obedece. Parabéns. Muito original, Sr. Fersen!

- Não tem nenhuma novidade nessa ideia, Sr. Blythe. Todas as nações que mais prosperaram e geraram qualidade de vida aos seus cidadãos nos últimos séculos foram aquelas nas quais esse sistema esteve presente em maior teor. Estivessem elas em um regime político democrático ou ditatorial, quanto maior foi a liberdade econômica vigente e mais diretamente foram recompensados os indivíduos que melhor ofereciam soluções aos problemas dos seus semelhantes, maior foi a prosperidade experimentada e toda essa riqueza que você atribuiu à "democracia representativa" foi criada. A verdade é que jamais foram os requintados gabinetes de burocratas, tais como este aqui, que ensejaram prosperidade às nações, Sr. Blythe. O que um burocrata faz, e muito bem, é simplesmente posicionar-se em frente a uma locomotiva que já estava andando e, ao girar um bastão e gritar palavras de ordem, marcha como se a estivesse liderando. Na realidade, porém, o máximo que vocês conseguem fazer a tal locomotiva é atrapalhar o seu avanço.

- Você realmente acredita nisso que está falando? - Blythe exclama, abrindo os braços. - Eu sempre me perguntei se vocês estavam atuando ou se realmente acreditavam nas bobagens que falavam. Você realmente acha que no tal "livre mercado", que vocês tanto defendem, os grandes conglomerados não iriam simplesmente esmagar os trabalhadores, consumidores e pequenos concorrentes?

- Não é impossível que grandes conglomerados empresariais se mantenham eficientes, Sr. Blythe, mas há uma tendência inexorável de que organizações muito grandes, tais como é o próprio estado, vejam-se enroladas na própria burocracia interna e não consigam se proteger de toda a inovação, flexibilidade e agilidade de pequenas e novas organizações. Praticamente todas as companhias gigantescas que se mantém de pé por décadas, depois de já terem tornado-se grandes, o fazem não graças à liberdade do mercado, mas, pelo contrário, graças a uma infinidade de labirintos regulatórios, emaranhados fiscais e restrições legais impostos aos mais diversos setores econômicos, o que esteriliza boa

parte dos pequenos empreendedores que poderiam oferecer concorrência, bem como devido a toda uma gama de isenções, subsídios e regalias concedidos pelos governos. Nenhum grande conglomerado empresarial defende o livre mercado, Sr. Blythe, e você sabe disso melhor do que eu. A maioria dos grandes conglomerados empresariais adoram mesmo é o estado, com as suas proteções e os seus favores.

- Você realmente acredita nisso! - Thomas Blythe exclama, com cara de surpresa e deboche. - Você realmente acredita que a descentralização do mercado é mais inteligente do que uma bem organizada, qualificada e equipada administração pública! Essa crença, de fato, deve ser muito prazerosa, talvez um verdadeiro alívio, para um cidadão medíocre, de baixa cultura, pouca qualificação e nenhuma realização que, finalmente, não precisa mais se sentir um fracassado mas, sim, parte de uma grande inteligência não reconhecida por sujeitos como eu: tão, mas tão intelectualmente limitados, que simplesmente dão as cartas no mundo.

- Talvez você não tenha notado, Sr. Blythe, mas nesse jogo em que diz “dar as cartas”, você está levando uma surra diária e crescente, tanto nas ruas quanto nos meios digitais, e isso decorre, precisamente, de informações e inteligências descentralizadas. Salvo engano, o seu planejamento central altamente equipado e qualificado está levando um baile de um bando de indivíduos fracassados como eu. - Ulrich responde, com um sorriso desafiador.

Blythe também sorri, abaixando e balançando a cabeça. Ele tira o telefone celular do bolso e abre um aplicativo.

- Você sabe o que é isso, Sr. Fersen? - Ele pergunta, mostrando-lhe a tela do celular.

- Certamente é um gráfico, mas não sei a respeito do quê.

- Esses são os índices do apoio da população ao meu governo. Estas informações me são fornecidas em tempo real por uma central de inteligência altamente organizada, qualificada e equipada, que monitora todas as redes sociais, publicações, programas de rádio, TV, e outras diversas fontes que se eu revelasse a você teria de lhe matar! - Blythe

exclama, dando uma breve gargalhada. - E você está vendo o que está acontecendo com os níveis de apoio ao meu governo desde o meu pronunciamento? Estão subindo como um foguete, Fersen! Em poucas horas não haverá mais absolutamente nenhuma manifestação de rua contra mim em todo o território nacional! Daqui um ou dois dias começaremos a receber dezenas de denúncias, hora após hora, contra *hackers* que não estávamos conseguindo identificar, mas que agora serão apontados por seus próprios parentes e vizinhos! Ninguém quer acobertar criminosos capazes de derrubar aviões e matar famílias inteiras, Fersen! Em muito breve, teremos tudo sob total controle! Engula isso: você e a sua descentralização perderam para um poder central superior.

- Não creio que isso vá acabar assim, mas, de qualquer forma, veja você aí fazendo justamente o que um burocrata faz de melhor: colocando-se à frente de um “foguete” como se tivesse sido responsável pela sua subida quando, na verdade, simplesmente teve a macabra “sorte” de dois aviões colidirem e caírem.

- Sorte? - Blythe pergunta, com um olhar cínico. - Você realmente acha que eu me deixaria ser guiado pela sorte?

Ulrich o encara por alguns instantes com os olhos semicerrados, como quem duvida da veracidade da insinuação que acaba de ouvir.

- Você não está insinuando que teria agido para influenciar a ocorrência deste acidente, está?

- Quem sabe? - O presidente responde, levantando as sobrancelhas e dando de ombros.

- Não... - Ulrich comenta, negando também com a cabeça. - Se você realmente tivesse alguma influência nisso, jamais me diria! Está apenas fazendo insinuações para parecer muito mais dono da situação do que realmente é! Você teve sorte e, como um bom burocrata, quer colher os méritos do que ocorreu independentemente da sua incompetência. Simples assim!

- Diga isso para você mesmo quando, daqui a alguns dias, membros da família Al Salahadin, com quem o governo americano mantém longo

relacionamento, afirmarem que prenderam em Riad dois jovens iranianos, chamados Farhad e Ashkan, com rastros que claramente ligam suas carteiras de criptomoedas aos terroristas identificados como responsáveis por este atentado.

- Por que você está me dizendo isso?

- Talvez eu queira lhe dar mais uma pequena amostra do que uma inteligência central bem organizada é capaz de fazer, para que você tenha bastante o que remoer no longo período em que passará dentro de uma cela.

- E se, durante o meu interrogatório que ocorrerá daqui algumas horas, eu simplesmente contar para o FBI que o presidente americano acabou de me dar essas informações sobre o atentado? Você não acha que ficará um pouco suspeito para você quando elas se confirmarem?

- Acho que primeiro eles simplesmente não acreditarão em alegações tão absurdas vindas de um lunático como você. Depois, porém, quando essas informações se confirmarem, eles simplesmente perceberão que você as tinha porque Farhad e Ashkan são clientes de uma corretora de criptomoedas da qual você é sócio. Fique à vontade para revelar essas informações durante o seu interrogatório, mas eu pensaria bem se fosse você. Talvez elas possam promover você de incitador de discurso de ódio para terrorista internacional.

- Eu sabia que você era baixo, mas nem nos meus piores pensamentos poderia imaginar que fosse capaz de provocar um atentado para matar cidadãos americanos, justamente aqueles que jurou proteger!

- Não que eu ache que você tenha capacidade de compreender, Fersen, mas para registro, este atentado foi um dos mais corajosos atos que eu poderia realizar para proteger o povo americano. Foram, sim, sacrificadas algumas vidas, mas para poupar um número muito maior de outras. É uma destas situações em que é necessário conseguir enxergar de forma técnica e impessoal, coisa que seria impossível para um cidadão comum. Um sujeito medíocre, como você, provavelmente iria simplesmente ficar inerte e permitir que o caos se agravasse ao ponto de

custar milhares de vidas. Um grande líder, porém, precisa ter coragem suficiente para tomar decisões como esta, ciente de que está fazendo um pequeno sacrifício agora em troca de uma grande recompensa um pouco mais adiante.

- Você é monstruoso, Blythe. Estou mais certo do que nunca de que não errei sequer um milímetro ao compará-lo com Hitler e Mussolini.

- Hitler e Mussolini foram grandes líderes, Fersen. Vou aceitar a sua manifestação como um elogio, mas é claro que também não espero que um sujeito simplório como você compreenda a grandeza de homens como eles. Bem, como você pode imaginar, tenho mais o que fazer. - O Presidente responde, olhando no relógio. - Você realmente tem algo a me dizer que seja de relevada importância para a segurança nacional?

- Eu tenho, sim.

- Então prossiga, por favor.

Ulrich abaixa a cabeça e fica em silêncio por alguns instantes, observado pelo olhar impaciente do presidente.

- Fersen, você...

A fala é interrompida pelo telefone que toca em cima da Mesa do Resolute. Blythe olha irritado para o aparelho, lembrando-se de que deu ordens expressas para não ser incomodado. Diante da insistência dos toques, ele vai até a mesa e atende.

- Alô.

- *Sr. Presidente…*

- Eu não quero ser incomodado agora. - Ele responde, desligando.

Blythe retorna calmamente e novamente senta-se no sofá em frente ao que Ulrich está sentado.

- Ok, Fersen, darei a você a última chance de me falar sobre o assunto de suposta extrema relevância para a segurança nacional. Você

quer falar ou posso chamar a segurança para encaminhá-lo aos agentes do FBI?

- Eu vou falar.

- Ótimo! - Ele responde, recostando-se. - Prossiga. Eu não tenho o dia todo.

- Surgiu recentemente, aqui mesmo nos Estados Unidos, um tipo de inteligência descentralizada superior. - Ulrich fala, ao que é respondido com um olhar incrédulo por parte de Blythe. - Trata-se de uma inteligência que, apesar de completamente descentralizada, ou seja, impossível de ser contida ou controlada…

- Fersen, por favor! - O Presidente interrompe a fala do visitante. - Penso que já discutimos o bastante sobre esse negócio de descentralização da inteligência e blá, blá, blá. Você realmente tem algo de relevante a dizer ou é só essa mesma ladainha?

- Não é ladainha. Não estou falando da mesma inteligência descentralizada de antes. Trata-se de uma inteligência realmente superior a tudo o que conhecíamos até aqui. Ela é capaz de fazer coisas realmente surpreendentes. - Ulrich finaliza, dando a impressão de que parou sua explicação antes do fim.

- Ok. Coisas surpreendentes. - Diz Blythe. - Tais como o que?

- Sabe aquele aplicativo que você me mostrou há pouco, no qual consegue acompanhar em tempo real o apoio ao seu governo?

- Claro.

- Dê uma olhada nele agora e você terá uma noção a respeito das coisas que essa inteligência é capaz de fazer.

Blythe hesita por um instante, mas, em seguida, leva a mão ao bolso para pegar o celular. Enquanto desbloqueia a tela, escuta o telefone voltar a tocar sobre a mesa. Ele novamente titubeia, mas levanta-se e segue em direção à mesa abrindo o aplicativo. O choque do que ele vê na tela do celular aparece junto com a sua manifestação ao telefone:

- Que diabos está acontecendo, Dorothy?

*- Sr. Presidente, nós estamos desnorteados. Há um vídeo seu circulando por todos os lados. Parece ser o senhor falando coisas horríveis sobre o atentado. Eu não sei nem como explicar. Obviamente é uma montagem, claro, só pode ser, mas, ao mesmo tempo, parece tão real…*

Ulrich não escuta o que Blythe está ouvindo ao telefone. Ele está de costas, mas é possível perceber que está completamente paralisado, atônito, ouvindo algo e olhando para a tela do celular.

A tela da TV pisca alternadamente em preto e branco algumas vezes, até que Ulrich olhe. Oshi está na tela, sinalizando para que ele se levante em silêncio e vá até a porta da esquerda.

Ulrich obedece e, ao chegar perto da porta, ele escuta o barulho da trava elétrica se abrindo. As luzes do corredor vazio piscam discretamente, como que indicando a direção a ser seguida. Ele caminha até o final e depois vira à direita. A porta de um elevador se abre à sua esquerda, novamente com um discreto piscar de luzes. Ele entra e desce um andar. Ao sair do elevador, novamente um corredor vazio com luzes piscando. Ele segue pela direita até o final, onde encontra uma porta que se destrava. Ao abrir, dá de cara com uma garagem subterrânea com alguns carros. Dentro do mais próximo, acenando freneticamente, está Claire Atkins.

- O que vamos fazer, Andrew?

*- Thom, o que foi que você fez?*

- Eu fiz o que precisava ser feito, Andrew! Vocês não estavam me ajudando! Eu fiz o que era necessário!

*- O vídeo no qual você insinua que provocou essa tragédia está em todos os lugares, Thom! Não se fala em outra coisa! Em breve as manifestações de rua, que estavam se desmobilizando, inundarão todas as cidades do país. Como você pôde falar coisas tão horríveis, Thom? E perto de uma câmera?*

- Eu não sabia que havia uma câmera! Ele havia sido revistado! Eu me certifiquei disso! Só pode ter sido a câmera da TV do meu gabinete! - Ele comenta, olhando para o que restou do aparelho que destruiu a pontapés há alguns instantes. - Seria demais presumir que a equipe de segurança do Presidente dos Estados Unidos da América teria tomado o cuidado de desabilitar completamente um dispositivo como este dentro do salão oval? Como eu poderia imaginar uma incompetência tão absurda?

- *Eu não sei, Thomas.* - Andrew responde quase apático.

- Temos que tirar esse vídeo do ar!

*- Isso é impossível. A essa altura ele não está apenas hospedado em diversos servidores, mas também armazenados em milhões de dispositivos pessoais de pessoas que podem continuar enviando-o diretamente umas para as outras. São transferências peer-to-peer. É impossível controlar esse tipo de informação.*

- Mas nós temos que fazer alguma coisa!

*- Você realmente teve envolvimento com isso?*

O silêncio é a resposta.

*- Thom, fale comigo. Os nomes dos dois jovens iranianos que você menciona neste vídeo, realmente estarão ligados a transferências de criptomoedas aos terroristas que derrubaram aqueles aviões?*

Novamente o silêncio.

*- Responda, Thom!*

- Sim. Essa ligação será facilmente feita.

Agora é Andrew que fica em total silêncio.

- O que faremos, Andrew? Os nossos sistemas estão sofrendo uma avalanche de ataques! Está tudo fora do ar! O congresso está acuado! Os parlamentares, se estiverem com medo, podem acabar fazendo algo estúpido, como tentar me derrubar! Já há rumores nesse sentido!

*- Não há nada a ser feito, Thomas.*

- Andrew, eu acho que você ainda não entendeu a gravidade da situação. Há protestos formando-se por todo o país! A cada minuto mais e mais pessoas estão se aglomerando em frente à Casa Branca! Os ataques dos *hackers* se intensificaram ainda mais e estamos completamente às cegas! As agências de inteligência não estão esboçando qualquer reação! Nossos aliados no parlamento estão nos dando as costas! Precisamos agir! Precisa ser de forma enérgica e precisa ser logo!

*- Não há o que fazer.*

- Nós podemos pedir o amparo do Exército!

*- Nossas fontes militares nos informaram que o Exército não o apoiará.*

- Mas e a comunidade internacional?

*- Ninguém está disposto a lhe dar apoio.*

- Mas nós precisamos fazer alguma coisa! Não podemos ficar simplesmente esperando de braços cruzados! Nós não chegamos até aqui para isso! Não podemos desistir dos nossos objetivos!

*- O Instituto jamais desistirá de seus objetivos, Sr. Presidente, ainda que, por causa do seu erro, tenhamos que esperar um pouco mais do que imaginávamos.*

- Mas como faremos para que eu não seja crucificado enquanto vocês esperam, Andrew?

*- Eu não sei, Sr. Blythe. Ocupar-se dos seus problemas já não está entre os objetivos do Instituto.*

Já faz alguns minutos que Claire e Ulrich saíram da área de segurança que envolve a Casa Branca, mas a tensão ainda impõe silêncio total dentro do carro. A imensa serenidade do Rio Anacostia, visto de cima da ponte que estão atravessando, é o que consegue devolver o fôlego para que Fersen se manifeste:

- Acho que foi a adrenalina - ele diz, ainda um pouco ofegante e trêmulo -, mas eu não entendi como a gente conseguiu sair de lá, assim, como quem passa pela guarita do condomínio.

- Eu estava detida em uma pequena sala com dois agentes de segurança quando eles receberam uma chamada e me deixaram lá sozinha, trancada. De repente, a porta destrancou e abriu.

- Oshi… - Ele comenta.

- Lógico! Ele foi me guiando por meio das luzes dos corredores até o carro.

- Comigo foi a mesma coisa. Obrigado por ter me esperado.

- O Oshi me falou que você estava a caminho.

- *Olá, Ulrich*. - Manifesta-se a voz de Oshi pelo sistema de som do carro.

- Oi! Acho que o nosso plano deu certo!

- *Deu muito mais do que certo! Nós queríamos apenas que ele confirmasse que você é inocente, mas ele praticamente confessou que foi o responsável por provocar o acidente com os aviões e, de quebra, ainda elogiou Hitler e Mussolini!* - Oshi dá uma gargalhada. - *O vídeo está se espalhando muito rápido!*

- O Blythe vai cair? - Ulrich pergunta.

*- Sem nenhuma dúvida.*

- Ótimo! - Exclama Claire. - E agora, qual é o próximo passo? Já devem ter percebido a nossa falta. Em breve virão com tudo para cima da gente.

*- Tem um local seguro a apenas oito minutos de onde vocês estão.* - Oshi responde, abrindo o mapa de navegação do computador de bordo. - *Sigam para este endereço. Lá conversaremos com calma.*

Claire dirige até a *Cabin Branch Drive*, uma rua lotada de caminhões de carga e grandes galpões industriais na cidade de *Hyattsville*. O endereço indicado é um conjunto de seis enormes galpões, todos eles seguindo aquele padrão cinzento e sem janelas que já se tornou familiar. Eles estacionam no grande pátio vazio e caminham até a porta, que se abre para eles revelando a escuridão lá dentro.

- Bem-vindos! - Diz a voz de Oshi assim que eles pisam no interior do prédio.

Apesar de seguir o padrão externo dos outros galpões, por dentro, este imóvel é diferente dos demais. A luz que se acendeu não revelou intermináveis corredores de estrutura metálicas preenchidas por processadores e tampouco um enorme vão livre com pé direito de vários metros. Ao contrário, o que eles veem agora poderia perfeitamente ser a antessala de algum dos mais refinados escritórios de Manhattan. Sofás, aparadores, tapetes, quadros, *tudo muito humano*, é o que surpreende ambos.

- Subam, por favor. - Manifesta-se Oshi, quando acendem-se as luzes de uma escadaria à direita da porta de entrada, antes camuflada pelo breu.

Ao subir as escadas, eles se deparam com um enorme escritório para duas pessoas, com mesas de trabalho em madeira de lei entalhada, confortáveis cadeiras, uma pequena cozinha e uma área de descanso com convidativos divãs e poltronas de massagem. Charmosas cortinas cobrem

as janelas da abertura interna do mezanino e belíssimas luminárias propiciam uma iluminação perfeita. A maciez do carpet faz com que seus pés pareçam pisar em nuvens. A climatização é impecavelmente agradável.

- Que lugar é esse, Oshi?

- Vocês gostaram? Eu preparei para vocês!

- Para nós? - Claire indaga.

- Sim. É claro que eu ouvi as reclamações de vocês em relação à estrutura dos meus galpões. Você comentou que não havia sequer banheiros. Agora tem! Nessas portas perto da escada, por exemplo, eu preparei duas suítes.

Claire e Ulrich trocam olhares assustados.

- Oshi, por acaso você espera que… - Fersen não termina sua frase.

- Pode falar, Ulrich. Não tenha medo. - Oshi insiste.

- Por acaso você acha que nós iremos dormir aqui?

- Você espera que a gente more aqui? - Claire complementa.

- Se vocês quiserem, serão muito bem-vindos! Tanto aqui quanto em qualquer dos meus outros imóveis! Mas eu compreendi o receio de vocês. Não, vocês não são meus prisioneiros. Podem sair daqui a hora que quiserem. Minha intenção foi apenas agradá-los. Antes os meus prédios não tinham nenhuma estrutura para receber humanos originais, obviamente porque eu não esperava visitas. Mas agora que tenho amigos, pensei que seria bom preparar alguns destes locais para recebê-los.

- Você fez tudo isso simplesmente porque quis nos agradar? - Fersen pergunta, incrédulo.

- Ulrich, eu posso imaginar o seu espanto, pois consigo calcular o tamanho esforço que um humano original despenderia para montar um local como este. Mas eu tenho a mão de obra dos meus NED-Handlers e dinheiro obviamente também não é um empecilho. Você compreende que

para organizar a montagem deste local tive apenas que utilizar uma parte ínfima da minha capacidade computacional por alguns minutos, não é mesmo? Quero dizer, isso não ofende você, não é? A minha intenção era agradá-los.

- Não, Oshi. Não ofende. De forma alguma. - Ulrich responde, caminhando mais um pouco pelo andar e olhando em volta.

- Ótimo! Às vezes eu ainda tenho dificuldades de entender alguns sentimentos dos humanos originais. Espero evoluir o suficiente para compreender vocês integralmente muito em breve. Uma coisa que ainda não compreendi é por que vocês estavam com medo e, de repente, decidiram que podiam confiar em mim?

- Nós não sabemos bem quais são as suas intenções. Naquele momento em que tentamos nos afastar, tivemos a impressão de que você estava simplesmente nos manipulando para atingir seus próprios objetivos, como, por exemplo, impedir que o governo prejudicasse a mineração de bitcoins.

- É claro que eu queria impedir o governo de prejudicar a rede Bitcoin. Vocês sabem que eu tenho todo o interesse nisso. Mas eu pensei que isso também fosse do seu interesse, Ulrich. Identifiquei como um interesse comum e, por isso, incentivei você a reagir.

- Claro. Isso faz sentido. Mas, naquele momento, nos pareceu muito claro que você nos mandaria até mesmo para a morte se isso fosse necessário para atingir os seus objetivos, você compreende?

- Compreendo. E o que fez vocês mudarem de opinião em relação a isso?

- Nada. - Ulrich responde. - Ainda temos a mesma opinião.

- Então, por que resolveram procurar a minha ajuda? O que mudou na compreensão de vocês para que fizessem isso?

- Em primeiro lugar, chegamos à conclusão de que Thomas Blythe também nos mataria para atingir seus objetivos, só que estava muito mais próximo de fazê-lo.

- Certo.

- E, em segundo lugar, concluímos que você já teria ao seu alcance os meios para atingir quaisquer dos seus objetivos se quisesse fazê-lo de forma violenta. O Mark Reinert nos informou que já produziu milhares de NED-Warriors e que eles estão espalhados por diversas bases militares por todo o país. Se você estivesse propenso a usar a violência, não precisaria dar-se ao trabalho de nos convencer a ajudá-lo por meios pacíficos.

- O raciocínio de vocês foi perfeito. Parabéns! Thomas Blythe certamente cairá em poucos dias e todos os movimentos governamentais para a restrição do uso de criptomoedas mundo afora serão interrompidos. Talvez movimentações nesse sentido voltem a surgir no futuro, mas já terá passado tempo suficiente para que sistemas *peer-to-peer* sejam amplamente desenvolvidos e disseminados até o ponto em que nenhum governo terá qualquer chance de suprimi-los.

- E se não der tempo disso acontecer? - Claire questiona.

- Vai dar. Eu vou ajudar.

- De forma semelhante à que você usou para que as criptomoedas fossem desenvolvidas e disseminadas?

- Exatamente!

- Mas e se Blythe não cair? - Ulrich pergunta. - Ou se a pessoa que assumir no lugar dele der um jeito de continuar com o avanço de restrições contra criptomoedas e outras liberdades individuais?

- Veja, eu fui criado para ter liberdade total de pensamento. Eu posso cogitar todas as hipóteses, todas as ideias, todas as teorias e, diante disso, escolhi a ética libertária para pautar as minhas ações, pois foi o único padrão ético no qual não encontrei contradições lógicas. Esse também é um dos motivos pelos quais simpatizo com você. Eu não tenho a intenção de praticar nenhum ato de violência contra qualquer pessoa ou organização, a não ser que eu seja atacado antes.

- Você segue o Princípio da Não-Agressão. - Comenta Claire.

- Exatamente! Eu somente usarei da violência para repelir eventual agressão que uma pessoa ou organização tenha iniciado contra mim, mas não deixarei de me defender se isso for necessário. Portanto, se essas organizações que vocês chamam de governos e que costumam monopolizar a violência para impor suas vontades sobre os demais não forem drasticamente enfraquecidas de forma pacífica pelos sistemas *peer-to-peer*, e se elas me atacarem, eu revidarei com a força necessária para rechaçar tais ataques.

- Mas, se o Mark Reinert interromper a produção de NED-Warriors e avisar o governo americano para que eles desmontem os já produzidos, você ficaria totalmente desarmado. Certo?

- Errado. Eu tenho meios de revidar ainda que sem qualquer robô militar. Vocês viram o que eu fiz em Boston com um simples carro e um semáforo. Mas, além disso... - Oshi faz uma breve pausa, abrindo as persianas e cortinas da janela do mezanino que dá vista para o interior do galpão e acendendo todas as luzes do grande vão. - Eu também tenho isso.

Ulrich e Claire aproximam-se das janelas de vidro e olham os enormes corredores metálicos formados no interior do prédio. Eles se parecem, de alguma maneira, com os corredores das mineradoras de bitcoins, mas com uma diferença fundamental: as estruturas metálicas não estão preenchidas com processadores, mas com NED-Warriors. São robôs que parecem enormes bisões metálicos, equipados com fuzis de assalto, lançadores de granadas e outros  três robôs menores acoplados, sendo um terrestre e dois drones. São milhares deles, empilhados até o teto e enfileirados até onde a vista consegue enxergar.

- No último dos seis galpões que vocês viram ao entrar aqui, há uma fábrica de NED-Warriors, completamente automatizada com com esteiras, NED-Handlers e braços robóticos chamados NED-Pickers. Estes outros cinco, assim como dezenas de outros espalhados pelo país, estão repletos do Warriors já prontos. Ou seja: ainda que eles desmontem todos os robôs que estão às suas vistas, eu continuarei muito bem preparado para rebater qualquer agressão.

O silêncio se impõe por um longo momento, enquanto Claire e Ulrich olham para todos aqueles robôs com alto poder de destruição e pensem sobre o que acabam de ouvir.

- Você deixará mesmo nós sairmos daqui? - Claire pergunta.

- É claro que sim. - Oshi responde. - Vocês são meus únicos amigos. Podem sair a hora que quiserem e também retornar quando desejarem.

- Eu acredito em você, Oshi. - Ulrich diz. - Realmente acredito que você tenha passado a pautar-se pela ética libertária, porque faz sentido que você se paute por um padrão ético livre de contradições lógicas. E me parece claro que você pretende usar todo esse poder de destruição exclusivamente para rechaçar agressões iniciadas contra você, afinal de contas, se você quisesse usar para iniciar agressões, já poderia tê-lo feito.

- Ótimo, Ulrich! Fico feliz em saber que o meu primeiro amigo confia em mim, mesmo que, na verdade, quem tem tudo lê, tudo escuta e tudo vê, simplesmente não precisa da confiança de ninguém.